

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

LETÍCIA HORN OLIVEIRA

**AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS PRÁTICAS  
SOCIOEDUCATIVAS VOLTADAS À CRIANÇA  
E AO ADOLESCENTE**

Prof. Dr. Pedrinho Arcides Guareschi

Orientador

Porto Alegre, janeiro de 2007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

**AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS  
VOLTADAS À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e da Personalidade.

Letícia Horn Oliveira

Professor orientador: Dr. Pedrinho Arcides Guareschi

Porto Alegre, janeiro de 2007.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( CIP )**

O48p Oliveira, Letícia Horn

As políticas públicas e as práticas socioeducativas voltadas à criança e ao adolescente / Letícia Horn Oliveira. – Porto Alegre, 2007.

111 f.

Diss. (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) – Fac. de Psicologia, PUCRS.

Orientação: Dr. Pedrinho Arcides Guareschi.

1. Psicologia Social. 2. Sociologia Educacional. 3. Políticas Públicas. 4. Crianças – Aspectos Sociais. 5. Adolescentes – Aspectos Sociais. I. Guareschi, Pedrinho Arcides.

CDD 301.1

Ficha Catalográfica elaborada por  
Vanessa Pinent  
CRB 10/1297

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

A Comissão Examinadora aprova a Dissertação de Mestrado  
como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e da  
Personalidade, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS  
VOLTADAS À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE**

Elaborada por

**Leticia Horn Oliveira**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Pedrinho Arcides Guareschi  
(Orientador/ Presidente – PUCRS)

---

Profa. Dra. Helena Beatriz Kochenborger Scarparo  
(PUCRS)

---

Profa.Dra.Lílian Rodrigues Cruz  
(UNISC)

À minha família querida, Pai, Mãe, Tine, que se dispôs a sonhar e se aventurar ao meu lado, dando amor e apoio incondicional e compreendendo meus momentos de “ausência”.

Às crianças e adolescentes que, nesses quatro anos de atividade profissional, me ensinaram e ensinam, a cada dia, sobre a força revolucionária do afeto e a sobre a resistência às intempéries da vida.

## AGRADECIMENTOS

Ao mestre querido, Pedrinho Guareschi, pelas muitas discussões e aprendizado constante sempre acompanhadas por “rodadas de chimarrão acaloradas”. Pessoa que nas suas relações sabe dar o devido valor ao significado da palavra *vínculo*. Muito obrigada!

Ao grupo de leitura e grupo de pesquisa pelo aprendizado mútuo.

Aos colegas de mestrado Marcos, Roberta, Viviane e Janaína, pelas trocas e demonstração de amizade.

Ao amigo Warley, pela revisão acurada deste trabalho.

Ao Dani querido, parceiro constante e testemunha de todos os momentos desta caminhada e cujo companheirismo foi fundamental.

À amiga Jaque, pelos muitos diálogos e por seu exemplo de trabalhadora social.

À amiga Patrícia, grande incentivadora que sonhou comigo este mestrado desde o tempo da graduação. Exemplo de pessoa e de pesquisadora. Muito, muito obrigada!

À Zeila, colega e amiga, pela capacidade de compreender os momentos de cada um.

Aos amigos da “turma”, pelos momentos alegres e de descontração nos fins-de-semana.

Aos educadores e amigos do Centro Social pela partilha na crença de que “um outro mundo é possível”.

Aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade e confiança depositada neste estudo.

À CAPES, pela concessão da bolsa que possibilitou a realização deste mestrado.

## SUMÁRIO

	Página
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
ADENTRANDO NO MUNDO DA PESQUISA.....	8
OS DOIS ARTIGOS.....	10
<b>1. ARTIGO 1: AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS VOLTADAS À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS..12</b>	
RESUMO.....	12
ABSTRACT.....	12
POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO SOCIAL: CAMINHOS POSSÍVEIS.....	13
REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS ADVINDAS DO ECA: O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.....	19
PRÁTICAS SOCIAIS E PSICOLOGIA.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
<b>2. ARTIGO 2: SASE: REPRESENTAÇÕES, CONTRADIÇÕES E DESAFIOS.....30</b>	
RESUMO.....	31
ABSTRACT.....	31
CONTEXTUALIZANDO O PROGRAMA SASE.....	35
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SASE.....	41
CONTRADIÇÕES ENTRE O PROJETO E A PRÁTICA.....	47
DESAFIOS QUE O SASE APRESENTA.....	55
UMA REFLEXÃO PARA FINALIZAR NOSSA DISCUSSÃO.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....66</b>	
<b>ANEXOS.....68</b>	
1 - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	69
2 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS.....	72
3 - LETRA DAS MÚSICAS: “RAP DAS CRIANÇAS DO SASE” E “RAP: O CAMINHO É O SASE”.....	109

*"Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade". Paulo Freire*

## APRESENTAÇÃO

### **Adentrando no mundo da pesquisa**

A viagem em que embarquei, ingressando no mestrado, teve seu início, na verdade, em 1999, quando comecei a me aproximar do mundo da pesquisa. Acreditava que assim poderia entender um pouco melhor muitos questionamentos pessoais sobre a sociedade em que vivemos. Adentrei, durante a graduação em psicologia, em estudos em grupos de pesquisa na PUCRS e UFRGS sobre infância e violência, movimentos sociais, imigração, trabalho e desemprego, dentre outros assuntos. E quanto mais estudava, mais me dava conta da complexidade que é a vida e o ser humano.

Chegando a hora de enfrentar um programa de mestrado, vieram à tona numerosas temáticas a abordar e uma certeza, a de que deveria ser um tema relacionado à prática social cotidiana. Emergiu a idéia de que o tema deveria servir de referência e espelho, não só à minha própria prática enquanto profissional, mas também, de que teria de ser um trabalho que não viesse a preencher prateleiras de biblioteca e sim que pudesse, numa singela tentativa, ter um papel transformador.

Esta dissertação de mestrado é oriunda de uma tentativa de compreender, então, a dinâmica de um programa social voltado ao atendimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, como se vê na ação do SASE (Serviço de Apoio Socioeducativo). Há cerca de quatro anos, atuo junto a esse programa social, primeiramente como estagiária de psicologia comunitária e, após o fim da graduação, efetivando minha atuação como psicóloga social.

Minha experiência em três organizações não-governamentais com três programas de SASE me possibilitou vislumbrar a importância deles e ao mesmo tempo observar seus desafios. Através dessa vivência institucional, acompanhei o ingresso e o desligamento de muitas crianças e adolescentes. Percebe-se que é de praxe as instituições de atendimento à infância e adolescência concentrarem suas ações no atendimento, por vezes desprezando a análise e produção de indicadores que venham a subsidiar os gestores das políticas públicas, bem como qualificar os serviços prestados pelas instituições. Lembro-me de um fato ocorrido quando da última troca de governo na gestão municipal da cidade de Porto Alegre. Uma das irmãs religiosas que fazia parte da coordenação do SASE em uma das instituições em que eu atuava olhou para mim apreensiva e disse: - Meu Deus, agora vão acabar com o serviço e o que será dessas crianças? O desabafo era uma clara alusão às mudanças que ocorrem nas políticas públicas a cada vez que um governo diferente é eleito. Na ocasião o fato ocorrido me deu a certeza de que deveria estudar a temática.

Freire (1999) fala da prática tomada como curiosidade, uma prática que desperta horizontes de possibilidades. Foi com certeza a experiência prática e as trocas cotidianas que me fizeram adentrar na temática deste estudo.

As pessoas então fazem de seus discursos um panorama do que é possível fazer. Não se limitam apenas àquilo que deve ser feito. As pessoas descobrem com a prática as suas possibilidades. Mesmo dentro dos limites analisados, as pessoas organizam esforços para viabilizar o que está sendo difícil de ser feito. Penso que esse processo amadurece politicamente os intelectuais e os grupos populares. Penso que nesse processo as pessoas não se limitam a discutir sobre conteúdos, mas as pessoas discutem sobre as dimensões e os momentos da prática. (FREIRE, 1999, p.41)<sup>1</sup>

Uma primeira constatação, logo no início deste trabalho, foi a de que faltam estudos ou publicações sobre o programa SASE e suas práticas cotidianas enquanto um fenômeno

---

<sup>1</sup> Freire, P.; Nogueira, A. (1999). *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. (5º ed.) Petrópolis, RJ: Vozes

social. Foram encontrados poucos documentos e registros, sendo estes produzidos para fins burocráticos: projetos e textos informativos de circulação interna nos órgãos municipais. A análise de documentos, entrevistas e observações das práticas cotidianas constituíram, portanto, os instrumentos metodológicos para esta pesquisa.

É difícil compreender a efetividade de políticas públicas voltadas à criança e ao adolescente, assim como para outros públicos de abordagem, sem que perpassasse por um processo educativo. Temos numerosas atividades sociais no país, realizadas em sua grande maioria por organizações não-governamentais. Essas tentam, através de suas atividades educativas, resgatar a dignidade dos chamados no senso comum de “excluídos”.

### **Os dois artigos**

Paulo Freire, um dos autores com cujas idéias trabalhei nesta pesquisa, escreve em seus textos que teoria e prática são momentos indissociáveis de um mesmo processo. Sendo assim, tornou-se um desafio escrever esta dissertação dividindo-a entre dois artigos. Uma sensação de esvaziamento somente compreendida pelo saber científico e necessidade de produção acadêmica.

No primeiro artigo, procuramos trazer uma compreensão teórica acerca das políticas públicas e as práticas educativas voltadas à criança e ao adolescente, problematizando questões em torno do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e as práticas sociais exercidas pela psicologia. No segundo artigo, trazemos à discussão o programa SASE (Serviço de Apoio Socioeducativo), que vem ao encontro das políticas sociais advindas do ECA, mais especificamente no que concerne à proteção integral.

Foi a partir de Paulo Freire que, para muitos de nós, a educação surgiu como um espaço vital, como uma alternativa de atividade política e, cada vez mais, a educação social entra na tônica das discussões junto às políticas públicas.

**ARTIGO 1****AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS VOLTADAS À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS****THE DIRECTED PRACTICAL PUBLIC POLITICS AND THE EDUCATIVESOCIAL ONES TO THE CHILD AND THE ADOLESCENT: ESTIMATED THEORETICIANS**

**Letícia Horn Oliveira\***

**Pedrinho Arcides Guareschi\*\***

Afiliação institucional: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Endereço: Av. Ipiranga, 6681 – Partenon – Porto Alegre/RS – CEP: 90.619-900  
Endereço eletrônico: leticiaholiveira@yahoo.com.br – guareschi@pucls.br  
Financiamento: CAPES

---

\*Psicóloga, mestranda em Psicologia Social e da Personalidade pela PUCRS

\*\*Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, coordenador do Grupo de Pesquisa Ideologia, Comunicação e Representações Sociais.

## **AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS VOLTADAS À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

**Resumo:** Frente a uma sociedade cada vez mais desigual e injusta na garantia dos direitos sociais, políticas públicas são criadas na tentativa de apaziguar conflitos, mesmo que de maneira residual. Este trabalho tem como propósito trazer subsídio teórico sobre as políticas públicas voltadas à criança e ao adolescente, discutindo questões relacionadas ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e à educação social como prática de libertação. Ao final, intenta trazer um questionamento sobre o papel da psicologia frente às práticas sociais.

**Palavras-chave:** políticas públicas, ECA, educação social, práticas psicológicas.

## **THE DIRECTED PRACTICAL PUBLIC POLITICS AND THE EDUCATIVESOCIAL ONES TO THE CHILD AND THE ADOLESCENT: ESTIMATED THEORETICIANS**

**Abstract:** Front to a society each more different and unjust time in the guarantee of the social rights, public politics is created in the attempt to calm conflicts, exactly that in residual way. This work has as intention to bring theoretical subsidy on the public politics directed to the child and the adolescent, arguing questions related to the ECA (Statute of the Child and the Adolescent) and to the social education as practical of release. To the end, it intends to bring a questioning on the paper of psychology front to practical the social ones.

**Key words:** public politics, ECA, social education, practical psychological.

## AS POLÍTICAS PÚBLICAS E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS VOLTADAS À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

*“O saber começa com a consciência do saber pouco. É sabendo pouco que uma pessoa se prepara para saber mais...O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber” (Paulo Freire)*

O desenvolvimento econômico e social do Brasil ainda não conseguiu inovar nos modos de assistência à população, seja na saúde ou na educação. A prevenção é uma palavra muito bonita, mas relegada a um canto escondido de nossa consciência. Quantos governos já tentaram inovar na construção de políticas públicas autênticas. Os investimentos em saúde e educação são escassos, enquanto os bancos financeiros crescem em lucratividade. Na educação formal, continuamos repetindo os mesmos modelos educacionais. E como é difícil mudá-los. Os jovens estão enfiados de reproduzir tais modelos. Há fronteiras difíceis de ultrapassar, parecendo realmente intransponíveis aos nossos olhos e atos concretos.

As entidades não-governamentais, frente à precariedade do Estado no gerenciamento social, vêm assumindo importante papel na execução das políticas públicas no país nas áreas de saúde, educação, esporte e cultura. Diante de uma sociedade violenta, dominada por narcotráficos, corrupções políticas, desemprego e miséria, as entidades fazem o papel de retaguarda a grande parte da população que tem suas “vidas desperdiçadas”, como bem diria Bauman (2005), ou seja, excluídas socialmente.

A proposta deste artigo é tríplice: a) discutir as políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes e, ao mesmo tempo, a questão da educação social como prática de educação libertadora; b) discutir os pressupostos teóricos subjacentes ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) como uma das tentativas de construção de uma política pública

reconhecida como uma das mais inovadoras e desafiadoras; c) Finalmente, trazer um questionamento sobre o papel da psicologia nas práticas sociais.

### **Políticas públicas e educação social: caminhos possíveis**

Muitos dos serviços prestados por entidades de assistência social são pensados como uma forma de combate e enfrentamento a “todos os desdobramentos e conseqüências da questão social que é visível em relação à violência doméstica, à dependência química, às vítimas de situação de risco, da prostituição infantil e da moradia nas ruas”. (GUIMARÃES, 2002, p.78)

A ação socioeducativa realizada em muitas entidades sociais contempla uma série de atividades cujo objetivo é fornecer apoio, acolhida, espaços de convivência, reflexão e participação, fortalecimento do vínculo familiar, convivência comunitária e construção de projetos.

É importante diferenciar o termo socioeducativo, aqui utilizado, do conceito sobre “medidas socioeducativas” previsto no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), as quais dizem respeito às medidas destinadas aos adolescentes em conflito com a lei.(ANDRADE, 2000)

A conjugação de educação e proteção social na efetivação da ação socioeducativa, dirigida a crianças e jovens em diferentes recantos deste país, está prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Deve ser praticada pela escola e por organizações sociais a fim de possibilitar o desenvolvimento pleno de crianças e jovens.(ANDRADE, 2000)

O desafio atual de inserir as ações socioeducativas no escopo da política pública da proteção social, por meio da implementação do Sistema Único de Assistência Social, tem

mobilizado setores governamentais e da sociedade civil, como o Colegiado Nacional dos Gestores Municipais da Assistência Social. (ANDRADE, 2000)

Quando se escreve sobre política social voltada à educação e seus benefícios é de praxe colocar-se a frase: “esta política tem como pressuposto o resgate da cidadania...” Mas de fato, o que é educar para a cidadania?

Ser cidadão é ser sujeito de sua própria história e da história de sua comunidade, de sua cidade, Estado, de sua nação e de seu mundo. É também todo o homem e mulher, sem discriminação de idade, religião, raça, cultura, igualado pela sua condição de ser humano. (BALESTRERI, 1992)

Guareschi (2004) traz a importância de uma prática educativa cujo modelo seja libertador (dialogal ou dialógico) em que as pessoas sejam sujeito de seu saber e através do diálogo possam buscar alternativas aos problemas. Dessa maneira é que o processo educativo pode promover a emergência do que há de interno nas pessoas, através da reflexão e do crescimento em consciência e responsabilidade.

O eixo da Educação Libertadora é a busca da construção de novas relações, tendo em vista a construção de sujeitos históricos. Fazer opção pela Educação Libertadora é comprometer-se com a transformação social, através de um projeto político-pedagógico de resistência ao modelo vigente em nossa sociedade. Em nível de sistema escolar, é proporcionar espaço de discussão, reflexão e participação de todos, direta ou indiretamente envolvidos no processo.

Balestreri (1992) coloca cinco princípios de como estabelecer uma educação cidadã: o primeiro seria educar para o reconhecimento dos direitos e deveres que carregamos dentro de nós; o segundo seria educar para o respeito às individualidades de cada um combatendo qualquer tipo de preconceito, discriminação ou privilégio; o terceiro seria educar cada um para acreditar em si mesmo, na sua capacidade como agente de transformação da realidade

social em que convive; o quarto seria educar para um ser fraterno sem com isso abandonar o que é de singular de cada um; o quinto seria um educar para ser um lutador pacífico contra qualquer tipo de injustiça ou sistema que negue a alguém o direito de ser cidadão.

O autor coloca, ainda, que esse é um programa que não se pode cumprir em nível discursivo, isto é, dicotomizar entre discurso e prática é negar qualquer possibilidade educativa. Falar em dicotomia entre discurso e prática quer dizer que não podemos educar para o respeito aquelas pessoas a quem não respeitamos, nem falar de fraternidade aos que reprimimos. Da mesma maneira, estamos sendo hipócritas quando pregamos participação a quem calamus.

Educar para a cidadania está relacionado ao tipo de metodologia do fazer pedagógico e à forma como estabelecemos as relações interpessoais com os alunos. A cidadania precisa ser vivenciada por todo educador que se pretenda cidadão.

É preciso discutir e questionar o mito de que as mudanças sociais dependem da Escola. O saber e a forma como ele é produzido ajuda a explicitar o horizonte e o caminho da sociedade que queremos construir. (BARCELOS, 1992)

No pensamento de Freire (1997), a educação é intrinsecamente relacionada no ser humano à relação com o mundo. O autor apresenta uma constante preocupação sobre o papel e a responsabilidade ética do educador enquanto alguém que desempenha uma função muito diferente da de um treinador do educando no desenvolvimento de suas destrezas. Dada a omissão criminosa do Estado, as comunidades populares se vêem obrigadas a construir espaços educativos muitas vezes sob condições precárias. Tentam buscar soluções e alternativas para dar conta de algo que deveria ser de direito de todos e legitimado, abraçado pelo Estado.

A educação popular é uma prática política por se tratar da organização, mobilização e capacitação das classes populares. Paulo Freire expressa que não há separação entre ato e

saber, ou seja entre pensamento e ação. Segundo ele “os grupos populares são perfeitamente capazes de apreender a significação do discurso teórico” só o que não compreendem é quando a linguagem desse discurso é complexa.( FREIRE, 1999, p.37)

Partindo da perspectiva de uma pedagogia crítica, é papel dos educadores levantar questões tais que levem a uma consciência sobre que valores, sociedade e partindo de que modelo educacional se pode construir algo que nos qualifique como humanos.(BUTTURA, 2005)

Para a existência de uma prática educativa autêntica é necessário formação científica séria e uma clareza política dos educadores. O afeto deve ser misturado à capacidade técnica a serviço da mudança. (FREIRE, 1996)

Ao se tratar de processo educativo, partimos do princípio de que o ser humano é um ser que está sempre em processo inconcluso e dinâmico, por isso nunca teremos a obra acabada. Dessa maneira, também o projeto político-pedagógico é um processo permanente. Estar inacabado não quer dizer que não tenha que ter um plano, estratégia, diretriz. Buttura (2005) coloca que, mesmo de forma não tão dita, por trás de todo processo educativo há uma ideologia ou seja, uma concepção “teórico-metodológica que orienta a formação das pessoas e, conseqüentemente, define a qualidade de suas relações” (p.81). Por isso é que se pode dizer que um projeto pedagógico é também um projeto político.

Segundo Gadotti e Romão (2001), o projeto envolve um princípio de valores e vivências cotidianas, envolve criação, transformação entre o que existe e o que há por fazer. É uma articulação de saberes já construídos com novos saberes produzidos.

Quando exercitamos o conhecimento como prática de libertação, possibilitamos o surgimento de sujeitos conscientes do lugar que ocupam no meio onde convivem, seja sua escola, comunidade, sociedade como um todo para que, agindo nesse meio, possam modificá-lo. A importância da consciência crítica se dá ao dar-mos conta de que, quanto mais

percebemos o alcance do nosso pensar e agir, mais responsabilidade assumimos. Essa liberdade e autonomia só deve ser possível pautada por uma ética entre educador e educando através de uma ação crítico-reflexiva. A ética nesse sentido se refere a um respeito entre o enunciado e o praticado na relação educador e educando. É quando o conhecimento consegue superar o nível da consciência ingênua que ele se torna práxis, libertação. É nessa hora que as verdadeiras transformações ocorrem. (BUTTURA, 2005)

O pensamento pedagógico de Paulo Freire está colado a um projeto social e político, político-pedagógico cujo conteúdo é a libertação. Ele colocava em seus registros que a educação, para ser transformadora, deve ser capaz de transformar as condições de opressão e enraizar-se na cultura dos povos. Para ele, a problematização supõe uma ação transformadora e o conhecimento deve se constituir numa ferramenta para intervir no mundo. Criticou a noção de “sala de aula” que ainda hoje vigora em muitas instituições educacionais no país, percebendo que espaço escolar é muito maior que o da escola. Temos diferentes espaços de formação tais como mídia (rádio, TV, internet etc.) e espaços tais como igrejas, sindicatos, empresas, ONGS e espaço familiar. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica e a escola estendeu-se para a cidade e o planeta. A pedagogia da autonomia é fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando (FREIRE, 1996)

Uma das tarefas mais importantes da tarefa educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações consigo mesmo e em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de assumir-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu* (p.47)

A prática educativa libertadora se recusa ao ensino bancário. À escola cabe o dever de “não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também,

discutir a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 1996, p.33)

O saber é associado a uma comunidade e a seu contexto, mas os saberes variam. As formações sociais produzem diferentes tipos de saberes. É através do contexto que o saber deriva sua lógica e racionalidade. O saber pode ser visto como forma dinâmica que emerge continuamente. O saber é “sempre obra de uma comunidade humana e, portanto, deve ser entendido no plural” (JOVCHELOVITCH, 2002, p. 16).

Após essas reflexões sobre pressupostos teóricos das políticas públicas e educação, gostaríamos de particularizar uma discussão sobre o ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) reconhecido como uma das mais importantes tentativas de construir alicerce para uma política pública realista e crítica, com respeito a infância e adolescência.

### **Reflexão sobre as práticas advindas do ECA: O Estatuto da Criança e do Adolescente**

O ECA teve o seu desdobramento a partir da Constituição de 1988. Com apoio no Estatuto, as crianças e adolescentes passaram a ser vistas como sujeitos em situação peculiar de desenvolvimento e pessoas portadoras de direitos. Tem proporcionado um novo modelo à política educacional no que diz respeito à responsabilidade dos pais ou responsáveis, da escola e da sociedade no que concerne à garantia de direitos à escolarização de crianças e adolescentes.(LEAL, 2006)

O ECA contém diretrizes para a política pública voltada à criança e ao adolescente. Não há dúvidas sobre os avanços advindos da criação do Estatuto. Porém, tem suas contradições no sentido de que há uma compreensão compensatória no referente às crianças e adolescentes considerados pobres, pois acabam sendo compreendidos como carentes e em situação de risco. Os fins protetores da lei devem ser para todas as crianças, porém apenas as crianças pobres acabam no Conselho Tutelar, vítimas de maus-tratos, violência e negligência.

Muitas vezes, a solução é a abrigagem ou um tutelamento que acaba indo de contramão à emancipação do sujeito (CRUZ, 2005). De nada adianta as crianças terem um programa de proteção, se as suas respectivas famílias continuam em situação de risco.

Demo (1995) faz críticas ao ECA no sentido de que a política é voltada para a cidadania assistida, não resolve um problema crucial que é o da pobreza. Torna as políticas sociais setoriais voltando-se para a prática apenas da educação e assistência. O ECA fundamenta questões relativas a direitos econômicos, sociais e culturais. Os direitos da criança são prioridade absoluta no estatuto, mas a assistência de garantia material às famílias não. O autor defende a garantia e o direito ao desenvolvimento integral da criança e do adolescente e não apenas propor proteção assistencial.

Há uma discussão da família no contexto da vida social frente à situação de sofrimento e abandono de milhares de crianças e adolescentes em todo o mundo. Os programas de orientação e apoio sociofamiliar vêm ao encontro dessa questão na tentativa de enfrentamento ao mal-estar infanto-juvenil. O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê esses programas, que têm como objetivo principal garantir o direito à convivência familiar e comunitária.

Sob o rótulo de programas de apoio sociofamiliar estão sendo veiculadas as mais diversas propostas, relacionadas aos mais diversos setores da sociedade civil, do Estado e de organismos internacionais. Essas propostas têm sido implementadas, à medida que recursos lhes são destinados, sem que haja um debate aprofundado acerca de suas ambigüidades, senão de suas contradições, no campo do ideário de defesa dos direitos sociais. Muitas vezes no bojo dessa diversidade de proposições e sob a égide de um discurso “homogêneo” de justiça e cidadania, os programas de apoio sociofamiliar trazem embutidos princípios assistencialistas e normatizadores da vida familiar que imaginávamos ultrapassados. (MIOTO, 2006, p. 44)

Muitas vezes, o que ocorre com as famílias na prática social é a penalização delas pelas instituições que deveriam promovê-las. Apesar de a família ser considerada, pela Constituição Federal, a base de tudo, tem se verificado uma queda na qualidade de vida das famílias brasileiras. Afora a questão semântica ainda utilizada ao se relacionar a famílias com

problemas como “desestruturadas” relacionando-se as que “falharam no desempenho das funções de cuidado e proteção de seus membros” (MIOTO, 2006,p.54)

A família, enquanto vista como esfera privada, acaba derivando uma organização de serviços públicos voltada basicamente para indivíduos-problema tais como a criança, o adolescente, a mulher e o idoso partindo de situações específicas (violência, maus-tratos, exploração, abandono, etc.) A abordagem para solucionar esses problemas, na maioria das vezes, é também individual. Ao não se trabalhar o todo no social, as ações concentram-se sempre no limite. Há uma tendência histórica nas áreas judiciárias, social ou saúde de centralização de recursos nas questões mais cruéis relacionadas à infância e juventude (trabalho infantil, violência doméstica, prostituição). Nesse sentido, é necessário cada vez mais investimentos em programas que levem à sustentabilidade das famílias para que não precisem chegar ao ponto de vivenciar situações-limite (MIOTO, 2006)

Há uma permeabilidade no respeito aos limites do Estado com as famílias consideradas pobres. São, normalmente, consideradas “desestruturadas” e mais facilmente visitadas, por um assistente social, para verificar suspeitas de violência doméstica ou mesmo educação inadequada. Um dos pilares da construção dos processos de assistência às famílias é o de que elas devem ser capazes de proteger e cuidar de seus membros. As que não conseguem são consideradas, historicamente, incapazes e por isso merecedoras de ajuda pública. Servem de “pano de fundo” também , para a organização das políticas e serviços sociais.

No âmbito das propostas políticas relacionadas às famílias, a idéia da falência e incapacidade também está presente. Ela pode ser observada através da tônica de muitos programas destinados à solução dos problemas da infância no Brasil. Estes colocam o destino dos recursos financeiros atrelado a determinada condição relacionada às crianças e, muitas vezes, a uma única criança. Com isso podemos efetuar a seguinte leitura: Não são os pais que necessitam de recursos para cuidarem de seus filhos, mas são os filhos que necessitam de recursos , uma vez que seus pais são incapazes de protegê-los e educá-los. (MIOTO, 2006, p.54)

A proteção integral da infância e da juventude deve passar por revisões fundamentais. É necessária portanto, uma mudança na organização da assistência às famílias. Não há como separar proteção das famílias, nos seus mais diversos arranjos, da proteção aos direitos individuais e sociais de crianças e adolescentes. Dessa forma, as famílias têm o direito de ser assistidas nos seus direitos fundamentais para que possam desenvolver suas tarefas de proteção e socialização das novas gerações.

A política para a infância e a adolescência proposta pelo Estatuto da Criança e do Adolescente assim como as outras políticas sociais propostas a partir da Constituição de 1988, trabalham sob a perspectiva da descentralização. Dessa maneira transfere para os municípios grande parte da responsabilidade pelas políticas sociais. Através da municipalização, a sociedade pode ter maior controle sobre as políticas sociais. Uma questão adversa à municipalização da assistência é que os gestores sendo, na sua maioria, privados e filantrópicos, não detêm apropriação nessa discussão tornando-se difícil assimilar a idéia de que, mesmo as instituições que atendem crianças e adolescentes sejam filantrópicas, devem estar sujeitas ao controle social. (MENDES & MATOS, 2006)

O processo de municipalização institui os Conselhos Municipais de Direito da Criança e do Adolescente (responsáveis por formular políticas sociais na área da infância e da juventude) e os Conselhos Tutelares. Com a criação dos Conselhos Tutelares é transferida para a sociedade a responsabilidade pela fiscalização do cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. São órgãos compostos por representantes da comunidade que são escolhidos a cada três anos. Mas cada município tem autonomia na gestão dos seus Conselhos. Os Conselhos aplicam medidas de proteção que envolvem “encaminhamentos aos serviços sociais, aplicação de advertência aos responsáveis, requisição de atendimentos e, como último recurso, inclusão em abrigo (...) também representam junto ao Ministério Público o descumprimento dessas medidas” (MENDES & MATOS, 2006 , p. 248).

Mas o que se observa nas práticas cotidianas dos Conselhos Tutelares é uma atuação mais para o controle da conduta dos indivíduos, como a cobrança dos deveres de seus usuários, do que para a defesa dos direitos, o que é garantido pelo ECA. Outro ponto crítico é a formação escolar dos conselheiros, escolhidos muito mais pela política do que pela capacidade técnica de executar proteção ao público alvo de seu trabalho, o que acaba gerando práticas que se distanciam dos pressupostos do ECA. Uma solução para esse problema seria viabilizar a capacitação continuada para esses trabalhadores e assessoria técnica. Mas o mais importante num conselheiro, com certeza, é seu compromisso ético como agente político e implementador de projetos na sua comunidade. O funcionamento do Conselho Tutelar está atrelado ao Poder Executivo Municipal que é responsável pela infra-estrutura, funcionários e a oferta de políticas sociais.(MENDES & MATOS, 2006)

Até agora, vimos a questão do ECA e sua repercussão nas políticas públicas. Mas é inegável que, por trás da construção do Estatuto, há toda uma preocupação acerca do que fazer diante de um mundo que cada vez mais produz desigualdades sociais que, por consequência atinge negativamente a vida de crianças e adolescentes. Os processos de exclusão na nossa sociedade são inerentes à lógica de um mundo neoliberal. É visível que as políticas de inclusão (inserção social) são estratégias para integrar os excluídos ao sistema que os exclui mantendo sob controle as tensões sociais decorrentes do desemprego e da falta de perspectivas de um futuro. (RIBEIRO, 2006)

Há uma classe autoritária em nosso país que opta por acomodar os conflitos, armando-se contra a violência por meio de seguranças privados, criando suas próprias “comunidades” através de condomínios fechados. Bauman (2003) nos faz pensar nos muitos significados da palavra comunidade entre eles o de uma comunidade individualista em que indivíduos bem-aventurados criam pequenas cidadelas particulares na tentativa de escapar à violência de um sistema criados por eles próprios.

Parece cada vez mais claro que o conforto de uma existência segura precisa ser procurado por outros meios. A sociedade não oferece mais segurança, isso agora é papel de cada indivíduo. Dessa maneira a defesa do lugar é sempre local, do bairro, mas chamado de assunto comunitário pela associação de moradores. Encontram-se aí os condomínios fechados. O abrigo que procuram chamam de “comunidade”, designando um lugar seguro.(BAUMAN, 2003)

No Brasil, ao invés de investirmos mais em políticas governamentais que eliminem a pobreza e propiciem dignidade às pessoas, é feito um alto investimento em indústria privada de segurança. Para muitos, a solução é construir mais prisões ou mesmo instituir a pena de morte. Ainda são idéias privatizar e militarizar o espaço público. Na pior das hipóteses e tremendamente terrível alguns dizem: “Não tem solução, melhor acabar com a população das favelas, todos marginais”. Soluções fatídicas e inescrupulosas. Afinal não há espaço para todos no sistema em que vivemos, não há espaço para o “refugio humano” na expressão de Bauman (2005) se dirigindo aos que não se encaixam na sociedade da informação, no mundo que aí está.

Nesse sentido, Ribeiro (2006) alerta para a postura autoritária da classe dominante que opta por acomodar os conflitos armando-se contra a violência sem a menor intenção de procurar a essência e causa das tensões sociais tanto em relação ao ser humano quanto em relação ao meio ambiente e manutenção da vida na Terra.

Nesse contexto a educação social está indissociável da exclusão. Tanto vista pela lógica da política pública quanto através da iniciativa de instituições e/ou organizações sociais, a educação social está voltada, pelo menos em princípio, para a formação e resgate da cidadania. Traz uma visão crítica, mesmo que na superfície, da sociedade que produz as condições materiais e sociais que levam a condição de vulnerabilidade e exclusão social à adultos, jovens e crianças. Tem sua referência na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS),

n. 8.742/1993, e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), n. 8.069/1990 (RIBEIRO, 2006)

O educador social pode ser definido tanto como um militante nas políticas sociais, ou como um funcionário que busca um trabalho assalariado, o que acaba dificultando o estabelecimento de limites entre os diferentes educadores sociais que também podem ser chamados de educadores populares ou de educação não - formal. Seu trabalho está dirigido na maior parte das situações para indivíduos não integrados a instituições maiores, como a família, escola e trabalho. Partindo de uma leitura mais socioistórica, a imagem do educador social veio para substituir figuras de caráter mais repressivo e assistencial que a precederam. (RIBEIRO, 2006)

Há que se ter cuidado para não se cair no discurso das instituições sociais de cunho educacional como locais de confinamento de crianças e jovens, cuja missão implícita não é educar e sim ter um papel de custódia e controle. Dessa maneira evitando que acessem ao crime e incomodem as pessoas de bem. Solução residual para problemas complexos. (BAUMAN, 2005)

As ações que buscam integração e ressocialização realizadas por instituições como escola, abrigos e entidades assistenciais podem, muitas vezes, funcionar como dispositivo de camuflagem dos problemas, sendo que as políticas de inserção se limitam a atender os excluídos, predominando assim “propostas de assistência com componentes de moralização, culpabilização e tutela” (NASCIMENTO & RIBEIRO, 2002, p.25)

A verdadeira educação social, uma educação pautada na busca da consciência social e autonomia, deve ser potencializadora de alternativas a crianças e adolescentes proporcionando seu protagonismo e apresentando novos caminhos e perspectivas de vida.

Finalmente, por estarmos num curso de psicologia perguntamo-nos o que teria a psicologia a ver com as práticas sociais.

### **Práticas sociais e psicologia**

O psicólogo social deve ser capaz nos trabalhos que realiza, dentro de uma leitura social crítica, de proporcionar espaços de criticidade e dialogicidade. Dessa maneira não se cooptando à lógica individual-liberalista que busca o encaixe dos indivíduos em estruturas pré-estabelecidas. (GUARESCHI, 2002)

Quando se fala em abandono de crianças e adolescentes, não podemos nos restringir a um olhar para os pais somente, mas para famílias e populações abandonadas pelo país, por políticas públicas e práticas tecnicistas de muitos especialistas da área da infância e da juventude. As macro e micropolíticas têm uma dimensão ético-política que atravessa os vínculos familiares e que acaba num discurso científico e neutro. Isso ocorre quando essas políticas são distanciadas da realidade e o foco é dado apenas no indivíduo (AYRES, 2002)

Nesse sentido, o psicólogo tem de ter um olhar para o todo compreendendo o indivíduo como um ser socioistórico. Assim sendo, não pode haver um olhar neutro e sim um olhar crítico sobre a realidade. Por isso, numa situação em que uma criança está trabalhando ao invés de estudar, o profissional não pode entrar numa espécie de culpabilização e responsabilização punitiva da família e sim, em conjunto, construir estratégias de superação e conscientização.

Normalmente, é solicitado ao psicólogo, pelas instituições, uma demanda endereçada ao profissional para exercer uma função de perito do individual, assumindo uma postura pretensamente neutra, de forma a desvendar “mistérios, desejos e verdades intrínsecas ao sujeito”. É uma demanda acolhida pela psicologia de uma forma geral e não apenas em instituições como Juizado e remete tanto ao período do Código de Menores, quanto no período pós implantação do ECA. (NASCIMENTO, 2002, p.205)

Cruz (1995) reflete sobre as práticas psicológicas direcionadas ao campo da infância como práticas com concepções naturalistas do conhecimento, calcadas na objetividade e

neutralidade. Dessa maneira o discurso científico acaba produzindo “subjetividades desqualificadas – famílias incompetentes e negligentes – colocando os sujeitos em uma posição de tutela em relação ao conhecimento dos especialistas” (p.75). Há a tentativa de construir uma infância que seja ideal, ou pelo menos desejável.

Partindo da concepção naturalista do conhecimento as famílias consideradas pelo discurso científico como negligentes e incompetentes, ao sentirem-se incapazes de prover as necessidades de seus filhos acabam precisando da tutela ou da assistência dos chamados saberes científicos. Para haver compreensão dos problemas oriundos da área da infância é necessário “integralidade de olhares e escutas, pois estes decorem da miséria de suas famílias e do fracasso das políticas públicas de educação, saúde, trabalho, moradia e saneamento básico” (CRUZ, 2005, p.76)

Guimarães (2002) atenta para a questão de que na área clínica de psicologia, o SUS não disponibiliza quase nenhum atendimento. Para que as pessoas não fiquem excluídas desses serviços, algumas clínicas disponibilizam atendimentos a custos mais acessíveis.

O modelo psicossocial crê que “as pessoas de uma determinada comunidade são os principais protagonistas de seus saberes, de sua produção, de suas vicissitudes e da criação de instrumentos capazes de auxiliar o desenvolvimento de sua realidade”(PEREIRA, 2001, p.171)

Freitas (citado por CAMPOS, 2000) coloca que a psicologia social comunitária privilegia o trabalho com grupos populares e colabora para a “formação da consciência crítica e para a construção de uma identidade social e individual orientadas para preceitos eticamente humanos nas pessoas e seu cotidiano” (p.73)

O psicólogo pode participar de diversas atividades dentro das entidades assistenciais, tais como atendimento psicossocial a crianças, adolescentes, adultos e idosos, dentre outras. Porém o que se vê na prática é que “em 28% das entidades que possuem esse profissional,

13% são remunerados, 14% são voluntários e 01% atuam como remunerado e voluntário, portanto 72% das entidades não possuem atendimento psicológico”(GUIMARÃES, 2002, p.73).

Há muito espaço para ser conquistado pela psicologia junto às políticas públicas tanto em nível de formação acadêmica quanto profissional. Uma das questões importantes do profissional da psicologia é que ele possa fazer as pessoas crescerem em consciência de forma a se tornarem mais livres e responsáveis. A consciência leva à liberdade e assim à responsabilidade. (GUARESCHI, 2004)

Encaminhamo-nos, então, para uma consideração final a respeito do que foi discutido neste artigo. É mister atentar ao risco que se corre em criar um processo de acomodação social na construção de políticas públicas apaziguantes do conflito. Não é à toa que os movimentos sociais no país se encontram cada vez mais diluídos e em práticas sociais individuais numa sociedade em que o que mais vale é “cada um por si e eu comigo mesmo”.

Fazer opção pela Educação Libertadora é comprometer-se com a transformação social, através de um projeto político-pedagógico de resistência ao modelo vigente em nossa sociedade. Em nível de sistema educacional e políticas públicas, é proporcionar espaço de discussão, reflexão e participação de todos, direta ou indiretamente envolvidos no processo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, J. E. de (2000). *Conselhos Tutelares: sem ou cem caminhos?* São Paulo: Veras Editora, 2000

Ayres, L. S. M.(2002)Naturalizando-se a Perda do Vínculo Familiar... In: Nascimento, M. L. do (org.) *Pivetes: a produção de infâncias desiguais*. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do Autor

Balestreri, R. Barcelos, C. A.,Ferreira, D (org.) (1992). *Educando para a cidadania: os direitos humanos no currículo escolar*. Porto Alegre: Pallotti, 108p

Barcelos, C. A.Ferreira, D.,Balestreri R(1992). *Educando para a cidadania: os direitos humanos no currículo escolar*. Porto Alegre: Pallotti, 108p

Bauman, Z.(2003) *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Bauman, Z.(2005) *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Brasil, Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (2002). Brasília: Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Departamento da Criança e do Adolescente

Brasil. Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS); dispõe sobre a Organização da Assistência Social e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 8 dez. 1993.

Buttura, I. M. (2005). *Projeto político-pedagógico: concepção que se define na práxis*. Passo Fundo: UPF

Cruz, Lílian (2005). *(Des)articulando as políticas públicas no campo da infância: implicações da abrigagem*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.Porto Alegre, RS. 297 f.

Demo, P (2002). *Política social, educação e cidadania*. São Paulo: Papirus, 124 p.

Demo, P (1995). *Cidadania tutelada e cidadania assistida*.Campinas: Autores Associados, 1995

Freire, P.; Nogueira, A. (1999). *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. (5º ed.) Petrópolis, RJ: Vozes

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra

Freire, P (1980 a.). *Pedagogia do oprimido*. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Gadotti, M., Romão, J. E. (org.) (2001) *Autonomia da escola: princípios e propostas*.(4ºed.) São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire (Guia da Escola Cidadã vol,1)

Guareschi, P.(2004) *Psicologia social crítica: como prática de libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS

Guimarães, G. T. D. et al.(2002). *Entidades assistenciais: rede de serviços para a constituição de uma política de assistência social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 237 p.

Jovchelovitch, S. (2002). *Psicologia Social: saber, comunidade e cultura*. Trabalho preparado para o IX Encontro Regional Sul da ABRAPSO, Santa Catarina, Brasil, novembro de Departamento de Psicologia Social: LSE, 22 pág. (mimeo)

Leal, M.C.(2006) O Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como marcos inovadores das políticas sociais. In: Sales, M. A., Matos, M. C. de, Leal, M. C.(org.). *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. 2 ed. São Paulo: Cortez

Mendes, A. G. e Matos, M. C.(2006) de. Uma agenda para os conselhos tutelares. In: Sales, M. A., Matos, M. C.de, Leal, M. C. (org.). *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. 2 ed. São Paulo: Cortez

Mioto, R.C.T.(2006) Novas propostas e velhos princípios: a assistência às famílias no contexto de programas de orientação e apoio sociofamiliar. In: Sales, Mione Apolinário, Matos, Maurílio Castro de, Leal, Maria Cistina (org.). *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. 2 ed. São Paulo: Cortez.

Nascimento, M. L. do e Ribeiro, R. S. T. (2002) Percurso do PIVETES: a construção coletiva de um grupo de pesquisa. In: Nascimento, Maria Livia do (org.) *Pivetes: a produção de infâncias desiguais*. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Oficina do Autor

Ribeiro, M.(2006) Exclusão e educação social: conceitos em superfície e fundo. *Educ. Soc.*, Abr, vol.27, no.94, p.155-178

Waiselfisz, J. J. et al (2004). *Nos caminhos da inclusão social: a rede de participação popular de Porto Alegre*. Brasília: UNESCO, 132 p.

**SASE: REPRESENTAÇÕES, CONTRADIÇÕES E DESAFIOS****SASE: REPRESENTATIONS, CONTRADICTIONS AND CHALLENGES****Letícia Horn Oliveira\*****Pedrinho Arcides Guareschi\*\***

Afiliação institucional: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Endereço: Av. Ipiranga, 6681 – Partenon – Porto Alegre/RS – CEP: 90.619-900  
Endereço eletrônico: leticiaholiveira@yahoo.com.br – guareschi@pucrs.br  
Financiamento: CAPES

---

\*Psicóloga, mestranda em Psicologia Social e da Personalidade pela PUCRS

\*\*Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, coordenador do Grupo de Pesquisa Ideologia, Comunicação e Representações Sociais.

## **SASE: REPRESENTAÇÕES, CONTRADIÇÕES E DESAFIOS**

**Resumo:** A proposta deste artigo é trazer os resultados de uma investigação realizada junto ao Serviço de Apoio Socioeducativo (SASE). O estudo teve como propósito investigar as representações, as contradições e os desafios da prática socioeducativa enquanto uma política pública voltada a crianças e adolescentes na cidade de Porto Alegre. Para a coleta dos dados, fez-se a análise de documentos relativos ao projeto do SASE; realizou-se entrevistas com representante da FASC, com famílias, com educadores e com coordenações de SASE; e observações participantes de um programa de SASE. Os resultados mostraram que existem contradições entre o discurso presente nos documentos do SASE e suas práticas concretas cotidianas. Por outro lado, a representação social do SASE é positiva para a comunidade, sendo uma política pública que favorece a proteção e o protagonismo social de crianças e adolescentes. Os desafios apresentados pelo SASE neste estudo devem ser enfrentados para que o Serviço venha a ter, de fato, uma função socioeducativa libertadora e comprometida com o social.

**Palavras-chave:** SASE (Serviço de Apoio Socioeducativo), Políticas Públicas e Educação Social

## **SASE: REPRESENTATIONS, CONTRADICTIONS AND CHALLENGES**

**Abstract:** The proposal of this article is to bring the results of an inquiry carried through next to the Service of Educativesocial Support (SASE). The study it had as intention to investigate the representations, the contradictions and the challenges of the practical educativesocial while one public politics directed the children and adolescents in the city of Porto Alegre. For the collection of the data, it became relative document analysis to the project of the SASE; one became fullfilled interviews with representative of the FASC, families, educators and coordination of SASE; e participant comments of one SASE program. The results had shown that contradictions between the present speech in documents of the daily concrete practical SASE exist and its. On the other hand, the social representation of the SASE is positive for the community, being one public politics that favors the protection and the social protagonism of children and adolescents. The challenges presented for the SASE in this study must be faced so that the Service comes to have, in fact, a liberating and compromised educativesocial function with the social one.

**Key-words:** SASE (Service of Educativesocial Support), Public Politics and Social Education

## **SASE: REPRESENTAÇÕES, CONTRADIÇÕES E DESAFIOS**

Este artigo apresenta os resultados empíricos da investigação que realizamos sobre as práticas socioeducativas, mais especificamente sobre o programa SASE (Serviço de Apoio Socioeducativo em Meio Aberto). Essa discussão se faz relevante devido ao SASE ser uma política pública, um serviço voltado ao público infanto-juvenil, realizado em diversas comunidades da cidade de Porto Alegre. É um serviço pouco estudado e realizado na sua maioria por entidades não governamentais conveniadas com o poder público municipal. São espaços de produção de saberes e conquistas populares.

As questões problematizantes que levaram a esta investigação e às quais pensamos ter conseguido algumas respostas iniciais foram: qual a representação social do SASE enquanto política pública na comunidade; quais as contradições entre o projeto e sua prática cotidiana; quais os desafios de uma educação popular libertadora; finalmente, qual a repercussão do SASE na vida das crianças, adolescentes e famílias.

A fim de coletar informações para a realização deste estudo empírico foram entrevistados cinco representantes de famílias com filhos matriculados no SASE, quatro educadores sociais de SASE, um coordenador de SASE, uma representante da CRB (Coordenação da Rede Básica da Fundação de Assistência Social e Cidadania) e um representante do Fórum de SASE (organização da sociedade civil) e também coordenador de SASE, totalizando doze entrevistas. As entrevistas foram semi-estruturadas de forma a dar liberdade ao discurso dos participantes. Foram ainda analisados os documentos relativos ao “projeto” do SASE bem como observação - participante de um serviço de SASE conveniado à FASC, que atende noventa crianças e adolescentes.

A partir da análise temática das entrevistas realizadas, chegamos a três grandes temas com os quais trabalharemos neste texto. Eles se constituem nos achados de nossa investigação: a) Representações sociais do SASE na comunidade b) As contradições entre o projeto e a prática; c) Desafios que o SASE apresenta.

Por meio de uma discussão entre o projeto e sua prática, pretendemos trazer elucidacões acerca dessas temáticas. Acreditamos na importância central do discurso na construção da vida social. Uma preocupação com o discurso em si mesmo através de uma linguagem vista como construtiva e construída, sendo o discurso uma forma de ação. A medida em que discutimos cada questão de análise, realizamos inserções do “discurso” dos entrevistados neste estudo. (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002).

O objetivo geral do SASE segundo o “projeto” do qual foi constituído é garantir em consonância com o ECA e a LOAS, o atendimento em Regime de Apoio Socioeducativo em Meio Aberto, às crianças e adolescentes com direitos ameaçados ou violados, visando à proteção integral e exercício efetivo da cidadania.

O projeto do SASE foi elaborado por equipe técnica da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) na cidade de Porto Alegre, tendo sua origem em suas lutas populares. Neste estudo foram analisadas versões do projeto escrito no ano de 1997 pela extinta FESC (Fundação de Educação Social e Comunitária), reescrito em 1999 e em 2004 coletados junto à Coordenação da Rede Básica (CRB) / Equipe da Infância e Juventude da FASC. São documentos que visam a normatizar as práticas do Serviço de Apoio Socioeducativo e que servem de referência na aplicação dos serviços. Desde sua construção e reedições posteriores o projeto do SASE não apresentou grandes mudanças, tendo pequenas alterações.

Começaremos então pela contextualização do programa SASE na cidade de Porto Alegre.

### **Contextualizando o Programa SASE**

A Rede de Assistência Social da cidade de Porto Alegre envolve programas e serviços realizados pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), órgão responsável pelas políticas sociais do município. A FASC desenvolve a supervisão das atividades executadas por entidades não-governamentais conveniadas, com vistas a proporcionar atendimento integral às demandas dos grupos sociais em situação de risco. A Rede está dividida em duas estruturas denominadas de Rede Básica e Rede de Serviços Especializados.(WAISELFISZ, 2004)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) surgem para contemplar e legitimar a necessidade de implantação de serviços que atendam crianças e adolescentes, de sete a quatorze anos, no turno inverso ao da escola, assegurando-lhes proteção e apoio para o desenvolvimento em conjunto com a família, escola e comunidade na perspectiva da intercomplementariedade de propósitos e ações. Em 1995, constituiu-se, no município de Porto Alegre, uma parceria entre governo municipal e organizações não-governamentais para execução do Projeto “Extraclasse”. Inicialmente voltado para o público de sete a doze anos, foi ampliado para o atendimento até os quatorze anos. Para iniciar a execução do Serviço de Apoio Socioeducativo, na Rede Conveniada, constituiu-se uma comissão (Fundação de Educação Social e Comunitária/ Assessoria Técnica, Lar São José, Círculo de Pais e Mestres São Francisco, Ordem Sagrada Imaculada Coração de Maria e Casa de Nazaré) a qual tinha como objetivo elaborar subsídio teórico para implantação do referido serviço. Um serviço que tivesse uma diretriz para além do reforço escolar, significando um serviço de proteção integral. (Projeto SASE,1997)

Em 1998, os recursos financeiros do Orçamento Municipal de Porto Alegre para subvenções sociais passaram a compor o Orçamento do Fundo Municipal de Assistência Social e as renovações deram-se a partir das deliberações do Conselho Municipal de Assistência Social em consonância com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Ou seja, a ampliação de convênios ocorre a partir da priorização deste serviço no Orçamento Participativo. Nesse ano, ainda, houve a avaliação das instituições para conveniamento, do Serviço de Apoio Socioeducativo, nas regiões Nordeste, Glória e Extremo-Sul, totalizando quarenta e três convênios. Nos anos subseqüentes, novos convênios foram realizados. (Projeto SASE,1999)

No ano de 2006, conforme dados colhidos junto a assessoria técnica da FASC, havia em torno de oitenta SASES em regime de convênio, mais os centros regionais de assistência social (rede própria) contando com dez programas de SASE. Como todos os serviços foram crescendo em Porto Alegre via O.P (Orçamento Participativo), as demandas de SASE também se deram via O.P, através da demanda de assistência de cada região e priorização de cada região. Dessa maneira não há ampliação de serviços de SASE via índices de vulnerabilidade ou vazios de atendimento. A partir da atual administração municipal, o programa SASE se transformou numa ação do programa “Bem-me-quer” (que é um programa do governo) que tem como foco a proteção e o atendimento à família: *“Com esse novo modelo, o objetivo é que se possa olhar a cidade como um todo e não só por regiões. Mas esse modelo já está no segundo ano de gestão e as demandas ainda ficam vinculadas às demandas do O.P. No interior do Estado se dá muito mais sobre rede conveniada. São poucos os municípios que têm condições de manter o SASE próprio”*.(S.representante da CRB/ FASC)

A LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social) pressupõe Estado e sociedade civil numa relação de execução de políticas públicas(ainda que a responsabilidade seja de um comando único que é do gestor da política de assistência social do município), até porque, o

convenimento recebe recursos públicos. O convênio pressupõe que a entidade passe a executar uma política pública, pois recebe recursos do Estado: *“Não pode ser cobrado dos usuários, é uma política pra quem dela precisar. Entre conveniados e próprios deve haver em torno de noventa (Porto Alegre). O nosso mapeamento se dá em cima da CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e o Adolescente), aqueles que não são conveniados não temos acesso, mas 90% dos SASES são conveniados”* (S. representante CRB/FASC)

Até o ano de 2003 existia um projeto para serviços próprios e outro para os serviços conveniados<sup>2</sup>. Existiam dois projetos com duas coordenações diferentes. Ainda que as diretrizes gerais fossem as mesmas, a metodologia era diferenciada. Ao final de 2003, com o novo reordenamento institucional da FASC, viu-se a necessidade de constituir um projeto único. Mas ainda existem diferenças consideráveis, pois os serviços de SASE nas entidades conveniadas já existiam antes desse reordenamento e o seu funcionamento está atrelado à questão dos recursos: *“Por exemplo, nos serviços próprios a FASC tem serviços técnicos, de educação física, pedagogos e vários oficinairos culturais... No serviço conveniado, tem um educador social como referência e outras atividades como complementares e esse é um diferencial bastante importante... A gente vem pensando numa avaliação mais profunda do programa SASE... Por não haver um monitoramento e acompanhamento sistemático do programa (SASE) como um todo no que diz respeito a impacto e efetividade, a gente não tem*

---

<sup>2</sup> Serviços conveniados são aqueles que recebem uma verba da FASC para executar o programa SASE. Na sua estrutura funcional devem ter necessariamente uma equipe composta por um coordenador, um educador por turno (para grupos de até 25 crianças), oficinairos culturais, pessoal de apoio para secretaria, monitoria, cozinha e serviços gerais. Nos serviços próprios (centros regionais próprios da FASC) a equipe de SASE é multidisciplinar dispendo de pedagogo, assistente social, psicólogo (a), professor(a) de educação física, técnico(a) em cultura ou oficinairo(a) cultural, instrutor (a) ou oficinairo(a) de trabalho educativo e pessoal de apoio para secretaria, monitoria, cozinha e serviços gerais, além de estagiários nas áreas afins.

*como dizer qual modelo é melhor, a gente faz observações a partir da questão empírica que se faz”*(S. representante CRB/ FASC)

Enquanto política pública o SASE possui práticas diferenciadas a começar por sua execução. Na rede própria da FASC, na qual se encontra a minoria dos serviços de SASE o atendimento é em caráter multidisciplinar (pedagogo, psicólogo, assistente social, educador físico, dentre outros). Na rede conveniada, em que se encontram a maioria dos serviços de SASE os atendimentos com psicólogo se restringem a entidades que possuem mantenedora que lhes dê subsídios, pois o convênio com a política pública não cobre atendimento em caráter multidisciplinar.

A heterogeneidade da rede conveniada acaba interferindo na heterogeneidade do programa. Por exemplo, as entidades menores com menos acesso a recursos só conseguem garantir alguns educadores e oficinas culturais voluntárias; já as entidades maiores que tem outras fontes de recurso, como as religiosas, conseguem garantir maior número de atividades: *“Isso é a realidade...Nos espaços próprios da FASC há uma equipe multidisciplinar com técnicos e psicóloga, pedagogo. Nos espaços conveniados o mínimo exigido é um educador social de nível médio e as oficinas podem se dar de modo complementar(...)Como as entidades conveniam serviços, elas acabam tendo que dar conta de uma estrutura para aquele serviço então a gestão se dá de forma pontual sem ter muita articulação com outros. O que já é diferente nos serviços próprios onde os técnicos são os mesmos que atendem as famílias.Então, não tem uniformidade na execução”*( S. representante CRB/ FASC)

Segundo Guimarães (2002), a proposta da assistência social, enquanto política pública e tendo o seu funcionamento em rede, pressupõe conceber o serviço como uma forma de enfrentamento às questões sociais estando integrado tanto às políticas, como a própria comunidade e na relação com as outras entidades. A LOAS pressupõe a assistência como um direito público que necessita de entidades que a realizem e conselhos municipais que a

fiscalizem. Seu propósito é romper com as instituições meramente filantrópicas e particulares que têm histórico de realizar um atendimento espontâneo e isolado. Segundo os propósitos das LOAS, os beneficiários são todas as pessoas que possuem algum tipo de dificuldade para manter a si e sua família (artigo 3º LOAS).

As entidades sociais em geral se caracterizam por atendimento diversificado, atendendo a criança e o adolescente ao mesmo tempo em que atendem a família. Isso é sinal de que elas compreendem os segmentos de forma isolada e demonstram a necessidade de um atendimento integrado, contemplando todos os membros do núcleo de origem (GUIMARÃES, 2002).

Neste estudo nos atemos à Rede de Assistência Básica que abrange os serviços que tem em seu propósito estar presentes em todas as comunidades. São nove centros regionais e treze módulos que realizam os atendimentos prioritários e dão a cobertura geográfica às populações atendidas, de forma a descentralizar os serviços sociais no nível municipal. A Rede Básica abrange os serviços de apoio à família e o Serviço de Apoio Socioeducativo em Meio Aberto e Trabalho Educativo (público adolescente).

O SASE voltado a crianças e adolescentes de sete a quatorze anos engloba, no seu projeto, acompanhamento psicológico, social e pedagógico em turno alternado ao da escola, propiciando proteção integral, além de contribuir para o desenvolvimento afetivo e social. O Trabalho Educativo voltado a adolescentes de quatorze a dezoito anos também é contemplado pelo Programa de Atendimento Socioeducativo em Meio Aberto, mas não é foco central neste estudo.

O projeto do SASE é definido por equipe técnica da FASC e tem etapas metodológicas que são o ingresso, acolhimento, conhecimento, acompanhamento, vínculo, participação, construção coletiva e desligamento.

O SASE, no seu projeto tem alguns objetivos específicos direcionados às crianças e adolescentes: proporcionar conteúdos e vivências que levem em conta o exercício de sua iniciativa, de sua liberdade, de sua participação e de sua capacidade de comprometimento (responsabilidade) consigo mesmo e com os outros, no resgate e construção da consciência crítica de sua realidade pessoal e social; contribuir na construção de um projeto de vida, que respeite a sua trajetória histórico-cultural e resgate a capacidade de sonhar e a identidade pessoal e comunitária das crianças e adolescentes; possibilitar o confronto de argumentos e favorecer o desenvolvimento cognitivo e o aprendizado da convivência e da colaboração entre os diferentes grupos etários; contribuir para o ingresso, retorno, permanência e sucesso na escola, mantendo vínculo e articulação contínua com a rede formal de ensino; inserir as crianças, adolescentes e suas famílias em programas e serviços da Rede de Atendimento.

Com as famílias tem como objetivo estimular o envolvimento, a integração e a participação da família nas ações do Serviço de Apoio Socioeducativo, para que esta, como principal agente de proteção, atue no sentido de resguardar e garantir os direitos fundamentais das crianças e adolescentes.

Nas rotinas do SASE, segundo o projeto, são consideradas como importantes atividades assistemáticas tais como: passeios e visitas com caráter educativo, cultural e recreativo; vivências fora da Instituição, em espetáculos culturais, museus, praças, parques, feiras, exposições, entre outros, garantindo além da integração, o conhecimento e acesso a outros espaços de aprendizagem e lazer.

No SASE em que este estudo foi realizado as crianças e adolescentes freqüentam oficinas sistemáticas tais como: oficina de hip-hop, oficina de artes, oficina de dança gaúcha, oficina pedagógica, informática, esporte e recreação. As oficinas são divididas entre os dias da semana, de segunda a sexta. O SASE trabalha nos turnos matutinos e vespertinos. As crianças e adolescentes freqüentam o Serviço no turno inverso ao da escola. São cinco

educadores acompanhando o SASE e eles se revezam entre os turnos de atendimento. As crianças e adolescentes tem acompanhamento psicológico uma vez por semana na própria instituição, assim como acompanhamento das situações familiares junto ao serviço social da instituição (nesse caso desde que inseridas em programas sociais, cuja a responsabilidade pelo acompanhamento seja da assistente social da instituição). Sempre que possível, freqüentam atividades assistemáticas fora da instituição tais como: passeio ao zoológico, museu, parque aquático, teatro, entre outros.

Começaremos agora a discutir o primeiro eixo de análise deste estudo, trazendo questões relativas à representação social do SASE para a comunidade.

### **Representações sociais do SASE**

As representações sociais (RS) buscam os modos de conhecimento que surgem e se legitimam na conversação interpessoal cotidiana e objetivam compreender e controlar a realidade social (saberes, senso comum, explicações populares). As representações sociais funcionam como mediações, pois não se centram nem em indivíduos isolados, nem numa estrutura, como um espaço abstrato, são processos de mediação(MOSCOVICI, 2003).

A representação “é uma estrutura de mediação entre o sujeito-outro, sujeito-objeto” (JOVCHELOVITCH, 2002 p.6). Sendo assim, ela se constitui enquanto um trabalho de ação comunicativa que liga sujeitos a outros sujeitos e ao objeto-mundo. O trabalho comunicativo da representação produz símbolos objetivando a capacidade de dar sentido e significar. A representação é construída por diversas dimensões como a epistemológica, ontológica, histórica, social, cultural e psicológica.

Na psicologia social de Moscovici (2003, p.28) é “através dos intercâmbios comunicativos que as representações sociais são estruturadas e transformadas”. O poder da representação reside na habilidade de significar, dar sentido, e perpetuar-se, permanecer na cultura. Nossas mentes são efeitos de condicionamentos anteriores que são impostos por

representações, linguagem e cultura. Nós só podemos ver o que “as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções” (p.35).

A finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar. A dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização em que os “objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas” (MOSCOVICI, 2003, p.55). As representações sociais podem ser compreendidas como “um conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente compartilhado”(…)estruturas simbólicas contraditórias, móveis, mutáveis”(GUARESCHI, 2003,p.14)

Moscovici (2003) refere ainda que a representação social é sempre uma produção grupal, não podendo assim ser reduzida às formulações individuais. Em linhas gerais, fazer parte de um grupo significa compartilhar com ele representações sociais que orientam atitudes, comportamentos e opiniões. Neste sentido propõe que as representações são construções sociais compartilhadas. Assim, em pesquisas empíricas, aquilo que define um grupo social a ser investigado seriam as representações por eles compartilhadas, ou seja, aquilo que só será apreendido no final do trabalho.

A proposta levantada por esta categoria questionando o que é o SASE para cada um foi tentar compreender como os participantes do estudo percebem o SASE no seu todo.

O SASE aqui é visto como um espaço de socialização tanto para os educandos quanto para as famílias: “*É um espaço que todas as crianças deveriam ter, independente de ser excluída ou não...É um trabalho de socialização importantíssimo, porque é um espaço que a criança dentro da sala de aula na escola não tem*”( C. educadora de SASE e também professora de escola pública). Aqui a questão da exclusão é questionada, no sentido de que o

espaço do SASE deveria ser um espaço de todas as crianças e não condicionado a uma situação de exclusão social.

O SASE também é visto como um último recurso de resgate da criança e adolescente, como um serviço que vem a superar a negligência de outras instituições sociais, tais como a família e a escola. *“Tem que trabalhar o que a escola e a família não trabalham. Se o SASE não enxergar essa criança ninguém mais enxerga.”* (R. educadora de SASE.)

O SASE é visto como um espaço de escuta, que cria vínculo: *“A gente vê que é no SASE o lugar que eles mais têm freqüência na chamada, porque aqui dentro a gente escuta eles, deixamos que eles sejam crianças e adolescentes, porque em casa não tem esse espaço de escuta, lazer e carinho”*.( S.educadora de SASE)

Ainda dentro da perspectiva do vínculo, o que diferencia o SASE de outras instituições: *“O vínculo é a base de tudo. Esse é eixo central da diferença do SASE pra escola, é o vínculo que o trabalho de SASE proporciona entre o educador e aluno. Se a gente hoje parasse pra perguntar às crianças o que elas preferem, escola ou SASE? A resposta unânime seria: o SASE. Hoje uma escola integral não superaria o trabalho do SASE e a importância que o Serviço tem”* (L. representante da coordenação do Fórum de SASE e coordenador de SASE)

Pelas famílias, é visto como uma porta de acesso para outros serviços e oportunidades: *“Eu tô aprendendo com eles aqui, através do T.(filho) posso conversar com a psicóloga(...)Agora tô fazendo curso de informática aqui no Centro Social (S.Mãe de um educando de SASE). Ainda dentro dessa perspectiva:”A gente percebe que nas reuniões os pais querem conversar com a gente, alguns dizem:- dá uma olhada no fulano que eu não tenho tempo de cobrar o tema (escola) essas coisas...”* ( C. educadora de SASE)

Graças à configuração do serviço de SASE e ao grau de envolvimento com crianças e adolescentes, o educador tem de ter uma atitude para além do profissional, alguém

comprometido com a causa social: *“Hoje em dia ninguém quer abraçar essa causa. Primeiro porque mesmo com convênio, o salário é pouco, a incomodação é grande, só lida com tristeza, com problema, é a questão da doação. Para trabalhar aqui tem que realmente te identificar. Por isso é o que eu dizia que um professor daqui trabalha em qualquer lugar, mas um professor de escola particular não. Tu tens que estar muito preparado psicologicamente e internamente bem resolvido, pois tu vai lidar com problemas. Como é que tu vai dizer pra uma criança não fumar se tu fuma? Como é que tu vai dizer para uma mãe que sofre violência que ela tem que procurar recursos e se ajudar, se tu vives violência? Hoje não se faz uma avaliação com o funcionário para ver se ele está bem, tu é julgado só pelas tuas ações, mas não há uma avaliação do que está acontecendo com esse funcionário.*(M. educador de SASE)

O SASE é visto como um espaço de proteção pelas famílias: *“(...)ajudar as famílias, as crianças a não ficar na rua e não ter problemas com drogas. O SASE ajuda muito nesse sentido”*( A. Pai de dois educandos de SASE)...*“A gente percebe que as crianças podem faltar ( os pais deixam) à escola, a tudo, menos ao SASE (...)”* ( C. educadora de SASE)

Ainda na perspectiva da proteção: *“Pra mim é uma creche em meio turno, para as mães que têm que trabalhar ter onde deixar as crianças. Antes de a M.(filha) entrar aqui ela ficava sozinha em casa e quase colocou fogo dentro de casa. Por mais que eu pedisse pra ela ficar em casa, às vezes ela saía e ficava na casa de vizinhas, mentia. Hoje ela é caprichosa, mais cuidadosa. Nem creche tem psicóloga e aqui tem, é muito bom(...)* aqui tem apoio psicológico porque muitas crianças que tão aqui não é só por questão financeira e sim emocional também. Porque muitos pais são drogados , outros cadeieiros ( cadeia), outros vagabundos mesmo. Tem crianças que tem problemas piores que dos meus filhos” .(E. Mãe de dois educandos de SASE)

Para as famílias, a instituição “escola” não é solidária à política de trabalho do SASE: *“A professora do A.(filho) acha que eu deveria tirar ele do SASE porque no entender dela ele não tá progredindo e sim regredindo, porque ele bagunça mais e não aprende nada e vai à escola só pra bagunçar, só quer colocar apelido. Já com o A. (filho) nunca tive problema no colégio em relação a isso porque foi depois que ele entrou pro SASE que começou a melhorar na escola né.”* (C.Mãe de dois educandos de SASE)

Assim também coloca uma mãe: *“A professora da M. sempre reclama que ela dorme na sala de aula pois fica muito cansada do SASE. Eu não concordo porque pelo que eu saiba as atividades do SASE nos dias da semana são leves. Além do mais eu tenho uma vizinha que a filha dela não tá em programa e fica dormindo até 11h00min da manhã, só vai pra escola à tarde, não cria rotina nenhuma, nem para alimentação(E.Mãe de dois educandos de SASE)*

Há um preconceito das escolas em relação ao SASE: *“Um terço percebe como uma má influência para as crianças, dizendo: ah, naquele SASE só tem maloqueiro, só aprendem coisa ruim lá. Em algumas escolas, principalmente na do meu filho a professora não aceita, por ela ele não tava aqui, porque ela diz que ele é mal influenciado. Mas não é má influência do SASE e sim dos coleguinhas. Na semana passada teve dois dias que ele disse que ia pro SASE mas ficou passeando de ônibus pelo Leopoldina (bairro).A má influência é dentro de casa e não do programa , o SASE tá aí pra incentivar, a gente é bem recebido e a ajuda chega até a criança* (E.Mãe de dois educandos de SASE)

O SASE é para proteção e não para prevenção e isso é percebido como negativo: *“A maioria dos que vêm procurar o SASE e que estão fora dos critérios buscam a prevenção e o SASE não é pra prevenção e sim proteção. E aí vem aquela pergunta:- eu preciso deixar acontecer um problema com a criança pra ela poder entrar no SASE?”*( R.coordenação de SASE.)... *“Eu acho que cada SASE deveria ter uma equipe para trabalhar a família. Hoje se trabalha a consequência e não a causa e isso , muitas vezes, é tapar o sol com a peneira.”*

(R. coordenador de SASE). Aqui a prevenção é entendida no sentido de que todas as crianças deveriam ter direito a frequentar um espaço como o SASE no turno inverso ao da escola e não apenas crianças em situação de risco social, tais como: miséria, violência doméstica, negligência e trabalho infantil.

Há falta de compreensão de algumas famílias em relação ao SASE como um serviço de proteção: *“Eu acho que a maioria das famílias valoriza muito isso aqui, nas reuniões de pais a gente tem uma boa participação, mas tem alguns pais que as crianças estão aqui somente porque foram encaminhadas pelo Conselho Tutelar então os pais não percebem isso aqui como um serviço de proteção pro seu filho. Preferem que eles estejam nas ruas pedindo, pois assim estarão ganhando e levando dinheiro para casa(...) Agora, tem famílias que não aceitam que tu chames pra conversar, que é perda de tempo. As famílias que a gente tem dificuldade pra trabalhar são as que mais precisam estar aqui(...) Porque aqui muita gente procura e nem todos que procuram têm necessidade de estar aqui, mesmo assim eles procuram porque acham importante, porque tem uma preocupação de que o filho vai fazer algo errado no turno inverso ao da escola ficando na rua ou em casa, então eu acho que a comunidade valoriza... Por outro lado, tem gente que percebe assim:- ah o SASE só atende filho de marginal... Isso acontece porque não conseguem enxergar o trabalho que é feito:- ah porque meu filho não tá aí então vou me revoltar, eu trabalho e meu filho não tá aí. e o filho do bandido tá aí... Não entendem que o trabalho do SASE é justamente pra essas crianças. Se o pai tá preso, o que vai ser dessa criança? Dizem:- porque não aceitam meu filho( normal) e de marginal sim?( R. educadora de SASE)*

Há um desconhecimento do serviço de SASE na sociedade e nos espaços institucionais: *“Eu acho que não tem hoje em dia alguém preocupado em saber como é o SASE e divulgar esse trabalho. Material específico pro SASE não existe. Há pouca gente preocupada em estudar isso. As pessoas na universidade não conhecem muito a educação*

*social(...)Conhecer as crianças e sua realidade é uma coisa nova, o afeto é diferente. (S.educadora de SASE)... “Eu acho que há uma desinformação na escola sobre o que é o SASE e o que é que o SASE exige. Porque a maioria das pessoas não conhece o serviço nem mesmo na Secretaria da Educação, pois quando eu fiz entrevista pra entrar no magistério com a psicóloga ano passado,ela não sabia o que era o SASE. Com várias pessoas que eu falei não sabem o que é SASE(C.educadora de SASE e professora de escola pública)*

Há um consenso de que a idade de atendimento das crianças e adolescentes do SASE deveria ser ampliada: *“Eu acho que o projeto do governo é bem interessante. Mas o problema é que não tem seguimento, pára nos 14 anos. Talvez em uma das idades que ele mais precisa, acaba sendo desassistido. Acho que se fosse até os 18 anos teria um resultado muito maior.(G.educador de SASE). Assim também acrescenta uma mãe: “Na verdade eu acho que tinha que ampliar a idade de ficar no SASE até os 18 porque aí os meninos iam pro quartel e as meninas iam trabalhar né”.( N.Mãe de quatro educandos de SASE)*

Ainda sobre a questão da permanência até os quatorze anos de idade: *”Se a criança sai e fica pelas ruas é um prato cheio pros traficantes. Mas, se no tempo que ela ficou conseguimos plantar uma semente, já é alguma coisa.Seria sim interessante que o SASE fosse até os 16 anos, pois depois dessa idade o jovem já pode começar a pensar em trabalho, em se profissionalizar”.( R. coordenador de SASE)*

Analisando o projeto escrito do SASE e sua prática cotidiana foram observadas algumas contradições entre discurso e prática.

### **Contradições entre o projeto e a prática**

O projeto do SASE tem como objetivo conceber o papel de educador como integrante do processo, com função articuladora e mediadora, a fim de ajudar a criança e adolescente na construção da autonomia. Também tem como objetivo garantir aos educadores espaços e

instrumentais para formação continuada na perspectiva da evolução de cada profissional enquanto pessoa humana, capaz de relações saudáveis, promotoras de desenvolvimento e emancipação, superando o mero ativismo na construção da práxis. Realizar estudos e pesquisas na área de apoio socioeducativo, em articulação com outras instituições, produzindo conhecimento e elaborando propostas alternativas de atendimento à infância e adolescência ( Projeto SASE, 1997,1999,2004). Mas o que se vê na prática é uma contradição entre o discurso do projeto e a prática: *“Eu acho que as capacitações aos educadores são muito pobres”*(M. educador de SASE). Dessa maneira verifica-se pouco investimento em aperfeiçoamento de pessoal de SASE. A entidade que tem condições e vontade política para tal desenvolve capacitações, mas com verbas externas, de mantenedoras. Na observação realizada do Serviço se verificou pouca articulação entre as entidades de SASE. As discussões para melhoria do atendimento se dão dentro da instituição e pouco material escrito é produzido acerca disso. Para a existência de uma prática educativa autêntica é necessário formação científica séria e uma clareza política dos educadores. O afeto deve ser misturado à capacidade técnica a serviço da mudança. (FREIRE, 1996)

O acompanhamento escolar das crianças e adolescentes do SASE, segundo o projeto, deve ser de quatro horas mensais concretizando-se por meio de visitas às escolas freqüentadas pelos participantes do serviço. Isso se faz necessário pois é um material importante para ser discutido nas reuniões da Rede de Atendimento da região a fim de somar esforços e definir em conjunto estratégias para a superação das dificuldades das crianças, dos adolescentes e de suas famílias no processo de desenvolvimento. Além disso, é preciso sistematicamente ter dados sobre a freqüência dos usuários, especialmente em situações de evasão da escola ou do SASE. A intenção do acompanhamento é proporcionar mais atenção à criança e ao adolescente no seu processo de aprendizagem, influenciando e alterando sua auto-estima e competências escolar: *“A idéia é que o SASE trabalhe vinculado à escola, pois*

*proteção integral pressupõe isso, e que a presença no SASE seja temporária...o SASE é um programa de proteção enquanto a escola é um direito assegurado no sentido de garantia de desenvolvimento(...)A criança em situação de vulnerabilidade social vem de uma família em vulnerabilidade social que não reconhece o papel da escola como um todo(...)Tem criança que prefere ficar o dia todo no SASE ao invés de ir pra escola” (S.representante da CRB/FASC)*

Para haver proteção integral é necessário que a rede esteja integrada, principalmente a rede escolar, mas na prática o que se observa é uma dificuldade na comunicação escola-SASE, uma resistência à própria metodologia do SASE e por vezes, um processo de culpabilização do serviço pelo fracasso escolar de crianças. Essa questão está bem clara na fala de uma educadora :“ (...) a escola tradicional tem uma cultura de não se envolver com a criança...(...)No SASE a gente se envolve e muito com o problema da criança, eu já fui procurada na escola em que trabalho por psicóloga e psicopedagoga do SASE do Centro Vida ( SASE da rede própria da FASC) e a psicóloga achou ótimo quando eu disse que era educadora de SASE porque sabe que já estou acostumada com o ambiente. Eu vejo que as professoras de escola tem a mania de dizer que a maioria das crianças de SASE têm índice alto de reprovação, porque ficam lá no SASE brincando e não fazem o tema, o que não é verdade” (C.educadora de SASE e também professora de escola pública da rede estadual de ensino). De fato o que se pôde perceber na observação do SASE é que as crianças repetem de ano por uma questão sociofamiliar complicada, por situações que o(a) professor(a) de escola não está capacitado(a) para enfrentar. É um caminho fácil, mas sem resultado, colocar no serviço de SASE ou na escola a culpa pelo fracasso escolar de um educando. Na verdade o processo de culpabilização é por si algo que inviabiliza o processo dialógico (FREIRE, 1996). Por isso, a necessidade de maior diálogo entre a escola e SASE se faz presente para que, numa ação conjunta, somem esforços na luta pela dignidade das crianças e adolescentes.

Uma das regras para que a criança ou adolescente freqüente o SASE é a freqüência escolar, ou seja, a matrícula na escola é condição básica para a participação no SASE: *“A escola é o lugar que ele (criança e adolescente) tem que ir porque senão o Conselho (Tutelar) vai cobrar a família, mas ele vai de corpo presente só. Aqui a gente procura ter um acompanhamento muito forte na questão escolar, não só no tema, mas no boletim também e saber realmente se está indo na escola e se não, o porquê não, e tentar estar cada vez mais ir detectando o porquê daquilo ali... Muitas vezes são crianças com baixa auto-estima, forte necessidade de chamar a atenção, acabam sendo os mais bagunceiros, que mais incomodam, são as crianças que mais precisam estar aqui.*(M. educador de SASE)

Na observação do serviço de SASE também foi verificadas situações em que as crianças ficam às vezes mais de uma semana sem comparecer à escola. Algumas já repetentes por excesso de faltas já na metade do ano. Em razão de o SASE ser um serviço de proteção ocorre uma espécie de “fazer de conta que a criança está indo na escola, pois melhor estar no SASE em um turno do que estar nas ruas o dia inteiro”. Muitas vezes cabe ao SASE comunicar ao Conselho Tutelar de que a criança está infreqüente na escola para que o Conselho intervenha junto à família. Assim coloca um pai: *“Acho que deveria ter comunicação para ver se eles tão indo ou na escola. Por exemplo, meu filho falta à escola mas vem ao SASE. Prefere o SASE do que a escola. Ele faz que vai no colégio e quando vejo ele tá em casa, aí converso com ele e tenho que levar pela mão. Aí depois pensam que são os pais que não querem levar os filhos. Esses dias estavam falando na TV que criança tem que ir para a escola. Falta comunicação da escola”*( A.Pai de dois educandos de SASE).Ocorrem situações , inclusive de os pais só deixarem os filhos irem ao SASE se tiverem certeza de que foram para a escola no outro turno.Poder participar do SASE é para algumas crianças e adolescentes uma premiação por bom comportamento escolar, tal é a dissociação entre os dois tipos de instituição. Nessa questão é possível arriscar dizer que o SASE representa uma

política de proteção integral como preconiza o ECA. O Estatuto da Criança e do Adolescente (2001) dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Para atender ao que prevê o ECA, cabe as entidades de atendimento planejar e executar programas destinados a crianças e adolescentes, visando à proteção integral.

No SASE em que foi realizado este estudo, é prática da coordenação encaminhar uma ficha de frequência das crianças e adolescentes matriculadas no SASE para a escola. Essa atitude tem o intuito de estabelecer uma comunicação SASE- escola e assegurar que a criança está freqüente no sistema escolar. Mas foi constatado que retorno do seu preenchimento pelas escolas é mínimo.

A prática educativa libertadora se recusa ao ensino bancário. À escola cabe o dever de “não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, discutir a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 1996,p.33) Quando isso não acontece, é inevitável que os alunos acabem se desinteressando pelos estudos na escola. No SASE se observa uma aproximação com o pensamento de Paulo Freire principalmente no que concerne a vinculação dos saberes comunitários com as práticas cotidianas no Serviço. A aproximação com os assuntos da comunidade é facilitada pela própria relação de vínculo educador-aluno.

O SASE é um serviço que tem como prioridade atender a criança e o adolescente por algum tempo, até que a problemática apresentada no ingresso do educando cesse. Mas nem sempre os critérios são respeitados e a consequência é que os usuários acabam ficando mais tempo no serviço do que o previsto.

Os critérios de ingresso (segundo o projeto do SASE) exigem que as crianças e adolescentes estejam na faixa etária dos sete aos quatorze anos, matriculadas em escolas da rede pública de ensino do município de Porto Alegre e da região de abrangência de cada

Unidade Operacional. Ainda, que estejam em situação de ameaça ou violação de direitos fundamentais, em situação de rua/na rua, vítimas de abuso e exploração sexual, inseridos precoce e indevidamente no trabalho de âmbito doméstico, vítimas de violação de direitos (violências institucionais, massivas ou sistemáticas) cujas famílias vivem em situação de extrema pobreza e/ou exclusão social, excluídas dos serviços públicos, por discriminação ou negligência. As situações são encaminhadas pelo Conselho Tutelar, Ministério Público e Juizado da Infância e da Juventude, Serviço de Assistência Social e procura espontânea de pais ou responsáveis. Assim coloca um coordenador de SASE: *“Por exemplo, a coordenação de um SASE onde não tenha assistente social e nem psicólogo, detectou que a criança precisa de um acompanhamento psicológico... Ela encaminha para um órgão que trabalha com isso.. Aí a família precisa conseguir vale - transporte pra tudo isso, pra conseguir atendimento, entrar em fila para o atendimento psicológico. Por isso que a gente entende que, às vezes, as entidades não trabalham como deveriam ou acabam deixando o problema como está. Tem gente que diz: - ah, fica difícil desligar tal criança da entidade. Mas será que é difícil desligar ou é melhor trabalhar com quem a gente já conhece, que já tem vínculo, do que todo ano fazer a reciclagem e analisar as situações das crianças e adolescentes. Avaliar se continuam em situação de critério de SASE ou não e pegar um monte de problema novo. E por que acontece isso? Porque tu não consegue dar conta de tudo, o teu salário não condiz. Trabalhar no amor? Claro que tem que trabalhar no amor, mas o amor não enche barriga e a maioria das pessoas que trabalham nas entidades tem famílias para sustentar”* (L. representante da coordenação do Fórum de SASE e coordenador de SASE)

Os critérios de ingresso não são respeitados em todos os espaços de SASE, o que contraria o projeto: *“Aqui as crianças só entram no SASE após ter sido feita a visita (domiciliar). Em algumas entidades a visita é feita depois, aí é difícil avaliar (critério de ingresso). Na outra entidade que trabalho há dificuldade também em relação ao espaço*

*físico, são poucas peças, é sala de SASE e cozinha (...)Eu vejo que a gente faz uma avaliação aqui das crianças, tem fila de espera grande e quando a gente vê que a vulnerabilidade foi superada a gente dá vaga para outras crianças. Mas eu vejo que no outro SASE não é assim, as crianças vão ficando sem muito critério... No início e no meio do ano há aqui uma avaliação de cada caso e lá também... O problema é que lá a gente trabalha muito com voluntários, aí não se pode exigir demais né... Nessa outra entidade que eu estou eu já trabalhei lá um tempo atrás e saí por teimosia da coordenadora em aceitar idéias. Acabei voltando por insistência dela e também porque uma educadora saiu de lá e falou na frente das crianças que lá só tinha um monte de demônios, aí não dá né.(S.educadora de dois SASE conveniados)*

Algumas crianças e adolescentes são encaminhadas para freqüentar o SASE pelo serviço de assistência social da região como um pré-requisito para que os responsáveis recebam bolsa-auxílio. A assistência entende que a partir do momento que os filhos forem assistidos por um serviço de proteção, a família terá condições de busca do auto-sustento: *“Às vezes as crianças não entendem o SASE como uma rede de proteção, até porque muitas famílias estão no programa do governo(bolsas) né. E o que é que acontece?Elas colocam uma imposição para a criança que para que a mãe receba aquela bolsa do governo, bolsa escola e bolsa família, o filho tem que vir para o SASE. O que acontece é que a criança vem forçada, a mãe obriga a mentir que não veio porque não pôde, quando na verdade não era isso. Na verdade a criança foi com ela catar algo na rua ou ficou ajudando os irmãos menores e a gente acaba sabendo a verdade pela criança... Eu acho positivo quando a criança vê o SASE como um benefício pra ela e o lado negativo é quando ela vê pra ela como uma imposição. Porque, às vezes, tu pensa que a criança estar dentro do SASE é proteção, mas, às vezes, é de vigilância a função. A criança diz:- eu só to aqui porque minha mãe precisa receber a bolsa”( C.educadora de SASE e professora de escola pública)*

Estão previstos no projeto visitas domiciliares às famílias tanto na situação de ingresso de novas crianças e adolescentes quanto na situação de seu desligamento. O problema é que a verba de convênio, como apontado nas questões anteriormente apresentadas, não oferece recursos para esse tipo de atividade. Conseqüentemente, o atendimento também fica prejudicado: “ (...) *A gente faz visita nas invasões, se expõe a situações e não ganha insalubridade por isso ou difícil acesso. Sabemos que tem órgãos na prefeitura, mesmo na Fasc , nas redes próprias (SASE) onde os profissionais ganham muito mais e fazem menos do que as entidades (conveniadas) fazem a nível de prestação de serviço à comunidade. No final sempre estoura no mais fraco, na criança que tá em casa, que não tá conseguindo vaga porque já estão todas ocupadas no SASE*” ( R. coordenador de SASE).

Outra questão apontada é uma espécie de “barganha” que alguns serviços conveniados, principalmente se não há mantenedora subsidiadora, realizam com a comunidade: “*Muitas vezes quando o SASE é só conveniado depende muito da comunidade onde ele está instalado aí tem que contentar a comunidade para poder receber ajuda, e muitas vezes esse agradar a comunidade é feito através do privilegiar a matrícula de crianças da comunidade no SASE, nem que não sejam critério. Aqui a gente tem a opção de não fazer essa troca com a comunidade pois temos mantenedora . Então, podemos manter crianças que realmente sejam critério, mas a gente sabe que tem muitos SASES que vivem através da barganha. Se a entidade não consegue com projetos, de algum lugar tem que tirar dinheiro pra sobreviver. Afora os baixíssimos salários, salário mínimo para um educador de SASE. Como é que tu vai exigir qualificação dessa pessoa no atendimento às crianças e adolescentes? Aqui na entidade, graças à mantenedora a gente pode exigir qualidade dos educadores pois se pode pagar um salário condizente. Ma se é uma política pública deveria ser igualitário pra todos*” ( R. coordenador de SASE).Essa “barganha” é muitas vezes necessária para se garantir a sobrevivência do Serviço nas comunidades.

Um das condições colocadas pelo projeto é que cada serviço de SASE atenda a um mínimo de vinte e cinco alunos por turma: *“Na verdade é por metro quadrado a medida que se faz para alocar o número de crianças. Aqui nós atendemos quinze por sala(...)eu preferiria ter mais uma sala e mais um educador porque o tipo de trabalho que faz no SASE exige atenção a cada criança. Cada criança é um caso... Eu sei que tem SASES que trabalham vinte e cinco crianças por sala e eu não acho isso muito produtivo. De repente o que tá faltando em casa pra criança e que tá faltando na escola, que é atenção, vai faltar também no SASE com muitas crianças por sala. O ideal seriam oito a dez crianças para cada educador, para que pudesse dar uma atenção especial a cada criança. Claro que na prática isso é inviável por uma série de questões(...)Eu até acho que a FASC tinha que fazer uma maior fiscalização. Claro que aí tem o seguinte: se tu trabalha em parceria não teria que ter um órgão fiscalizando. Mas eu acredito que deveria ter alguém olhando quantos tu atende dentro da sala. Essa avaliação é feita uma vez por ano. Mas não existe uma cobrança mais severa. A FASC colabora, quando a gente tem que recorrer ao jurídico ela apóia, pois respeita a meta de crianças por convênio né.(R.coordernador de SASE )*

As questões relacionadas ao SASE até agora nos levam a pensar nos seus desafios enquanto política pública, assunto que iremos discutir daqui para frente.

### **Desafios que o SASE apresenta**

Como descrito no projeto, para a Rede Conveniada os instrumentos avaliativos são utilizados anualmente no acompanhamento da execução do SASE e para indicar a continuidade do atendimento à criança e ao adolescente, por meio da renovação do convênio na instituição. Os indicadores e parâmetros fazem referência à adequação do Espaço Físico-Estrutura Física, aos recursos Pedagógicos e Humanos, à Metodologia, à Rotina de Atividades Diárias, ao Público atendido, à Alimentação, à Intercomplementariedade de ações

entre instituições tais como a Família, a Escola e o Serviço de Apoio Socioeducativo e Interfaces. A Avaliação deve ser sistemática e contínua e deve contar com a participação efetiva de todos os envolvidos: pais, crianças, adolescentes, técnicos e educadores sociais, comunidade.

No processo de avaliação se faz necessária a construção de indicadores que devem ser em dois eixos, segundo o projeto: o de efetividade das ações que sinaliza o vigor do serviço desenvolvido, a sua força política enquanto instrumento de transformação social; e o de impacto e alcance social dos Serviços que se refere aos resultados e aos efeitos da ação desenvolvida no Serviço de Apoio Socioeducativo.

Na prática, a avaliação não ocorre como o esperado, a começar pela questão do projeto escrito de SASE que não é discutido a fundo com os educadores. Por mais que se diga da importância de o educador social ter uma prática pedagógico-política a falha começa na falta de participação nas políticas públicas: *“O projeto do SASE eu tive contato através de uma oficina no SASE com as normas e público alvo, mas vendo assim geral, não funciona. Sobre o nosso público as atividades propostas tem a ver com o projeto, mas a maioria dos programas não tem uma avaliação, fiscalização, assim como tudo no Brasil tem um projeto lindo, maravilhoso, mas nem sempre o projeto é aplicado corretamente né... A gente tenta, mas 100% nunca se alcança... Quando tá tudo bem parece que não precisa melhorar né”* (R. educadora de SASE)

Outra questão levantada pelos educadores é com relação à instabilidade na assessoria técnica do SASE realizada pela FASC devido à troca freqüente de pessoal: *“O problema é que as pessoas na FASC trocam muito e muitas vezes as pessoas vinham aqui aprender com a gente ao invés de ensinar. Às vezes chegava a aqui perguntando:- ah, mas como é que funciona, como é que vocês fazem? Então toda a vez que mudava a gestão era a mesma coisa, mudava a gestão que coordenava o SASE na FASC. Também tinha situações que a gente*

*esperava virem aqui pra trazer alguma solução... As pessoas que estão na cabeça sabem muito menos que o pessoal que tá na base, na ponta trabalhando. Então no dia- a- dia a gente tem que tentar resolver os problemas e não esperar que alguém venha e resolva(R. educadora de SASE.)*

Outro desafio encontrado pelo SASE é a questão do número de metas que não contempla a demanda de crianças e adolescentes: *“É de extrema importância (o SASE) até porque o poder público não dá conta de fazer. As entidades civis estão cumprindo um papel que deveria ser do poder público né.É um serviço (o SASE) extremamente necessário. Deveriam ter mais SASES até pela quantidade de crianças que estão na lista de espera(...)Eu acho o SASE um serviço extremamente necessário( R. coordenador de SASE). Ainda nessa perspectiva: “Cada vez mais tu sente isso pela procura... Às vezes tu vê crianças que precisam estar aqui, mas não tem como atender por falta de espaço e não adianta lotar a sala de crianças, senão vira depósito, o educador não consegue trabalhar e pelo recurso financeiro repassado não teria como. Falta investimentos na entidade, profissional” (R. educadora de SASE)*

Muitas vezes, a constatação dos Serviços de Apoio Socioeducativo é de que os problemas “são empurrados com a barriga” e a intenção de transformação social, proteção e educação integral de crianças e adolescentes fica comprometida por falta de apoio tanto da família quanto da rede de apoio social: *“Tem coisas que ficam só no papel, por exemplo, se tem uma criança agredida, a gente se propõe a conversar com a mãe, levar pro Conselho, essas coisas e às vezes empurra com a barriga porque depende de agentes externos né... Pára ali e ninguém faz nada por ti, não tem mais o que fazer né e isso gera impotência...Às vezes tu chama o pai, mãe, te expõe e pára por ali, pois ninguém mais assume, aí acaba dificultando o trabalho... Chegou ao ponto de a gente receber bilhete de Conselheiro (Tutelar) dizendo que pai de fulano (criança) é perigoso porque é traficante e tem medo de se*

*envolver com ele, aí realmente a coisa não sai do pape... Mas o nosso trabalho a gente faz, a rede é falha*(C.educadora de SASE)

Acompanhando reuniões de educadores no SASE através da observação participante percebemos que um dos desafios mais difíceis de superar é conseguir lidar com a própria impotência profissional. Quando um adolescente se aproxima dos quatorze anos há uma apreensão geral nos profissionais de SASE pela sensação de que haverá um desamparo àquela criança ou adolescente com sua saída do serviço: *“Hoje eu vejo que a gente perde mais as meninas do que os meninos porque eu sou educador da turma dos adolescentes e eu vejo que muitos deles saem com 14 anos e ficam desassistidos, as meninas engravidam...Temos um menino que está preso por ser cúmplice num homicídio... Temos mais de quatro meninas que são mães e às vezes a gente pergunta onde deixou a desejar e isso me chateia bastante... Após a gente refletir se dá conta de que, na verdade, as meninas vêm na gravidez uma forma de se sentirem importantes, vêm naquele menino- homem uma figura de carinho e proteção que não tiveram, então a gente acaba aí encontrando uma resposta, mas não concorda com isso...Mas a gente faz o que pode. Por outro lado já tive alunos que chegaram:- bah sor (professor) não te escutei e olha o que deu,tive de experimentar do erro pra me dar conta.Só que esse erro ocasionou uma criança né, e tomara Deus que não seja mais uma criança de SASE né...Tudo leva a crer que daqui a alguns anos os filhos delas entrem para o SASE”*(M.educador de SASE). Nessa última frase: “ ... tomara Deus que não seja mais uma criança de SASE...”, aparece uma desqualificação do próprio trabalho do educador, uma idéia fatalista da história de vida de adolescentes com gravidez precoce.

Outro desafio apresentado está relacionado à falta de participação política das entidades sociais: *“Percebe-se uma falta de engajamento político das entidades, pois mais da metade delas não freqüentam reuniões dos fóruns representativos tais como, a Comissão*

*Regional de Assistência Social(CRAS) e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA)” (L. representante da coordenação do Fórum de SASE e coordenador de SASE)*

A sensação de impotência é apaziguada por situações em que o trabalho em conjunto consegue superar: “(...)Mas muitos alunos a gente vê um resultado satisfatório, muitos voltam pra cá através dos cursos de informática, artesanato, padaria ( na entidade há outros serviços à comunidade). Na verdade o projeto(SASE) é novo, tem só sete anos. Então, as crianças que entraram com sete anos de idade estão saindo agora, apesar de muitas saírem antes. Mas as crianças que ficaram um bom tempo aqui nós temos visto um bom resultado” (M.educador de SASE)

Os educadores de SASE são denominados “educadores sociais” por seu caráter instrutivo, mediador e de envolvimento humano com os educandos. Os educadores se envolvem com as problemáticas das crianças e adolescentes na tentativa de minimizar ou mesmo reverter suas vulnerabilidades sociais através das atividades propostas pelo Serviço: “(...)O SASE é o que mais requer do educador ele estar bem, pois as crianças se espelham em ti, como uma figura de um pai, um amigo. Por isso os profissionais do SASE tem que estar muito bem integrados e a coordenação tem que estar sempre em cima, apoiando e ajudando. Porque, muitas vezes, os educadores cansam, a gente nada contra a maré... Às vezes tem alguns pepinos e tu não quer mandar aquela criança embora, pois estará assinando um atestado de incompetência pois não tá conseguindo lidar com aquela criança... Às vezes tu fica sozinho nessa, falta às vezes respaldo. Eu já enfrentei muita coisa aqui dentro... do melhor ao pior... e estou sempre buscando evoluir meu método de trabalho.Tem várias formas de abordar e chamar a atenção de uma criança. As crianças pedem limite. Para hoje em dia falar de educação tem que se viver ela primeiro (M.educador de SASE)

Segundo o projeto, o acompanhamento das famílias deve ser parte fundamental no processo de atendimento a crianças e adolescentes do SASE. A participação das famílias através de atividades sistemáticas permite que os fatores de risco que motivaram o ingresso de crianças e adolescentes sejam trabalhados. As entrevistas individuais e familiares, as reuniões de grupo e as visitas domiciliares são instrumentos que viabilizam o acompanhamento e compõem a estrutura metodológica do programa. Proporcionam um espaço de escuta que possibilita compreender os significados simbólicos que as famílias/sujeitos estão atribuindo ao trabalho, garantindo que cada grupo familiar tenha respeitada a sua singularidade. Os atendimentos familiares da mesma forma que os individuais são aqueles realizados com os responsáveis e demais membros do grupo, com o objetivo de conhecer e intervir nas dinâmicas familiares, visando a melhor relação entre seus membros. Tal atendimento é realizado toda vez que a família ou o profissional sente a necessidade do contato entre o conjunto de pessoas da família.

A reunião com as famílias deve ocorrer com frequência mínima mensal. Nestes momentos, todos terão possibilidade de expor-se à mudança no processo de compreender o que está acontecendo, oportunizando a troca de informações que possibilite a descoberta de significados comuns. Os educadores devem ampliar sua compreensão das diferentes formas de ver as famílias respeitando suas funções e responsabilidades diante das crianças e adolescentes e suas possibilidades de ação: *“Em alguns casos o SASE pode intervir e em outros não vai resolver o problema da família. Se o problema da família é violência doméstica contra a criança tu tem que conversar com a família, encaminhar para conselho tutelar. Se o problema é de miserabilidade como que o SASE vai resolver o problema da miséria...? Bom, nessa entidade a gente ainda tem cursos profissionalizantes que a gente pode oferecer para as famílias, mas a maioria das entidades não tem, tem o SASE e pronto e é um serviço de proteção...Muitas vezes se fala :- o SASE não é um depósito de crianças em*

*que as crianças vem só pra comer... Mas num caso de miserabilidade o que tu vai fazer? O SASE não vai dar conta disso tudo, então é aí que tem muita falha do poder público quando fala em parceria... Não tem como trabalhar o SASE sem trabalhar a família e parceria fica aonde?(...)"* (R. coordenador de SASE)

A idéia básica do convênio é: o poder público apóia o serviço com determinada quantia, mas a instituição também tem a contrapartida: *"Está tudo no projeto, tamanho de salas, essas coisas, que são lei...O valor para cada instituição vai variar conforme as metas(...)*Só que a verba de convênio não contempla todas as necessidades pra se fazer um bom serviço. Hoje, por exemplo, tem psicólogas no programa e isso o convênio não contempla mas é muito necessário, assim como psicopedagogo. Outro detalhe é a questão da meta de vinte e cinco educandos por educador, só que se vê na prática que é muita gente. Por exemplo aqui na P. C ( entidade social) nós temos espaço físico mas falta verba para investir no SASE. Já as instituições que possuem mantenedora conseguem equilibrar as necessidades, contratar uma psicóloga. Só que isso é negativo, pois o ideal seria que o próprio convênio garantisse isso e não dependesse da mantenedora. Assim como na Zona Norte tem atendimento psicológico aqui na Zona Sul também precisa. Então a coisa não é justa , não é integrado entende. De repente chega um momento em que tu não consegue mais dar conta, que as exigências dos educandos mudam"(L. representante da coordenação do Fórum de SASE e coordenador de SASE)

Os educadores de SASE ficam submetidos às regras do convênio e isso interfere diretamente na qualidade do atendimento como demonstra um educador: *"Para as entidades que dependem só de convênio a limitação é grande. Aqui pelo menos temos acesso a materiais, aqui o material que se compra é da melhor qualidade, mas é uma pena que só as privadas tenham essa condição... Ou pode mesmo ser às vezes só um jogo de beleza, mostrar*

*quem pode mais(...) Muitas vezes a gente podia até dividir o que a gente tem com mais entidades e até adotar mais entidades ampliando esse mercado” (M. educador de SASE)*

### **Uma reflexão para finalizar nossa discussão**

No meio da caminhada desta pesquisa, deparamo-nos com um movimento da sociedade civil organizada e que veio de encontro à problemática levantada por esta pesquisa. Através de um coordenador de SASE conhecemos o Fórum do SASE, uma organização da sociedade civil, um espaço de debate onde as entidades sociais não-governamentais conveniadas procuram tecer parâmetros e questionar as políticas públicas junto ao público infante-juvenil. Uma espécie de “oposição saudável” (expressão utilizada pelo representante do Fórum) que visa a tentar pensar junto alguns princípios para a dinâmica social da criança e do adolescente em Porto Alegre. Esse Fórum é, na verdade, uma ramificação do Fórum da Criança e Adolescente. Surgiu em 1997 com o intuito de abarcar as iniciativas da sociedade civil organizada e tem suas ramificações nos serviços de SASE, Trabalho Educativo, Educação Infantil, discussões acerca do Trabalho Infantil e os PPD’S (Pessoas Portadoras de Deficiência), com a diferença que nesse último participa também o poder público nas discussões.

É um espaço para reivindicar situações que ocorrem com o convênio e o projeto de SASE já que este serviço não é um projeto de lei e tem sua renovação anualmente. Os coordenadores do Fórum de SASE se reúnem com os coordenadores de SASE ou seus representantes e estudam as cláusulas do convênio. Também vêm se existe alguma adaptação a ser feita e passam essa solicitação de adaptação ou exclusão de uma cláusula ou até acrescentam algo novo, para mostrar ao governo e procurar obter mais verbas. Uma das conquistas do ano de 2006 foi o pagamento de décimo terceiro (verba extra) para as entidades conveniadas, o que vem a contribuir para pagamento de salário de funcionários.

Quem participa das reuniões do Fórum são, basicamente, os coordenadores de instituições. Mas o Fórum abre a discussão junto aos educadores duas vezes por ano através de capacitações organizadas pelas próprias entidades conveniadas, cedendo oficinas para realizar atividades. É uma proposta democrática e inovadora dentro das políticas sociais. Os coordenadores do Fórum não recebem para exercer este trabalho e o Fórum não recebe qualquer verba pública. A FASC apenas cede um espaço para as reuniões. Assim coloca um dos coordenadores: *“A sociedade civil tá dando conta do que o poder público não tá conseguindo e é papel do poder público(...)Se está ruim com as entidades, pior sem elas. Se as entidades parassem de atender, quantas crianças ficariam sem atendimento no município?”*( L. representante da coordenação de SASE e coordenador de SASE)

Como toda política pública que dependa do poder público para execução, há entraves na comunicação e nem sempre as propostas são bem acolhidas. Todas as resoluções tomadas pelo Fórum são levadas ao poder público. Uma das questões reivindicadas pelo Fórum é a questão do atendimento em equipe multidisciplinar. Só contam com o serviço de psicologia entidades que tenham algum tipo de mantenedora; caso contrário, as situações das crianças e adolescentes são encaminhadas à rede pública de atendimento e o tempo que leva nas filas de espera acaba agravando as situações: *“O que a experiência mostra é que sair da comunidade para ser atendido em outro lugar não dá certo. Tu pode dar vale-transporte e até disponibilizar um carro, não funciona na prática. A experiência mostra que o profissional tem que estar no local (comunidade) participando das atividades. O vínculo é a base de tudo(...)”*( L. representante da coordenação de SASE e coordenador de SASE)

Uma das questões levantadas pelo Fórum é a de que falta engajamento político das instituições, porque muitas não se dispõem a participar das reuniões do Fórum: *“A gente nem consegue conhecer, mas ao mesmo tempo está representando elas (as entidades sociais) nas lutas. Eu só tive esse espaço pra participar do Fórum porque a instituição P.C. percebeu*

*como algo importante, é uma consciência adquirida.* (L. representante da coordenação do Fórum de SASE e coordenador de um programa de SASE)

O maior objetivo do Fórum hoje é tornar o SASE e Trabalho Educativo projetos de lei: *“Se o SASE e outros programas de atendimento parassem um dia de trabalhar, todas essas crianças iriam para as sinaleiras, aí talvez o poder público e a mídia dariam mais importância né. Nós fizemos entrevistas com crianças da comunidade e muitas delas disseram que seu ideal de vida era ser traficante, pois o traficante dá proteção, tem poder, dá ajuda, alimento. Garantir direitos básicos é essencial.* (L. representante da coordenação do Fórum de SASE e coordenador de um programa de SASE)

É inegável que o projeto de SASE é uma política pública inovadora em sua proposta de educação social libertadora, tendo uma representação social positiva para a comunidade e para as numerosas crianças e adolescentes que freqüentam o serviço, mas ainda tem muitos caminhos a percorrer. Há contradições entre o projeto e a prática e entre o poder público e a rede conveniada. Se é uma política pública deveria ser igualitária para todos, mas sua contradição começa na diferença que há em relação às equipes e infra-estrutura, na rede própria e rede conveniada da FASC.

Enfim, esperamos com os achados da pesquisa vir a contribuir para a melhoria e divulgação desses serviços com a certeza de que esta é apenas uma reflexão tentando compreender o fenômeno em questão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bauer, M. W. e Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som - um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra

Fundação de Educação Social e Comunitária (1997 a.) Rede de Atendimento à criança e ao adolescente. Programa de atendimento sócio – educativo em meio-aberto. Serviço de Apoio Sócio – Educativo (documento multicopiado)

Fundação de Educação Social e Comunitária(1999). Proposta para o Serviço de Apoio Sócio-Educativo em Meio Aberto. Janeiro de 1999

Fundação de Educação Social e Comunitária (2004). Proposta para o Serviço de Apoio Sócio-Educativo em Meio Aberto.Data de finalização da proposta: Abril de 1999

Guareschi, P. (2003). *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis: Vozes, 2003, 2º ed.

Guareschi, P. (2004) A. *Psicologia social crítica como prática de libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS

Guimarães, G.T. D. et al.(2002). *Entidades assistenciais: rede de serviços para a constituição de uma política de assistência social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 237 p.

Jovchelovitch, S. (2002). *Psicologia Social: saber, comunidade e cultura*. Trabalho preparado para o IX Encontro Regional Sul da ABRAPSO, Santa Catarina, Brasil, novembro de Departamento de Psicologia Social: LSE, 22 pág. (mimeo)

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrando uma caminhada no que se refere a esta pesquisa pretendo tecer aqui algumas considerações finais, certa de que para mim esta caminhada não acabou.

A experiência deste trabalho se apresentou como um desafio para mim por se tratar também de uma das minhas práticas profissionais. Serviu e serve como uma autocrítica à minha prática cotidiana e uma crítica à formação acadêmica que nós do mundo “psi” recebemos nas faculdades de psicologia e ao preparo técnico do profissional de psicologia para atuar junto às políticas públicas. Nota-se que as instituições onde os psicólogos atuam não são consideradas como espaço sociopolítico pelo saber científico, o que leva, inevitavelmente, a práticas individualizantes.

Por vezes, somos chamados a atuar em instituições cujo funcionamento tem um viés político-ideológico, o qual ignoramos. Discutir políticas públicas deveria estar intrínseco à formação profissional. Busquei respostas a meus questionamentos junto a pesquisas na educação, no serviço social e na sociologia, disciplinas transversais que deram respaldo a este estudo.

Espero, com este trabalho, poder contribuir junto à construção de conhecimento referente às políticas públicas e às práticas socioeducativas. Podemos dizer que o SASE vem ao encontro de uma educação social libertadora, mas é um serviço que tem muito ainda a evoluir enquanto política pública, tanto no seu funcionamento quanto em relação a sua

abrangência. O número de metas de atendimento do SASE, hoje, não contempla toda a demanda existente de crianças e adolescentes que precisariam ser assistidas na cidade de Porto Alegre.

Partindo do pressuposto de que as representações sociais nem sempre se manifestam pelo discurso e sim por sinais simbólicos (saberes socialmente construídos)<sup>3</sup> reflito aqui uma última questão. No SASE em que foram realizadas as observações participantes, uma oficina em especial chamou a atenção: a oficina de Hip-Hop. Nessa, além da dança, as crianças e adolescentes aprendem a construir letras de músicas que sejam para si significativas. Duas dessas produções se encontram em anexo a esta dissertação (*Rap das crianças do SASE e Rap: o caminho é o SASE*). Considerei importante o registro da produção dessas crianças e adolescentes neste trabalho nem que seja através deste elemento simbólico: o Rap. Não poderia deixar de dar espaço às produções das crianças e adolescentes sobre o Programa SASE, pois afinal, foi pensando nelas que construímos este estudo.

---

<sup>3</sup> Guareschi, P. (2003). *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis: Vozes, 2º ed.

**ANEXOS**

**ANEXO I – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA**



Ofício nº 027/06-CEP

Porto Alegre, 03 de janeiro de 2006.

Senhor(a) Pesquisador(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado: "Saberes e contradições nas práticas sócio-educativas: um estudo sobre o SASE".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Caio Coelho Marques  
COORDENADOR EM EXERCÍCIO

Ilmo(a) Sr(a)  
Mest Letícia Horn Oliveira  
N/Universidade



### RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO DE PESQUISA

#### Senhor(a) Pesquisador(a):

É dever do CEP acompanhar e zelar pela realização da pesquisa da forma como foi aprovada, solicitando relatórios aos pesquisadores. De acordo com o item VII.13.d., da Resolução CNS 196/96, tais relatórios deverão ser anuais (parciais ou finais, em função da duração da pesquisa). Nos trabalhos sobre "Fármacos, medicamentos, vacinas e testes diagnósticos novos ou não registrados no país" (área temática especial número 03), os relatórios deverão ser semestrais (Resolução CNS 251/97, item V.1.c). Portanto, solicitamos a Vossa Senhoria encaminhar ao CEP, relatório de sua pesquisa conforme situação da pesquisa acima discriminada.

#### Titulo do Projeto:

"Saberes e contradições nas práticas sócio-educativas: um estudo sobre o SASE"

**Pesquisador:** Mest Leticia Horn Oliveira

**Aprovação CEP:** 03/01/2006

**Aprovação CONEP:** data:

**Relatórios Entregues:** 03/07/2006

**Relatório(s) do pesquisador responsável previsto(s) para:**

Data: data:

Relatório 1: data:

Relatório 3: data:

Relatório 2: data:

Relatório 4: data:

#### Tipo de Pesquisa:

SIM NÃO

Residente:

Projeto multicêntrico:  Fase:

Doutorado:

Nacional:

Mestrado:

Internacional:

Trabalho conclusão:

#### 1. Situação atual do projeto

Não iniciado

retirado data:

Em execução:

Data início:j

Data término:

Interrompido temporariamente data:

Encerrado data:

#### 2. Nº de pessoas pesquisadas:

Pessoas Previstas:

Pessoas incluídas:

Pessoas em outras Instituições:

3. Nº de participantes excluídos:

4. Eventos adversos graves:

No centro:  em outros centros:

#### 5. Recursos financeiros necessários:

Ainda não disponíveis

Já disponíveis

Insuficientes

#### 6. Resultado total (local)

#### 7. Observações:

#### 8. Parecer CEP:

Obs: Confira e atualize os dados acima, referentes ao seu Projeto de Pesquisa, e encaminhe nesta mesma folha para o CEP.

**Ass. Pesquisador**

**Coordenador do CEP**

## ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Os nomes foram trocados de maneira a respeitar a identidade dos entrevistados.

Entrevista 1: “Joana” (nome fictício) – representante do corpo técnico da Coordenação da Rede Básica (CRB ) da FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania) da cidade de Porto Alegre. Data: 2/05/06

Ent: Oi Joana. Meu nome é Letícia e eu estou aqui para conversarmos sobre o programa SASE. Em que momento se deu a criação do SASE?

J: Foi um programa criado a partir de um programa anterior que era o extra-classe, primeiro programa destinado à criança que a FASC teve e que se chamava Girassol. Dava conta num primeiro momento das crianças em situação de rua. Eu penso que o programa tenha se constituído em 1997 com projeto próprio, com outras diretrizes. Deixa de ser um programa extra-classe pra ser um programa de atendimento no turno inverso da escola, mas com outros objetivos para além do reforço escolar: avaliar a questão da proteção integral como um todo, com outros objetivos e metodologia.

Ent: Quem é responsável pela coordenação do programa SASE?

J: Fica vinculado à equipe infância-juventude da FASC. Enquanto direção técnica a responsabilidade é dessa equipe né, fica localizada dentro da coordenação da rede básica. Enquanto acompanhamento cotidiano a responsabilidade é dos coordenadores regionais. A equipe tem o papel maior de dar a diretriz técnica do programa e subsidiar os supervisores regionais na condução do programa, que acontece em toda a cidade. O programa acontece nas dezesseis regiões do Orçamento Participativo de forma a descentralizar. Até o ano passado essa equipe era responsável pela regionalização e também pela supervisão programática. A supervisão está passando por um reordenamento. A questão programática vai permanecer com o supervisor regional e essa equipe de infância vai ser subsidiadora dos supervisores regionais, no que diz respeito as perspectiva teóricas e metodológicas do programa.

Ent: Como se deu a criação do projeto, dos regulamentos, normas?

J: Na verdade é um programa que foi escrito por uma equipe, várias pessoas já passaram por essa equipe e ele vem sendo reavaliado constantemente no que diz respeito à questão metodológica, já teve várias reescritas quanto a objetivos e outras questões. Tem um diferencial que até 2003 existia um projeto para os serviços próprios e um projeto para os serviços conveniados e assim estava constituída a instituição. Existiam dois projetos com duas coordenações diferentes. Ainda que as diretrizes gerais fossem as mesmas a metodologia era diferenciada. Ao final de 2003 com o novo reordenamento institucional da FASC se viu a necessidade de se constituir um projeto único. Mas há ainda diferenças consideráveis, pois os programas já existiam antes desse reordenamento e como o funcionamento está amarrado à questão dos recursos ele ainda se mantém com esses diferenciais. Por exemplo, nos serviços próprios a FASC tem serviços técnicos, de educação física, pedagogos e vários oficinas culturais. No serviço conveniado tem um educador

social como referencia e outras atividades como complementares, esse é um diferencial bastante importante. A gente vem pensando numa avaliação mais profunda do programa. Por não ter um monitoramento e acompanhamento sistemático do programa como um todo no que diz respeito a impacto e efetividade, a gente não tem como dizer:- bom, esse modelo é melhor. Mas a gente tem observações a partir da questão empírica que se faz.

Ent: O que seria serviço próprio e serviço conveniado?

J: Serviços conveniados são aqueles conveniados para executar o programa. No serviço conveniado temos um educador e um coordenador e oficinas para complementar a atividade. Nos próprios a equipe é multidisciplinar, não tem um educador de referência e sim vários educadores.

Ent: Bom, falando da minha prática... Eu trabalho num espaço que é conveniado, mas que temos quatro educadores de referência...

J: Mas de uma forma geral essa não é a regra nos serviços conveniados. É que na verdade a heterogeneidade da rede conveniada acaba interferindo na heterogeneidade do programa. Por exemplo, aquelas entidades menores com menos acesso a recursos só conseguem garantir uns educadores e algumas oficinas culturais voluntárias. As entidades maiores que tem outras fontes de recursos, religiosas de uma maneira geral, que não contam exclusivamente com recursos da FASC conseguem garantir maior numero de atividades. Isso se dá em termos de realidade. Mas no projeto no termo de convênio está previsto um educador 20 horas em cada turno de convênio.

Ent: Quais seriam então os propósitos, objetivos do SASE?

J: Bom, em primeiro lugar a proteção da criança a titulo de contribuir para a superação da vulnerabilidade que originou o ingresso dessa criança. Questões de socialização, garantia de direitos, desenvolvimento da criança.

Ent: E sobre os critérios de ingresso junto ao programa, quais seriam os critérios?

J: Bom, por ser um programa que visa a proteção social os critérios são de vulnerabilidade social entre eles: violência doméstica trabalho infantil, drogadição, alcoolismo, exploração sexual, negligência. Toda uma questão que leve a criança ou o adolescente ao trabalho social

Ent: E qual a relação do SASE com o trabalho educativo?

J: Bom, o Trabalho educativo é um outro programa voltado pra uma faixa diferenciada que vai de 14 a 18 anos. A perspectiva pra além da proteção é dar capacitação profissional. A criança saída do SASE, então não sendo superada a sua vulnerabilidade, pode vir a frequentar esse programa.

Ent: E como é avaliada a efetivação do programa SASE junto à população atendida?

J: Até hoje a avaliação que a gente tem é só da execução, a gente não tem uma avaliação de impacto do programa. Tem como diretriz pra esse ano a gente conseguir construir um monitoramento das ações do programa.

Ent: O que seria a avaliação da execução?

J: No final do ano todos os serviços passam por uma avaliação. Se o serviço cumpriu como os objetivos e fez o que estava previsto, se realizou como esta escrito o projeto, se as condições de instalações físicas estão adequadas, como é constituído o corpo de educadores.

Ent: Há diferença na gestão de locais mantidos apenas pela prefeitura e locais conveniados?

J: Na gestão sim e na execução também. Até 2003 a FASC era constituída por duas coordenações. A rede básica era responsável pelos serviços próprios em meio aberto e a CAT (Coordenação de assessoria técnica) era responsável pelos serviços conveniados e isso acabou gerando diferenças inclusive na origem do projeto. Então, há diferença nas equipes. Nos espaços próprios há uma equipe multidisciplinar com técnicos e psicóloga, pedagogo. Nos conveniados o mínimo exigido é um educador social de nível médio e as oficinas podem se dar de modo complementar. Uma outra questão é a própria questão da coordenação. Como as entidades conveniam serviço, elas acabam tendo que dar conta de uma estrutura pra aquele serviço. Então, a gestão do serviço se dá de forma pontual sem ter muita articulação com outros, o que já é diferente nos serviços próprios onde os técnicos são os mesmos que atendem as famílias. Então, não tem uniformidade na execução. Os serviços conveniados tem a exigência de um coordenador pra cada serviço, que vai ser o gestor. Já no serviço próprio não existe a presença do coordenador porque isso prescinde de uma legislação específica. Então, a gente instituiu o que se chama de referência que é um técnico da equipe no sentido do planejamento das ações e articulação com demais programas.

Ent: Tu falas que na rede própria tem acesso maior à equipe multidisciplinar. Todos técnicos como o psicólogo ficam dentro do serviço?

J: Na verdade na rede própria os SASES ficam dentro dos Centros Regionais que são responsáveis por vários programas da rede básica. Na verdade os técnicos contam com apoio a mais, ficam dentro dos centros mas não são exclusivos do programa SASE. Depende da condição de RH de cada centro regional.

Ent: E como é vista a relação do SASE com a escola, principalmente em situações que o SASE é dentro da escola?

J: Bom, a escola é fundamental pro desenvolvimento da criança então se entende que ela é de extrema importância. Então, a idéia é de que o SASE trabalhe vinculado à escola pois proteção integral pressupõe isso e que a presença no SASE também seja temporária. O SASE é um programa de proteção enquanto a escola é um direito assegurado no sentido de garantia de desenvolvimento. No entanto, não se percebe a possibilidade de realizar esse laço triplo com as escolas no sentido de poder constituir essa proteção integral. Primeiro, porque existe um processo de as escolas não enxergarem um compromisso de ajudar a superar a vulnerabilidade. É como se a escola só tivesse o objetivo de reproduzir a educação, salvo algumas escolas que o fazem. Ainda acontecem situações de forma velada como expulsão de alunos problemas, ou fazendo tratamento diferenciado onde a criança acaba perdendo a vontade de ir pra escola, que é o que eu chamo de exclusão velada. Fora que a criança em situação de vulnerabilidade social vem de uma família em vulnerabilidade social que não reconhece o papel da escola como um todo, não fortalece isso, não tem compreensão da importância. A outra questão é a forma como está ainda constituída a Escola, que não são atrativas para crianças, principalmente pra essas crianças... Então tem crianças que preferem ficar o dia todo no SASE ao invés de ir pra escola, até porque no SASE elas podem participar de várias atividades. Com relação às escolas que tem SASE, essas se definem como a minoria e elas tem situações dissociadas. O SASE não está como algo complementar e sim é um braço anexo da escola e eu acredito que os públicos são diferentes, na verdade essas escolas são particulares, a escola é paga e o SASE não.

Ent: Qual seria a relação do SASE com os outros programas sociais?

J: É como se o SASE fizesse uma retaguarda para outros programas ou vice-versa. A dificuldade é do ponto de vista do acesso... Hoje, ainda que se tenha rede bastante ampla com mais de cinco mil atendimentos de SASE na cidade, a gente ainda tem um numero muito

grande de famílias sendo atendidas, então não dá conta. A dificuldade é de acesso, cada família tem 4 ou 5 crianças. Com o SASE podem ter uma vulnerabilidade a superar. Na verdade a gente sabe que não adianta trabalhar a criança sem trabalhar a família e não adianta trabalhar a família sem criar outras possibilidades pra criança. A tendência é a política de assistência social ter centralidade na família e não na criança. O que é que aconteceu a partir do ECA? Se desenvolveu uma rede imensa pra infância e juventude, então, com a questão da criança, se investia mais nesse público do que na família. Com o SUAS isso melhorou, o Peti garante a entrada da criança no programa, mas agora o Bolsa Família também pode garantir a entrada das crianças em práticas socioeducativas. A grande questão é que as entidades de SASE não dão conta do número de famílias atendidas pelo Bolsa família.

Ent: Como se dá esse mapeamento do SASE? Quantos SASES temos em POA?

J: Entidades tem em torno de 80 conveniadas mais os centros regionais. Centro, Ilhas e Humaitá Navegantes não tem rede própria pois o centro regional não tem espaço pra SASE e trabalho educativo. Como todos os serviços foram crescendo em POA via O.P ( orçamento participativo), as demandas de SASE se deram via O.P. Então isso se deu com a demanda de assistência de cada região e priorização de cada região. Então não existe ampliação via índices de vulnerabilidade ou vazios de atendimento. Hoje o programa SASE se transforma numa ação do programa Bem-me-quer (que é um programa do governo), que é um programa que tem como foco a proteção e o atendimento à família. Com esse novo modelo o objetivo é que se possa olhar a cidade como um todo e não só por regiões . Mas esse modelo já está no segundo ano de gestão e as demandas ainda ficam vinculadas as demandas do O.P . No interior do estado se dá muito mais sobre rede conveniada. São poucos os municípios que tem condições de manter o SASE próprio. A LOAS pressupõe Estado e sociedade civil numa relação de execução de políticas públicas ainda que a responsabilidade seja de um comando único que é do gestor da política de assistência social do município. Até porque o convênio recebe recursos públicos. O convênio pressupõe que a entidade passa a executar uma política pública pois recebe recursos do estado. Não pode ser cobrado dos usuários, é uma política pra quem dela precisar. Entre conveniados e próprios deve ter em torno de 90. O nosso mapeamento se dá em cima da CMDCA, aqueles que não são conveniados não temos acesso, mas 90% dos SASES são conveniados. Os pressupostos legais e referenciais do projeto de SASE são o ECA e LOAS.

Ent: Bom Joana, eu gostaria de te agradecer pela nossa conversa e me coloco a disposição para conversarmos mais sobre o projeto.

J: Eu acho importante esse teu estudo pois temos muito pouca coisa escrita sobre o SASE a nível de pesquisa e isso pode vir a contribuir para o nosso trabalho.

Entrevista 2: “Carla” (nome fictício) – educadora de SASE. Data: 21/07/06

Ent: Boa tarde. Então a gente vai conversar um pouco sobre o SASE. Há quanto tempo tu trabalhas no SASE?

C: Há quatro anos, desde 2002 nesta e única instituição.

Ent: E tu já tiveste contato com as normas e regulamentos do SASE? E como se dá na prática?

C: Já, inclusive quando a gente entrou em 2002 e agente fez um... Nós elaboramos um plano pedagógico pro SASE, metas pra atingir... Mas sobre os critérios nunca vi, o que a gente

recebe são os critérios do SASE, quais crianças vão entrar e porque vão participar do SASE...Mas o plano de estruturação do SASE, do projeto, de como ele foi elaborado, por quem, quando, isso nunca tive contato...Aqui nós elaboramos na instituição porque aqui tinha o plano pedagógico da instituição. Em 2002 elaboramos o plano pedagógico do SASE, qual era o objetivo que agente tinha com a criança através do atendimento do SASE

Ent: E como tu observas esse plano na prática?

C: Aqui eu vejo que a gente tem um objetivo completamente diferente do que outras instituições têm quando a gente se encontra. Por exemplo, quando a gente se encontra pra fazer uma atividade, quando tem encontro de educadores de SASE o que é que a gente observa? Que às vezes as pessoas parecem que batem uma concorrência. Parece que às vezes a maior preocupação não é com a criança que tá ali, e sim com a concorrência com a instituição que faz melhor e aparece mais, é uma disputa mesmo. Quando eu entrei aqui praticamente fui largada de páraquedas. Eu fiz magistério e estava praticamente há 20 anos fora da área e não tinha idéia do que era o objetivo de SASE. Levei uns dois anos pra me acostumar, eu estava num ritmo de escola. Quando eu entrei não foi me apresentado objetivo, projeto. Tanto que tivemos de sentar e elaborar algo. Antes de abrir o SASE aqui tinha uma espécie de projeto só para saber quanto era a demanda de crianças e de serviço para só então ser implantado. Por isso na época entrou qualquer criança. No início o interesse era a quantidade de pessoas. De início dávamos atividades que pareciam de escola, de aula. Depois vimos que o objetivo não era esse e sim atividades recreativas, pedagógicas.

Ent: E na tua opinião quem deveria ter te apresentado o projeto?

C: Eu acredito que a pessoa que me contratou, assim como acontece nas empresas.

Ent: E até hoje tu nunca tiveste contato com o projeto?

C: Não. O que a gente recebe no final do ano é um material da FASC que a gente deve responder sobre as atividades que realizou durante o ano.

Ent: Então pra ti o que é o SASE?

C: O SASE pra mim é um espaço que todas as crianças deveriam ter independente de ser excluída ou não. O termo excluído é ridículo, pois quando tu utilizas ele já tá excluindo. Porque na verdade o SASE é um trabalho de socialização importantíssimo, porque é um espaço que a criança dentro da sala de aula na escola não tem... E não é por ser uma criança que mora em vila, que é pobre ou carente de antigamente, que não tem acesso a nada. É excluída, então precisa de um ambiente de proteção, de espaço onde vai se desenvolver... Muitas crianças tem um lar, uma família, mas não tem muitas coisas em casa e que também precisariam do SASE. O SASE então pra mim desenvolve o aspecto social, moral. Então seria um serviço necessário para qualquer público. Claro que as crianças que a gente trabalha não têm nem a parte material e moral né, elas são carentes de tudo. Há as crianças que têm a parte material, mas não a moral. A gente sempre pensa que a criança de vila que tem talvez uma mãe envolvida na prostituição, pai traficante vai seguir o mesmo caminho. Mas eu vejo isso de forma relativa. Claro que há uma influência do meio. Mas eu noto que as crianças da escola pública em que dou aula são mais carentes que as daqui. As crianças que eu dou aula não são tidas como crianças em vulnerabilidade social, mas são mais carentes que as daqui. As crianças em situação de vulnerabilidade social têm muito mais experiência de vida que as da escola. Dentro da minha sala eu não tenho público de SASE. A criança que está na rua é muito mais criativa do que uma criança de apartamento. Então, para a criança de apartamento, qualquer coisa que tu fizeres de atividade ela vai aceitar. Já a criança de SASE não, ela te exige mais porque o convite da rua é muito melhor que dentro de um lugar. Então

o SASE como instituição exige que nós educadores estejamos sempre muito bem preparados para ter mais atividades. Então eu vejo o SASE como algo que tem que estar sempre atualizado. Não junto, mas à frente do que estão esperando de ti e é um trabalho que realmente traz as crianças de volta pra pensar no outro, pra ver que as coisas realmente não precisam ter aquele ciclo vicioso repetindo o que aconteceu com os pais deles e etc. Eles vêem que podem mudar isso, é só querer, não é fácil, mas eles podem. O SASE preenche um espaço em que a criança teria a cabeça voltada para outra coisa. Dentro de um apartamento o que é que ela vai fazer? Olhar TV, videogame, olhar pela janela... Mas uma criança dentro de uma vila na rua tem muito mais probabilidade de se envolver com um marginal, traficante e assaltante. Então claro que, pra ela estando num SASE onde ela vai desenvolver algumas coisas, talvez ela descubra nela um dom que nem sabia que tinha, tipo jogar bola, dançar, cantar, só que pára por aí. Por isso eu acho que o trabalho do SASE não é completo porque ele pára.

Ent: Como assim?

C: O trabalho do SASE é dos 7 aos 14 anos. Se viessem todas de creche seria muito melhor pois é onde elas desenvolveriam muitas coisas que depois é mais difícil de absorver, como respeito ao próximo, senso de justiça... Só que o trabalho do SASE vai até os 14 anos e eu acho que todas as crianças aproveitam. Só que a fase mais perigosa que observei nisso é dos 14 aos 18. Mesmo tendo trabalho educativo que contempla essa idade, seu número é menor, a quantidade ( metas de atendimento) é menor que do SASE. Então às vezes sai 30 crianças de uma turma de SASE e entra 10 no educativo e as outras 20 fazem o que? Espera até chegar aos 16,17 e 18 anos pra entrar num Pró-jovem porque vão receber uma bolsa? Mas o que é acontece até lá? Pode ver que as meninas engravidam nessa faixa etária dos 14... 15... os meninos vão se envolvendo com traficantes, roubo... Tem aquela tendência... influência do meio... Por mais que no SASE a gente tenha aquelas crianças que nunca querem fazer nada de atividade... Apesar disso não deixam de vir no SASE por quê? Por que há algo que interessa a elas, o espaço, as pessoas... E o espaço é que ela está longe de uma influência ruim para ela, está pensando... Tem gente que acha que a criança não pensa, mas ela pensa sim.

Ent: Tu disseste que vocês construíram um projeto próprio pra entidade... Tu vê a dificuldade de colocar na prática aquilo que está no papel?

C: Sim, principalmente no início, necessita equipe, sem isso é impossível e estavam os três (educadores) iniciais bem perdidos, Às vezes a gente diverge, tem coisas que ficam só no papel. Exemplo, se tem uma criança agredida, a gente se propõe a conversar com a mãe, levar pro conselho, essas coisas e às vezes empurra com a barriga porque depende de agentes externos né. Pára ali e ninguém faz nada por ti, não tem mais o que fazer né e isso gera impotência. Às vezes tu chama o pai, mãe, te expõe a pára por ali, pois ninguém mais assume, aí acaba dificultando o trabalho. Chegou ao ponto de a gente receber bilhete de conselheiro dizendo que pai de fulano (criança) é perigoso porque é traficante e tem medo de se envolver com ele. Aí realmente a coisa não sai do papel, mas o nosso trabalho a gente faz, a rede é falha.

Ent: Que problemática tu mais identifica entre as crianças e adolescentes que estão no SASE?

C: Sexualidade fora da ordem... O lugar onde elas dormem, tudo junto no mesmo quarto. Às vezes, eu vejo que tem criança pulando etapas. Outra coisa, é que as crianças e adolescentes não tem boa vinculação com os pais. Os pais falam:- meu filho não é adolescente e sim aborrescente, como se aquilo, aquela pessoa incomodasse. Aí quando crescem, viram adultos e querem falar com os pais e os hábitos de adolescência aparecem. Outra questão é a violência né, agressão em casa, falta de compreensão, desorganização das famílias, mãe com

um filho de cada pai, tráfico, dificuldade de aproveitar coisas que as outras crianças estão aproveitando.

Ent: E tu percebes que as crianças entendem o porquê estão aqui?

C: Alguns entendem, mas abertamente eles não dizem.

Ent: Tu achas que é bom que as crianças estejam aqui por esses critérios?

C: Mais ou menos, tem os dois lados... Às vezes as crianças não entendem o SASE como uma rede de proteção, até porque muitas famílias estão no programa do governo né e o que é que acontece? Elas colocam uma imposição para a criança que para que a mãe receba aquela bolsa do governo, bolsa escola, família o filho tem que vir para o SASE, o que é que acontece? A criança vem forçada, a mãe obriga a mentir, que não veio porque não pôde quando na verdade não era isso. A criança foi com ela catar algo na rua ou ficou ajudando os irmãos menores e a gente acaba sabendo a verdade pela criança... Eu acho positivo quando a criança vê o SASE como um benefício pra ela e o lado negativo é quando ela vê pra ela como uma imposição. Porque às vezes tu pensa que a criança estar dentro do SASE é proteção, mas, às vezes, é de vigilância a função. A criança diz: - eu só to aqui porque minha mãe precisa receber a bolsa.

Ent: Como tu percebes a relação do SASE com a escola, família e comunidade?

C: Bom, vou começar com a escola. A escola tem medo de tudo que seja relacionado a Conselho Tutelar. Essa semana mesmo fui fazer trabalho numa escola sobre o Conselho Tutelar e ECA, que era a semana do aniversário do ECA, e a minha surpresa foi que a escola não tava fazendo nenhum trabalho sobre isso. Trabalham muito pouco com o ECA. Eu acho que há uma desinformação na escola sobre o que é o SASE e o que é que o SASE exige, porque a maioria das pessoas não conhece o SASE, nem mesmo na secretaria da educação. Pois, quando eu fiz entrevista pra entrar no magistério com a psicóloga ela não sabia o que era SASE, com varias pessoas que eu falei não sabem o que é SASE. Quando a gente fala que trabalha com Conselho Tutelar aí é um pânico geral, as pessoas têm medo. Na escola que eu trabalho o Conselho já foi lá fazer uma palestra, mas eu acho que a maneira como foi explicado... Não sei dizer se é medo ou se é desinteresse total por não querer se envolver, porque a escola tradicional tem uma cultura de não se envolver com a criança...

Ent: Isso é uma norma?

C: Olha não tá escrito em lugar nenhum, mas na prática é assim. Então, dentro da escola tu não podes te envolver com a criança, tu é pago pra ir lá e dar aula e passar conteúdo. Resolver problemas é com direção e orientação. A criança incomodou, manda pra direção porque o problema não é teu... Diferente do SASE que a gente se envolve e muito com o problema da criança. Eu já fui procurada por psicóloga e psicopedagoga do SASE porque tenho alunos que estão em SASE no Centro Vida e a psicóloga achou ótimo quando eu disse que era educadora de SASE porque sabe que já estou acostumada com o ambiente. Eu vejo que as professoras de escola tem a mania de dizer assim: - criança de SASE roda, a maioria das crianças de SASE tem índice alto de reprovação porque ficam lá no SASE brincando e não fazem o tema, o que não é verdade.

Entrevista 3: “Milton” (nome fictício) – educador de SASE. Data: 21/07/06

Ent: Há quanto tempo tu trabalhas no SASE?

M: Há 4 anos e 8 meses.

Ent: E antes de estar aqui tu trabalhaste em outra instituição?

M: Eu era monitor de jardinagem num projeto social numa casa lar que trabalhava com crianças abandonadas.

Ent: Tu já tiveste contato com as normas e regulamentos do SASE?

M: Sim, é bem semelhante ao da entidade. Mas a gente vê que na prática é bem diferente, não é executado da mesma maneira. Talvez até por falta de capacitação no trabalho. Eu vejo assim, um professor de SASE dá aula em qualquer lugar mas um professor de escola não. Não é todo mundo que tem preparo para trabalhar com o lado mais humano, o lado do inventar, do criar, do resgatar é mais importante. Eu acho que muitas vezes se improvisa um educador pra essa área por ser querido ou ter paciência. Na verdade uma pessoa mal preparada pode trazer mais malefícios. Eu acho que o projeto do governo é bem interessante. Mas o problema é que não tem seguimento, pára nos 14 anos. Talvez em uma das idades que ele mais precisa, acaba sendo desassistido. Acho que se fosse até os 18 anos teria um resultado muito maior. As entidades que dependem só de convênio a limitação é grande. Aqui pelo menos temos acesso a materiais, aqui o material que se compra é da melhor qualidade. Mas é uma pena que só as privadas tenham essa condição ou pode mesmo ser às vezes só um jogo de beleza, mostrar quem pode mais. Se faz para ostentar, quantidade de obras essas coisas. Muitas vezes a gente podia até dividir o que a gente tem com mais entidades e até adotar mais entidades ampliando esse mercado. Eu acho que as capacitações aos educadores são muito pobres.

Ent: Que problemáticas tu mais identifica entre as crianças que freqüentam o SASE?

M: Carências, violência, eu sou o segundo educador masculino aqui dentro, trabalho com atividade de educação física. Sou o único educador que vem aqui todos os dias e justamente a figura masculina. Na situação deles normalmente é a figura mais violenta né, questão do pai, padastro e aqui a gente consegue ter uma relação bem diferente da que eles vivem. A gente busca fazer um trabalho de desfazer a noção que eles têm de que o homem é aquele que maltrata né. Então a gente tem cada vez mais um trabalho de carinho, de toque, de relação e de cada vez mais aproximar essas crianças. Eu tenho o hábito de dar carinho, dar beijo e volta e meia escuto: -ah, homem que dá beijo é boiola... Eu vi que deu certo quando os alunos que eu tinha mais machistas entraram na onda sabe... Começaram a demonstrar afeto também. Outro problema é a criança deixar de ser criança para virar adulto, assumindo responsabilidades de adulto. Perderam sua infância trabalhando, com responsabilidade de casa, perdem o brilho de ser criança. Como eu sou o educador que mais tempo trabalha aqui nos dois turnos sempre pude ter um raio-x dos dois turnos e acredito que me tornei uma referência pra eles... Hoje eu vejo que a gente perde mais as meninas do que os meninos porque eu sou educador da turma dos adolescentes e eu vejo que muitos deles saem com 14 anos e ficam desassistidos. As meninas engravidam... Temos um menino que está preso por ser cúmplice num homicídio. Temos mais de quatro meninas que são mães e às vezes a gente pergunta: -onde deixou a desejar? E isso me chateia bastante... Após a gente refletir se dá conta de que na verdade as meninas vêem na gravidez uma forma de se sentirem importantes, vêem naquele menino-homem uma figura de carinho e proteção que não tiveram... Então a gente acaba aí encontrando uma resposta, mas não concorda com isso... Mas agente faz o que pode. Por outro lado já tive alunos que chegaram: - bah "sor" não te escutei e olha o que deu, tive de experimentar do erro pra me dar conta... Só que esse erro ocasionou uma criança

né... E tomara Deus que não seja mais uma criança de SASE né...Tudo leva a crer que daqui a alguns anos os filhos delas entrem para o SASE.

Ent:Como tu percebes a relação do SASE com a escola, família e comunidade?

M: Eu acho que há duas situações. Aquela família que é um pouco mais estruturada, que os pais vêm ao SASE justamente como uma forma de ajuda ,de melhora pra essa família, que são famílias que também vão ver como o filho está na escola... E por outro lado tem aquela família que não tem interesse nem pelo SASE nem pela escola. Quanto à escola, eu vejo que a gente tem que correr atrás, ela é parceira desde que a gente procure ela, não é uma parceira que procura agente. Muitas vezes a gente encontra dificuldades na comunicação, a gente vê que tem crianças que precisariam de uma atenção maior e isso não existe, os professores estão lá pra dar aula e não para o lado humano. É difícil ver alguém que trabalhe realmente com o lado humano sabe... A gente tem que abraçar escutar, conversar.

Ent:E tu não vês isso no professor de escola?

M: Com certeza não. A gente vê só o professor preocupado com conteúdo, as crianças com pilhas de tema que não conseguem dar conta, um monte de conta pra fazer e o olhar sobre as crianças não há. Aqui a gente tem turmas de 15 a 20 e não é fácil dar conta, mas chegar só passando a matéria não dá. A gente vê que é no SASE o lugar que eles mais tem frequência na chamada porque aqui dentro a gente escuta eles, deixamos que eles sejam crianças, adolescentes, porque em casa não tem esse espaço de escuta, lazer e carinho. Em casa é a mãe reclamando do pai, o filho tendo que buscar irmão na escola e assumir responsabilidades da casa e ele em si fica desassistido. A escola é o lugar que ele tem que ir porque senão o Conselho vai cobrar a família, mas ele vai de corpo presente só. Aqui a gente procura ter um acompanhamento muito forte na questão escolar. Não só no tema, mas no boletim também e saber realmente se está indo na escola e, se não, o porquê não e tentar estar cada vez mais detectando o porquê daquilo ali. Muitas vezes são crianças com baixa auto-estima, forte necessidade de chamar a atenção, acabam sendo os mais bagunceiros, que mais incomodam, são as crianças que mais precisam estar aqui.

Ent: E como tu vês a relação do SASE com a comunidade?

M: Olha, eu fico imaginando essa comunidade sem essa obra aqui. Quando eu cheguei aqui há 4 anos já estava praticamente pronta , apesar da invasões. Mas é uma comunidade que não tem uma praça, não tem campo de futebol, área de lazer, o que leva cada vez mais as crianças estarem na rua, subindo lombas abaixo, lombas acima, pelas bocas de fumo.Mas se não tivesse essa entidade a situação seria muito pior do que é...Ainda acho que tem muito o que fazer, a gente já chamou muitas comunidades aqui, não só a S. mas J. P. e outras ocupações. Talvez se tivesse em cada comunidade uma creche já seria grande coisa. Como é que tu vai cobrar que a mãe trabalhe se não tem onde deixar a criança né?O problema é que quando tem reunião do O.P (orçamento participativo) a maioria dos projetos votados são para urbanização. O povo, até por uma questão de ignorância, vota para asfaltar a rua ao invés de construir uma creche. Fora que nunca é priorizado um espaço de lazer pras crianças, como um esporte uma praça. É priorizado saneamento, habitação, mas as crianças não querem ficar trancados dentro de casa. Mas na rua não encontram muitas opções. Se tu não tem uma praça pra sentar, conversar, tu vai sentar em cima do meio fio, aí muita coisa acontece...Eu acho que as pessoas deveriam ter uma consciência maior, pedir mais SASES e não é tão fácil pois, para ter um SASE, a instituição já tem que ter um trabalho com crianças para a partir daí solicitar convênio. No caso aqui as coordenadoras já tinham há dois anos um trabalho com crianças. Hoje em dia ninguém quer abraçar essa causa, primeiro porque mesmo com convênio o salário é pouco, a incomodação é grande, só lida com tristeza, com problema, é a

questão da doação. Para trabalhar aqui tem que realmente te identificar. Por isso é o que eu dizia, que um professor daqui trabalha em qualquer lugar, mas um professor de escola particular não. Tu tens que estar muito preparado psicologicamente e internamente bem resolvido, pois tu vai lidar com problemas. Como é que tu vai dizer pra uma criança não fumar se tu fuma. Como é que tu vai dizer para uma mãe que sofre violência, que ela tem que procurar recursos e se ajudar, se tu vives violência. Hoje não se faz uma avaliação com o funcionário pra ver se ele está bem, tu é julgado só pelas tuas ações. Mas não há uma avaliação do que está acontecendo com esse funcionário e tem que na prática lidar com muitos problemas.

Ent: E quem tu achas que deveria fazer essa avaliação?

M: A FASC. Só que hoje ela faz uma avaliação mais direcionada aos coordenadores, ao trabalho institucional e problemas pedagógicos, mas avaliação direta dos funcionários é responsabilidade da entidade e muitas vezes o coordenador tem muita coisa pra abraçar. Eu acho que o SASE é o que mais requer do educador ele estar bem, pois as crianças se espelham em ti, como uma figura de um pai, um amigo. Por isso, os profissionais do SASE tem que estar muito bem integrados e a coordenação tem que estar sempre em cima apoiando e ajudando. Porque muitas vezes os educadores cansam, a gente nada contra a maré. Às vezes tem alguns pepinos e tu não quer mandar aquela criança embora, pois estará assinando um atestado de incompetência, pois não tá conseguindo lidar com aquela criança. Às vezes tu fica sozinho nessa, falta às vezes respaldo. Eu já enfrentei muita coisa aqui dentro, do melhor ao pior, estou sempre buscando evoluir meu método de trabalho. Tem várias formas de abordar e chamar a atenção de uma criança. As crianças pedem limite. Para hoje em dia falar de educação tem que se viver ela primeiro. Eu sou da área da educação física e na educação física hoje tem muito pouco de educação social e sim muito mais da estética. Hoje a gente vê nos concursos públicos para professores, muitos preocupados em ter aquele emprego, mas se a criança na sala de aula não compreendeu o conteúdo problema dela né, falta identificação.

Ent: E tu percebeste mudanças nas crianças e adolescentes nesse período que estão no SASE?

M: Com certeza... Quando eu comecei aqui implantei o grupo de dança gaúcha numa comunidade pobre como essa, onde a idéia era funk, rap. Olhar pra trás e ver que deu certo é muito bom, são quatro anos de trabalho, esse grupo é forte, cada ano que passa se renova. Hoje eu tenho dois alunos que não estão mais no SASE mas vem pra cá no dia da dança gaúcha só pra ensaiar, eles pediram e a entidade acolheu. A gente sair um pouco da cultura do funk acho que já é uma boa melhora. Aqui essa é a única entidade da região que trabalha com dança gaúcha... A gente é gaúcho e não valoriza nossa cultura, apesar de eu achar que o hip hop é muito interessante e faz um bom trabalho, mas acho que a gente tem que trabalhar mais nossa raiz cultural.

Ent: E em geral de comportamento, vida o que tu percebeste de mudanças?

M: Bom a gente tem um menino que tá preso por envolvimento em assassinato e roubo, com as meninas o problema de gravidez. Mas muitos alunos a gente vê um resultado satisfatório, muitos voltam pra cá através dos cursos de informática, artesanato, padaria. Na verdade o projeto é novo, tem só sete anos. Então, as crianças que entraram com 7 estão saindo agora, apesar de muitas saírem antes. Mas as crianças que ficaram um bom tempo aqui nós temos visto um bom resultado.

Ent: Por quanto tempo as crianças ficam aqui no SASE?

M: A principio com 7 a 14 anos, mas elas podem entrar com 7 e ficar só 4 meses. Vai depender da situação que fez com que entrassem. Por exemplo, se uma criança é vítima de

abuso não pode ficar sem atendimento. Enquanto não se trata a situação não se pode deixar de acompanhar a criança. Não adianta tirar o abusador de casa e não tratar essa criança. Ou situações de vulnerabilidade na família em que as crianças entram por situação de miséria, mas daqui a pouco a família se organiza e as crianças saem. O SASE serve para ajudar a superar vulnerabilidades

Ent: E como tu vêes a relação de SASE com outros SASES ?

M: Há uma reunião mensal da rede, da qual participam os coordenadores. Para os educadores há dois seminários anualmente onde ocorre uma rápida conversa, forma de ver o outro colega, outro trabalho, mas de troca, parceria não há. Cada um trabalha com seu público da sua maneira.

Ent: E como se dá a relação do SASE com o Conselho Tutelar?

M: Eu vejo que prioriza muito os casos que o Conselho Tutelar encaminha para cá, embora eu veja que os casos que a gente encaminha pro Conselho Tutelar não vêm a resposta na mesma velocidade com que a gente absorve os casos.

Ent: Como tu percebes o SASE enquanto política pública, é necessário? Está bem a sua configuração?

M: Bom nessa entrevista eu falei muito da importância do educador né. Eu vejo que o projeto tem muitas coisas boas, mas tem coisas que tem que ser melhoradas como o incentivo para mais entidades, a comunidade tem que exigir mais. Tem que ter uma preparação melhor para os profissionais que trabalham nesse ramo, preparar o lado humano. Melhorar condições de trabalho, salários, essas coisas... É um trabalho muito desgastante. A maioria das entidades tem um educador para cada turno, pois o SASE te absorve muita energia, não é fácil... maiores recursos e infra-estrutura de trabalho, com 40 numa sala é impossível! E algumas entidades atendem assim.

#### Entrevista 4: “Raquel” ( nome fictício) – educadora de SASE. Data: 21/07/06

Ent: Bom dia, estou realizando uma pesquisa sobre o SASE e tenho algumas perguntas para te fazer. Há quanto tempo tu trabalhas no SASE?

R: Mais ou menos seis anos... Na verdade eu comecei a trabalhar na entidade instrutora de datilografia e como eu tenho magistério e tinha essa vaga na entidade eu assumi, saiu uma pessoa e eu acabei ficando.

Ent: Mas em que momento tu assumiu o SASE como educadora aqui dentro?

R: Pra me adaptar levei quase um ano, era uma realidade muito nova... eu não era de Porto Alegre e graças a Deus hoje me considero uma vencedora. No início era difícil até pela equipe de trabalho que não fechava muito bem.

Ent: E desde que tu entraste até este momento tu já tiveste contato com as normas e regulamentos do projeto do SASE?

R: Já

Ent: E como foi esse contato com as normas na prática?

R: O projeto eu tive contato através de uma oficina no SASE com as normas e público alvo, mas vendo assim geral não funciona. Sobre o nosso público, as atividades propostas tem a ver com o projeto, mas a maioria dos programas não tem uma avaliação, fiscalização. Assim

como tudo no Brasil, tem um projeto lindo, maravilhoso, mas nem sempre o projeto é aplicado corretamente né... A gente tenta, mas 100% nunca se alcança... quando tá tudo bem parece que não precisa melhorar né.

Ent: E quem que deu essa oficina pra vocês?

R: A Fasc promoveu... Mas o problema é que as pessoas na FASC trocam muito e muitas vezes as pessoas vinham aqui aprender com a gente ao invés de ensinar. Às vezes chegava a aqui: -ah mas como é que funciona, como é que vocês fazem? Então, toda a vez que mudava a gestão era a mesma coisa, mudava a gestão que coordenava o SASE na FASC. Também tinha situações que a gente esperava virem aqui pra trazer alguma solução... As pessoas que estão na cabeça sabem muito menos que o pessoal que tá na base, na ponta trabalhando. Então no dia-a-dia a gente tem que tentar resolver os problemas e não esperar que alguém venha e resolva.

Ent: E vocês chegam a trabalhar o projeto, as normas e regulamentos com a coordenação aqui da instituição?

R: Sim

Ent: E isso é feito em que momento?

R: Nas reuniões, sobre horários, sobre oficinas, oficina do tema, reuniões com os pais.

Ent: Quando tu falas do projeto que seria muito bonito realizá-lo, mas na prática... O que é que tu percebe que este SASE desta instituição faz nesse sentido e o que poderia ser feito na tua opinião?

R: Eu acho que a gente tem melhorado muito... Quando eu falei foi no geral, das entidades no geral. Antigamente a gente não vinha fazendo isso. Até o público alvo não era o público alvo do SASE. Se for ver, hoje todos estão dentro do regulamento, todos estão dentro do projeto. O problema que acontece em muitas entidades é que as pessoas querem abraçar o mundo com duas mãos. Às vezes tu vê entidades que não tem condições de atender a todas as crianças, então acabam superlotando. É um acúmulo de pessoas e aí não atendem bem... Como é que tu vai atender se tu não tem espaços pra atender ou condições pra atender...? Claro que tem mais SASES que são bons, talvez eu nem conheça todos.

Ent: Há uma articulação dos SASES entre si?

R: Tem. A gente sempre tem reuniões, seminários, oficinas em que há troca de idéias, mas é pouco ainda.

Ent: Em que espaço isso ocorre?

R: Às vezes é uma vez por mês, agora a cada três meses. Quem propõe alguns desses encontros é a Fasc. Eu já consegui e dei idéias nesses encontros. A importância desses encontros é pra saber o que fazer em determinados momentos, como lidar com agressividade, por exemplo. É muito melhor do que uma palestra.

Ent: Que problemáticas tu mais identifica entre as crianças e adolescentes que freqüentam o serviço?

R: Conscientização de alguns pais, trabalhar com as crianças não é difícil, o difícil é trabalhar com as famílias, se as crianças estão aqui é porque as famílias têm problemas.

Ent: E que problemas?

R: Conflito social, fome, violência, abuso. A principal coisa é a questão da mendicância, é um problema, é difícil trabalhar com a família... A gente diz pro pai que não deve bater, mas ele devolve dizendo que apanhou na infância e não deu nada, isso é muito complicado.

Ent: E tu acreditas que as crianças sabem ou reconhecem porque estão aqui?

R: Eu acho que sim.

Ent: Em que sentido?

R: Pelo que eles falam, não sei se realmente os pais falam, mas pra mim eles sentem. Ninguém chegou e disse: - ah, tu tá aqui porque apanha ou passa fome, mas eles sentem, eles sabem que precisam de ajuda.

Ent: E como tu percebes a relação do SASE com a escola, a família e a comunidade?

R: Bom, em relação à escola... A gente cobra o tema e algumas crianças melhoraram muito. Eu percebo que os pais recorrem à gente quando tem algum problema na escola, só que nem sempre a escola percebe e valoriza isso. Porque nós tínhamos uma ficha pra mandar pra escola para avaliar se a criança estava irregular e regular. Antes tinha que colocar a porcentagem das crianças que vinham e não vinham aí reclamaram (a escola) então resolvemos mudar, colocar só regular e irregular. Aí tem professor que acha que não é função dele e manda pra secretaria, aí a secretaria devolve para a professora e ficam pipocando. Pra mim parece que é bom que a criança fique irregular e ninguém se importa com isso na escola, porque é menos uma criança pra ir pra escola e incomodar. Dá essa impressão, quanto menos criança ir melhor pro professor, falta colaboração maior. Tem coisas que a gente trabalha na hora do tema aqui que eu vejo que se a escola tivesse menos alunos na sala poderia trabalhar melhor, por exemplo o afeto na sala de aula.

Ent: Tu vê diferença no educador do SASE e educador da escola?

R: Acho que sim, o educador do SASE trabalha mais com o coração e educador da escola mais com conteúdo. Deveria ter uma parte de cada, um pouco de emoção e afeto e um pouco conteúdo, mas geralmente estão focados só no conteúdo. Tem que vencer todo o conteúdo da secretaria da educação então não sobra espaço pro afeto, para um olhar diferente para a criança.

Ent: E como o SASE trabalha essa questão do coração?

R: Bom, eu vou falar por mim. Tem que trabalhar o planejado para a oficina, mas teve um dia que não trabalhei porque a turma tava tão agitada... Aí eu tive que ficar mais ou menos uma hora trabalhando a questão do respeito, valorização deles, da família, tem que trabalhar o que a escola e a família não trabalham. Se o SASE não enxergar essa criança ninguém mais enxerga. Às vezes tu tem que chamar a atenção porque nem tudo é festa, tem que dar carinho, ouvir.

Ent: E como tu vê a relação do SASE com a família?

R: Eu acho que a maioria das famílias valoriza muito isso daqui, nas reuniões de pais a gente tem uma boa participação... Mas tem alguns pais que as crianças estão aqui somente porque foram encaminhadas pelo conselho tutelar... Então os pais não percebem isso aqui como um serviço de proteção pro seu filho, preferem que eles estejam nas ruas pedindo, pois assim estarão ganhando e levando dinheiro para casa. A gente percebe que as crianças podem faltar à escola, a tudo, menos ao SASE.

Ent: E tu percebes isso da criança ou dos pais?

R:Da criança e dos pais. A gente percebe que nas reuniões os pais querem conversar com a gente, alguns dizem: - dá uma olhada no fulano que eu não tenho tempo de cobrar o tema, essas coisas...Agora tem famílias que não aceitam que tu chames pra conversar, que é perda de tempo.As famílias que a gente tem dificuldade pra trabalhar são as que mais precisam estar aqui

Ent:E tu achas que hoje o SASE esta trabalhando bem com a família?

R:Eu acho que sim. A gente tem feito trabalhos também com a psicologia, com os pais em forma de oficina, trabalhar sexualidade, não só reunião informativa. A psicóloga chama a família pra conversar. Não basta trabalhar só a criança.

Ent:E como tu percebes a relação do SASE com a comunidade?

R:A gente tem muita procura pro SASE, uma fila de espera enorme, então é uma entidade que acolhe... Porque aqui muita gente procura e nem todos que procuram têm necessidade de estar aqui. Mesmo assim eles procuram porque acham importante, porque tem uma preocupação de que o filho vai fazer algo errado no turno inverso ao da escola ficando na rua ou em casa, então eu acho que a comunidade valoriza... Por outro lado, tem gente que percebe assim: - ah o SASE só atende filho de marginal...Isso acontece porque não conseguem enxergar o trabalho que é feito: - ah porque meu filho não tá aí então vou me revoltar, eu trabalho e meu filho não tá aí e o filho do bandido tá aí... Não entendem que o trabalho do SASE é justamente pra essas crianças. Se o pai tá preso, o que vai ser dessa criança?Dizem:- porque não aceitam meu filho e de marginal sim?

Ent:E tu percebes alguma mudança na vida dessas crianças desde que estão no SASE?

R:Bom, a gente tem exemplo de criança que não abria a boca nem pra dizer o próprio nome, isso que já estavam na escola e a escola dizia que outro colega tinha que responder a chamada por ele porque o aluno não respondia. Não era só timidez, era medo de falar e hoje já está fazendo, já apresenta, já quer um papel ( teatro) que tenha mais falas, é uma construção. Tem muitos que entraram aqui com 8 já estão com 12 e são uma lição de vida pra gente , valorizam o que a gente faz, estão procurando cursos pra fazer, futebol e eram crianças antes reprimidas...As pessoas olhavam e achavam que elas não tinham a menor chance de vida e hoje a gente percebe isso..tem mais sucesso do que insucesso..A gente não consegue resgatar todos mas a gente tenta.

Ent:E esse não consegue resgatar é o que?

R:Resgatar valores, vontade de querer crescer e mudar... Também o apoio da família que é difícil e às vezes não se tem esse apoio, mas a criança consegue por si só vencer e isso é mais importante ainda, pois tu percebe que o teu trabalho foi muito forte em cima dessa criança.

Ent:E quando teve insucesso o que ocorreu?

R:Tivemos casos de crianças que saíram e engravidaram, de coisas que a gente pensa:- puxa como aconteceu? Quando ela sai do atendimento é uma fase que tem que vencer... Quando tá aqui a gente tenta proteger mas quando tem 14 anos e sai da entidade falta um trabalho continuado...não há continuidade.

Ent:E por quanto tempo essas crianças ficam no SASE?

R:Até estabilizar a família, não tem que entrar com 7 e sair com 14. Quando a gente percebe que a família conseguiu superar sua problemática e a criança não está mais em risco, ela sai para dar vaga para outras crianças... Mas é conversado para a família,tentar mostrar o lado bom, que se ela não tá aqui é porque conseguiu superar a vulnerabilidade, necessidades.

Ent:Então a criança pode ser desligada pela entidade?

R:Sim, pode ficar seis meses como sete anos, vai depender da situação.

Ent:E quem faz o trabalho de ajuda, retaguarda com as famílias?

R:Nós temos assistente social da entidade e outras da região, também tem a psicóloga aqui, acho que é um conjunto de redes e ações.

Ent:Então pra finalizar. Partindo do pressuposto de que o SASE é uma política pública, como tu vê o SASE hoje e que sugestões tu terias pra mudanças, se acha que tem que mudar ou não?

R:Eu acho o SASE extremamente necessário. Já tem projetos de a escola trabalhar de forma integral. Só que de que maneira a escola vai trabalhar o que o SASE trabalha hoje, se nem no seu turno formal consegue trabalhar direito?Eu acho ótimo a escola querer fazer isso, mas é algo que está longe de ser alcançado. Então tem que valorizar mais as entidades que tem esse serviço. O recurso passado é muito pouco, principalmente para os educadores. Eu acho que tem que aumentar a fiscalização desses serviços, mas uma fiscalização rigorosa e o que não tá certo tentar mudar. Porque muitas vezes o coordenador vê que tá errado e tenta se impor e às vezes acaba deixando pra não se incomodar. Acho que falta uma pessoa que fiscalize.

Ent:E de onde seria essa pessoa de fora que fiscaliza?

R:Acho que até da Fasc...O problema é que hoje tem uma pessoa só pra fiscalizar várias entidades. Eu acho o SASE um serviço extremamente necessário. Cada vez mais tu sente isso pela procura. Às vezes tu vê crianças que precisam estar aqui, mas não tem como atender por falta de espaço e não adianta lotar a sala de crianças, senão vira depósito, o educador não consegue trabalhar e pelo recurso financeiro repassado não teria como. Falta investimentos na entidade, profissional.

Entrevista 5: “Sandra” (nome fictício) – educadora de SASE. Data: 21/07/06

Ent:Há quanto tempo tu trabalhas no programa SASE?

S:6 anos

Ent:Mas nesta instituição?

S:Estou nesta instituição há quatro meses.

Ent:E antes em qual SASE tu trabalhavas?

S:Eu trabalhava na Gov R.B. e V. F. também.

Ent:E esses SASES eram conveniados?

S:Sim, pela Fasc. No que eu trabalho à tarde está conveniado há seis meses. Antes sobrevivia de ajudas, doações do Lions club e a partir do convênio retiraram a ajuda.

Ent:E nesse período todo tu já tiveste contato com as normas, regulamentos do SASE?

S:Tive contato, mas não me detive a ler todo, dei uma lida no projeto da Fasc.

Ent:E tu já tiveste alguma oficina sobre o projeto?

S:Não

Ent:E como tu o observas na prática?

S:Vejo muita dificuldade em executá-lo, principalmente na prestação de contas. A parte pedagógica é difícil também porque chega na hora e não tem material para utilizar.

Ent:Por quê?

S:Ou tu te detém a fazer uma linha como a escola ou recreacionista ou tu mescla como ocorre aqui, mas onde eu trabalhava era só tu pra fazer de tudo em pouco, então tinha que dar aula de tudo, de dança, de teatro. Na outra entidade eu trabalho com 31 crianças sozinha a tarde, então tem essa diferenças daqui, assim como tem entidades que trabalham todas as idades numa sala só.

Ent:Quais as diferenças que tu observa no daqui e no outro?

S:Diferença até na administração, a de lá não se preocupa com a parte pedagógica então tu te vira conforme pode né. Outra diferença é o jeito das crianças também, são carentes demais principalmente da figura de pai, não querem ir pra escola, fogem da escola, pra ir pro SASE.... Lá também não tem almoço. Nós temos lá 40 metas e atendemos a 60 crianças por vontade da escola.

Ent:E quanto à coordenação?

S:O daqui nos dá toda a base para o trabalho. Lá tu não tem, te vira pra fazer... Já é a terceira coordenadora que passa lá porque a dirigente da associação de moradores tem medo de perder o poder. Outra é que lá ninguém tem formação acadêmica, só segundo grau, eu só que estudo pedagogia e me formo o ano que vem na Ulbra... A remuneração lá também é diferenciada, uma só de carteira assinada e outros autônomos, como eu. Quanto ao projeto eu acho que era importante a coordenação, quando a gente começa a trabalhar, apresentar o projeto. Pela prática a gente sabe quais são os critérios para as crianças estarem aqui.

Ent:Que problemáticas tu mais identifica entre as crianças que freqüentam o SASE?

S:Falta de carinho é enorme. Se eles chegam brabos, irritados tu pode ter certeza que algo aconteceu em casa, o único lugar que eles podem explodir é aqui é no SASE.Eles sabem que aqui alguém vai ouvir eles. Dentro do SASE em si, às vezes a gente vê briga, moram perto, trazem brigas da rua pra cá. Outra questão é a sexualidade a florada, principalmente no SASE da tarde e aí penso: será que não é porque estão juntos com os grandes também? Mas tu vê na rua assim, 7 e 8 anos querendo namorar. As mães às vezes não conversam direito com as filhas. Uma vez vieram duas crianças desesperadas dizendo que estavam grávidas porque tinham menstruado porque a mãe havia dito que se elas menstruassem iriam engravidar... Então ela chorava (uma das meninas) cada vez que chegava perto dos guris. Tem aquela menina que a mãe não deixa se arrumar muito, pois tem medo que alguém pegue na rua... As condições de moradia também são precárias.Os pais não conversam muito em casa, a família às vezes não entende qual é o trabalho, são resistentes. Aqui as crianças só entram no SASE após ter sido feita a visita. Em algumas entidades a visita é feita depois, aí é difícil avaliar. Na outra entidade que trabalho há dificuldade também em relação ao espaço físico, são poucas peças, é sala de SASE e cozinha.

Ent:Como tu percebes a relação do SASE com a escola, com a família e com a comunidade?

S:Com a família eu percebo que eles não têm grande preocupação, sabem que o filho tá bem e aí não precisam vir mais. Vem no começo e depois desaparecem. Eu vejo que a família não está muito preocupada com o filho. Com a escola eu vejo que ela está meio querendo se

enciumar, eu vejo que as crianças querem mais saber do SASE do que da escola. Já foi feita reunião de rede como uma escola que foi proposta por ela mesma, veio o pessoal do SAE conversar com a gente. Às vezes tem crianças que faltam turno no SASE porque tem laboratório de reforço na escola, então essa comunicação é importante pra saber se realmente está tendo alguma atividade na escola e não está faltando. A questão é que a família passa uma responsabilidade que é sua para as instituições. Com a comunidade eu vejo que há uma grande lista de espera pelo SASE. Na outra entidade a coordenadora superlota de crianças e o que adianta? A gente chega lá e as crianças estão todas sentadas sem poder se locomover muito. Aqui eu sinto que através das reuniões com os educadores a gente tenta se ajudar. Eu acho o SASE um programa muito importante ainda mais com a violência que tá por aí. A gente já teve casos de crianças que estão no programa PETI, mas mesmo assim encontramos no fim de semana pedindo dinheiro na rua. A principio eu acredito que a comunidade dá importância ao SASE

Ent:Que mudanças tu percebes na vida das crianças desde que entraram no SASE?

S:Várias, desde crianças me dizendo que o pai e a mãe usam droga e que ela não quer isso pra ela. Mas vejo que tem crianças com muita dificuldade de mudar, a situação familiar não ajuda. Teve um que me dizia que traficar ganhava dinheiro mais fácil, então eu disse pra ele fazer um curso de administração de empresas que pelo menos faria aquilo de forma inteligente (risos) Por mais que a gente mostra que a realidade possa ser diferente não é fácil para eles chegar em casa e ver a mãe bêbada atirada num sofá...Tem crianças que vão pro SASE comer e vão embora.

Ent:E como tu vê a relação do SASE com a família?

S:Bom, quem trabalha é a assistente social. Às vezes nem é falta de material e sim necessidade de escuta. Às vezes vem procurar para saber o que fazer com os filhos. Às vezes a família não vem até ti, mas vejo que há mudanças no conceito da família. Às vezes os pais não vêm nas reuniões quando chamados, acham que é baboseira.

Ent:E quanto tempo essas crianças ficam no SASE?

S:Depende, eu vejo que as meninas saem antes porque as mães vêem que elas já estão grandes o suficiente para cuidar da casa. Eu vejo que a gente faz uma avaliação aqui das crianças, tem fila de espera grande e quando a gente vê que a vulnerabilidade foi superada a gente dá vaga para outras crianças, mas eu vejo que no outro SASE não é assim, as crianças vão ficando sem muito critério. No inicio e meio do ano aqui há uma avaliação de cada caso. Lá também o problema é que a gente trabalha muito com voluntários, aí não se pode exigir demais né... Nessa outra entidade que eu estou eu já trabalhei lá um tempo atrás e saí por teimosia da coordenadora em aceitar idéias, acabei voltando por insistência dela e também porque uma educadora saiu de lá e falou na frente das crianças que lá só tinha um monte de demônios, aí não dá né...

Ent:Como tu percebes o SASE como uma política pública e a necessidade de sua existência?

S:Eu acho que pelo próprio fato de entidades estarem buscando convênios é porque há necessidade... Onde no futuro as mães poderão dizer: - meu filho além de freqüentar a escola tinha um espaço à tarde onde aprendia coisas diferentes e não ficava na rua.Eu vejo o SASE como uma política pública não só na parte da educação, mas assistencial também, pois temos o apoio de assistente social e outros profissionais que trabalham também com a família né. A Fasc valoriza mais o trabalho agora. Hoje a gente sabe que a política tá apoiando. E está cada vez mais claro que aqui não é um extra classe, não é uma continuação da escola, a proposta é outra.

Ent: Pra ti qual o objetivo do SASE?

S: Bom, acho que um deles é erradicar o trabalho infantil, mas o maior objetivo é formar cidadãos conscientes de sua realidade, seu país, que podem fazer um mundo melhor, dar voz à criança, que ela não é um simples marionete que alguém manipula... Eu acho que não tem hoje em dia alguém preocupado em saber como é o SASE e divulgar esse trabalho. Material específico pro SASE não existe. Há pouca gente preocupada em estudar isso. As pessoas na universidade não conhecem muito a educação social. Até a escola, também é uma coisa nova para ela. Conhecer as crianças e sua realidade é uma coisa nova, o afeto é diferente.

Ent: Bom Sandra, muita obrigada pela entrevista

Entrevista 6: “Alexandre” (nome fictício) – pai de duas crianças matriculadas no SASE. Data: 02/08/06

Ent: Bom dia, quantos filhos tens aqui no SASE?

A: Dois filhos, uma com 13 anos e outro com 10 anos.

Ent: Há quanto tempo eles estão aqui na instituição?

A: Tem uns 4 a 5 anos já.

Ent: E o que fez eles ingressarem?

A: Eu trabalhava fora e minha esposa também aí eles não tinham onde ficar. Eu trouxe eles aqui através de uma vizinha. Eles ficavam muito na rua...

Ent: E o que acontecia?

A: Eles saíam por aí né, no campo, tinha uma lagoa onde eles iam também, era perigoso.

Ent: E tu tens percebido mudanças neles desde que estão aqui?

A: Minha filha tá adolescente e não pára quieta. Mas antes era muito explosiva e já é mais calma agora, não responde tanto. O L. (filho) também está mais calmo.

Ent: Como a comunidade percebe o SASE?

A: Acham o SASE uma coisa muito boa, da minha parte eu nunca tinha visto isso, depois da escola ter um lugar para as crianças ficarem. Nunca ouvi queixa.

Ent: E pra que serve o SASE?

A: Pra ajudar as famílias, as crianças a não ficar na rua e não ter problemas com drogas. O SASE ajuda muito nesse sentido.

Ent: E tu acha que a comunidade mudou com a vinda do SASE?

A: Bom, da minha parte mudou bastante. Mas não sou muito de tá conversando com as pessoas, só converso quando venho nas reuniões.

Ent: E o SASE tem alguma participação junto às famílias?

A: Tem, ajuda psicologicamente a gente. Ajuda no que eles não têm em casa, os pais trabalham e tem problemas. Tem as reuniões com os educadores uma vez por mês.

Ent: O que se debate nessas reuniões?

A:De tudo, sobre comportamento das crianças, higiene, colégio.

Ent:E essas reuniões são importantes?

A:Muito, porque os educadores podem ajudar a gente.

Ent:E a interação do SASE com a escola como é?

A:Não sei bem como é ...Acho que deveria ter comunicação para ver se eles vão indo ou na escola. Por exemplo, meu filho falta à escola mas vem ao SASE. Prefere o SASE do que a escola. Ele faz que vai no colégio e quando vejo ele tá em casa, aí converso com ele e tenho que levar pela mão. Aí depois pensam que são os pais que não querem levar os filhos. Esses dias estavam falando na TV que criança tem que ir para a escola. Falta comunicação da escola.

Entrevista 7: “Cíntia” (nome fictício) – mãe de duas crianças matriculadas no SASE. Data: 02/08/06

Ent: Tu tens quantos filhos no SASE?

C:Dois, o A. de 10 anos e o And. de 8 anos.

Ent:Há quanto tempo eles estudam aqui?

C:A. há três anos e And. há um ano.

Ent:Qual foi o motivo que fez os dois ingressarem?

C:Não tinha com quem deixar e ficavam em casa sozinhos...O A. pulava a janela e ia pra rua. Meu marido trabalhava à noite e de dia ficava em casa, mas dormia. Então o guri ficava sozinho.

Ent:E o que ele fazia na rua?

C:Ele saía pra andar de bicicleta e jogar bola, mas eu tinha medo que se machucasse.

Ent:Tu tens percebido mudanças neles desde que estão aqui?

C:O A. mudou muito. No início ele era bem avoado e não dava bola pra nada, não estudava. Depois que ele começou a participar das atividades aqui criou mais juízo, mudou pra melhor. Eles adoram o SASE. O And. entrou pelo mesmo motivo.

Ent:E como a comunidade percebe o SASE?

C:Pra mim é bom e eu acho que pra comunidade também, saber que teu filho tá sendo bem cuidado e fazendo algo mais, estudando, trocando com colegas da comunidade e aprendendo a respeitar o outro.

Ent:E pra que serve o SASE?

C:É uma ajuda a mais, pra não deixar meus filhos na rua. No SASE se faz muita coisa como ensino, educação.

Ent:E tu percebes que a comunidade mudou por causa do SASE?

C:Com certeza, só de não estarem na rua no meio das drogas já é uma mudança muito positiva porque se eles não estivessem aqui estariam na rua, assistindo ou fazendo coisa errada.

Ent: Tu achas que faltam mais serviços assim?

C: Muito, se falta... Tem muita criança que não teve esse privilégio. Assim como trabalho educativo acho que tem poucas vagas para os adolescentes.

Ent: E o SASE tem alguma participação junto às famílias?

C: Chama para dar um retorno do que tá acontecendo com o filho, essas coisa... Tem reuniões e encontros, tem a noite cultural onde as crianças mostram as atividades que fazem aqui para a comunidade e eu acho isso muito importante. Os pais participam, na verdade os pais vêm mais nas noites culturais do que na reunião de pais.

Ent: E porque tu achas que eles vêm mais nas noites culturais do que na reunião de pais?

C: Eu acho que é porque eles não sabem o que será dito na reunião e se será dito sempre as mesmas coisas, acho que é isso ou é desinteresse total mesmo.

Ent: Tu achas que o SASE deveria fazer mais trabalhos junto às famílias?

C: Eu acho que é sempre bom mais, mas eu não teria nesse momento algo para sugerir.

Ent: E como é a relação do SASE com a escola?

C: Bom, a professora do And. acha que eu deveria tirar ele do SASE porque no entender dela ele não tá progredindo e sim regredindo porque ele bagunça mais e não aprende nada, que vai à escola só pra bagunçar, só quer colocar apelido. Já com o A. nunca tive problema no colégio em relação a isso porque foi depois que ele entrou pro SASE que começou a melhorar na escola né.

Ent: E tu concordas que o SASE possa estar prejudicando o And.?

C: Não, porque quando eu preciso vir aqui conversar com alguém e receber orientação eu venho e converso com a R. que é educadora do And. e ela sempre tenta ajudar ele. Eu discordo da professora da escola devido ao jeito dela ensinar. Por exemplo, a educadora daqui identificou um erro da professora na escola numa correção do caderno do And. e acho que ela não gostou muito né.

Entrevista 8: “Elisa” (nome fictício)– mãe de duas crianças matriculadas no SASE. Data: 9/08/06

Ent: Há quanto tempo seus filhos estudam nesta instituição?

E: Bom, a M.(filha) há mais de dois anos, ela tem 10 anos de idade. O P.(filho) está há alguns meses, tem 7 anos.

Ent: Qual foi o motivo para eles ingressarem aqui no SASE?

E: Primeiro pelas condições financeiras que não é muito boa, nem o psicológico não é muito bom. Financeiros, ambos desempregados, tanto eu como meu marido, e o psicológico porque nós dois somos descoordenados. Nosso modo de viver em casa é muito grotesco e isso afeta psicologicamente as crianças, principalmente os mais velhos. O pequeno de 6 anos olha pra mim e manda eu parar de falar palavrão, porque eu falo muito palavrão, então ele me corrige. Ele acaba me dando um limite eu me dou conta na hora que tô errando pra caramba. O pequeno tá na creche V. A.

Ent: E tu percebes mudanças nas crianças nesse período que estão no SASE?

E: No P. não. No meu ponto de vista ele tá mais preguiçoso, só quer saber do fla-flu que tem no SASE, na hora do tema tem preguiça de fazer. Em relação à M. mudou bastante porque ela era uma criança muito estúpida, não era amigável, pelo menos em casa... Quando chegou aqui na entidade tava muito empolgada pois ia conhecer amigos, começou com teatro, aula de dança... Mas ela ora se interessa por uma atividade, ora não, tem problema na relação com os meninos. Mas no geral ela mudou 100%, ficou mais minha amiga, ela chega em casa contando o que aprendeu.

Ent:E como a comunidade no entorno percebe o SASE?

E:Um terço percebe como uma má influência para as crianças, dizendo: - ah, naquele SASE só tem maloqueiro, só aprendem coisa ruim lá. Em algumas escolas, principalmente na do meu filho, a professora não aceita. Por ela ele não tava aqui, porque ela diz que ele é mal influenciado. Mas não é má influência do SASE e sim dos coleguinhas. Na semana passada teve dois dias que ele disse que ia pro SASE mas ficou passeando de ônibus pelo Leopoldina. A má influência é de dentro de casa e não do programa. O SASE tá aí pra incentivar, a gente é bem recebido e a ajuda chega até a criança

Ent:Quando tu falas em falta de condição psicológica o que tu queres dizer com isso?

E:Olha, ficando em casa tem a influência da TV que ora traz coisa boa, ora não. Por exemplo, desenho de lutinha, olham na TV e querem sair dando soco na rua, eu não gosto disso. Ontem tive diálogo com as crianças e conversei sério com eles, que eu me viro pra tentar dar educação. Às vezes falta comida... Aprontaram pra mim e eu falei pra eles que se continuarem aprontando vou tirar eles do SASE. Os professores daqui vieram se queixar dela (M.) que tá respondendo pra professor, teve ato de racismo com um coleguinha que eu achei errado da parte da M. Conversei, ela tomou suspensão. Dentro de casa ela é tranqüila, mas na rua me apronta. Na verdade falei que ia tirar do SASE só para amedrontá-los, o P. entrou em desespero e disse:- mãe não faz isso, eu gosto de ir lá. Pô... vem bilhete da escola, bilhete do SASE... Eu disse pra eles que qualquer dia vou embora e deixá-los só com o pai aí a M. puxou os dois menores pro quarto e resolveu conversar com eles sobre isso, pra mudarem o comportamento e fizeram um trato... Só sei que o P. pegou e foi tomar banho sozinho, a M. dividiu os lápis de cor dela e ajudou a fazer o tema dele, coisa que nunca faz. Naquele dia mesmo jantaram, comeram arroz e feijão e tomaram um copo de café cada um, que era o que tinha. Me agradeceram pela janta e foram deitar, não houve gritos, ignorância, nem nada. Mas depois de tudo isso fiquei com aquele peso na consciência de quem falou demais... Principalmente de eu ter dito que iria embora mas depois pensei - quem sabe um susto - e valeu pois a M. foi uma que disse que iria mudar. Me pediu que eu a levasse até a porta do SASE, mas pedi a ela que parasse com discriminação dentro do SASE e aí eu disse pra ela: - tu não é melhor que ninguém, tu não nasceu no bairro, tu nasceu na vila e a educação e higiene prevalecem em primeiro lugar. A M. tem um problema com o masculino, preconceito contra homem. Domingo ela brigou feio com uma vizinha de 8 anos e eu odeio baixaria. O A.(marido) não é companheiro não me ajuda, fica fumando maconha, não procura emprego e ao mesmo tempo não deixa eu procurar qualquer emprego tem muito ciúme.

Ent:Tu falaste que tem pessoas que na comunidade dizem que aqui tem um bando de maloqueiro, onde tu escutas isso?

E:Sempre que eu vou na assistente social daqui tem umas mães esperando na fila e eu ouço uns comentários sabe... Tipo: - ah meu filho tá ali, mas só tem marginalzinho, vou falar com o professor e eles dizem pra mim esperar que vão resolver. Eu já cansei de tirar as dores pelo programa (SASE) eu sempre digo: - olha meus filhos tão aqui dentro e até agora não aconteceu nada. Tem uma ex - aluna daqui que segundo a mãe entrou em paranóia, ela ficou

aqui pouco tempo e começou a ficar rebelde com a mãe. Mas eu conheço aquela mãe, é uma pessoa ignorante e sei que ali o problema era ela e não o programa e disse pra eu tirar os meus filhos. Que a B. pegou e foi pro Leopoldina e tava dormindo no meio de um monte de drogados, mas o problema é em casa... Mas eu defendi minha posição pois sei que o SASE é bom pra minha filha. Tanto é que agora a M. tá suspensa e tá em casa sem fazer nada, olhando TV e dormindo.

Ent:E pra ti para que serve o SASE?

E:Pra mim é uma creche em meio turno, para as mães que tem que trabalhar ter onde deixar as crianças. Antes de a M. entrar aqui ela ficava sozinha em casa e quase colocou fogo dentro de casa. Por mais que eu pedisse pra ela ficar em casa, às vezes ela saía e ficava na casa de vizinhas, mentia. Hoje ela é caprichosa, mais cuidadosa. Nem creche tem psicóloga e aqui tem, é muito bom.

Ent:Tu achas que a comunidade mudou depois que entrou o SASE?

E:Cem por cento, porque é onde as pessoas podem recorrer não só ao SASE, mas também à assistente social, psicóloga, porque antes as pessoas não conheciam esses serviços. Ali na minha comunidade tem muita gente ignorante no sentido de desconhecimento. O que eu tento passar pras pessoas é que o programa é uma ajuda muito grande.

Ent:E o SASE tem alguma participação junto às famílias e de que forma?

E:Bom, a psicóloga, aqui tem apoio psicológico porque muitas crianças que tão aqui não é só por questão financeira e sim emocional também. Porque muitos pais são drogados , outros “cadeieiros” (cadeia), outros vagabundos mesmo. Tem crianças que tem problemas piores que dos meus filhos. Por exemplo, os filhos da N.(entrevistada), os quatro tão aqui e ela levava os quatro pequeninho pra ver o pai na cadeia. Eu achava uma judiaria isso, acho errado, martirizando as crianças. Eu nunca fui naquele lugar, deve ser horrível, mas eu tiro por base o que vejo nos filmes e novelas, é frio, sombrio. Eles contavam que foram na cadeia ver o pai e convidavam meu filho. A mãe deles é minha vizinha. Ela apanhava muito desse homem dentro de casa e aquilo me enojava. Eu dei graças a Deus quando ela veio buscar ajuda do SASE. Meu marido diz que eu tenho que cuidar dos meus filhos e não me preocupar com o filho dos outros, mas eu sou assim. Nós moramos em frente uma da outra. As crianças delas chegam da escola e vão direto pra minha casa, eu até ajudo a botá-los de castigo quando precisa, ajudo a N. Esse programa pra mim é uma mão na roda porque eu não tive isso aqui quando era criança. Quando eu vim morar na região nordeste era tudo chão batido eu moro aqui há 31 anos. Antes eu aceitava o sofrimento, achava que a vida era isso mesmo, agora não aceito mais, não quero isso pros meus filhos não, por isso que eles tão aqui... quem faz a vida é a gente.

Ent:E como o SASE chama as famílias pra conversar?

E:Uma vez por mês tem reuniões, onde os pais são chamados pra conversar, sobre o calendário. É um lugar onde podemos reclamar sobre alguma criança também. A comunicação se dá muito pela agenda. Meu marido reclama que a gente tem que ir lá e ouvir sempre a mesma coisa. Ele só vem na reunião se eu o pressiono muito.

Ent:Como se dá a relação do SASE com a escola?

E:Olha não é bem recebido... A professora da M. sempre reclama que ela dorme na sala de aula pois fica muito cansada do SASE. Eu não concordo porque pelo que eu saiba as atividades do SASE nos dias da semana são leves. Além do mais eu tenho uma vizinha que a filha dela não tá em programa e fica dormindo até 11:00hs da manhã, só vai pra escola a

tarde, não cria rotina nenhuma nem para alimentação. A professora pediu para eu ajudar mais a M. nos temas. E eu não sei matemática, apesar de vender Avon quem faz as contas pra mim é minha cunhada. Até peço desculpa pra professora R. por causa da minha escrita. Meu marido terminou o 1º grau mas eu sinto que eu tenho muito mais capacidade de entendimento do que ele, de interpretar as coisas do que ele. Eu tenho a 2º série incompleta, mas eu vejo televisão, eu escuto rádio, eu tenho vontade mas eu sou preguiçosa...(risos) e acho que nisso os filhos puxaram a mim, tem preguiça de copiar a matéria.

Ent:Tu achas que a escola em geral não vê com bons olhos o SASE?

E:Não no meu ponto de vista, principalmente pelo cansaço das crianças. Converso com as crianças que elas estão aqui porque precisam, pelo psicológico, pela educação enfim.

Ent:Tu acha que é muito pra criança ter atividade em dois turnos?

E:Não, às vezes eu faço ela faltar um dia ou dois, mas depois justifico com a prof. R. ou S. Às vezes ela tá cansada muita dor de estômago e enjôo. Já levei no médico pra fazer exames pra ver se é stress dela. Mas se ficasse em casa eu também ia dar atividade pra ela fazer né, tipo lavar a louça, arrumar cama, eu prefiro ela de cabeça ocupada, prefiro ela no programa. Ontem ela recebeu suspensão e disse: - Graças a Deus vou ficar em casa... Aí chegou em casa e eu botei ela pra arrumar casa, mal e porcamente cuida dos irmãos quando chega e quer descansar. Fiz isso pra mostrar pra ela que ela não pode ficar desrespeitando professor na escola. Às vezes ela diz: - mas mãe eu quero brincar eu ainda sou criança! Aí eu digo:- olha-te no espelho e vê se tu ainda é criança! Eu digo pra ela:- vai brincar sim, mas no sábado! Porque nos últimos dois meses pra cá durante a semana é só castigo e peço então pra ela analisar o comportamento dela.

Ent:Tu achas que suspensão resolve?

E:Não sei te dizer, porque a M. tá crescendo e ficando uma criança muito franca e sincera e isso prejudica a ela própria. Na franqueza e sinceridade dela tá sendo mal criada, grossa e isso pra mim tá estragando ela, então semana que vem ela vai vir e dialogar contigo. O pai não senta pra dialogar não fala nada, pois ele acaba dormindo de manhã também... (pausa) E ontem teve um atrack da polícia lá na minha sogra que eu chamo o antro da perdição e o A.(marido) tava fumando maconha na frente da casa, que bonito né... Ele saiu correndo pra dentro da casa da minha sogra desesperado (isso tudo é o que me contaram né) e atirou a maconha atrás do sofá... E a polícia entrou já revirando tudo, fez uma limpa e segurou ele pelo cangote ameaçando ele aí o sobrinho dele apareceu falando dos direitos, que a policia não podia entrar na casa sem um mandato. Aí quando cheguei fui já falando: - bonito né, ao invés de sair a procura de trabalho, ir na Seasa procurar alimento ou catar lixo, fica aí fumando maconha, tu não tem vergonha mesmo. Aí a mãe dele já se meteu dizendo que eu tava brigando com ele...Mas quem paga conta de casa e põe comida sou eu e a mãe dele fica acobertando ele. A M. não viu a polícia mas ouviu nossa discussão depois. Ele me acusou de não estar trabalhando fixo aí a M. respondeu: - a mãe não tá trabalhando porque tu fica escolhendo trabalho pra minha mãe, tu não dá exemplo pra mãe... Aí ele mandou ela calar a boca e eu a defendi. Muitas vezes ele vem na reunião de pais chapado...Quando ele usa drogas fica que nem uma criança, dias atrás tava brincando com uma arma pra se aparecer.O que estraga as crianças são as discussões na frente delas. Eu já disse pra ele que vou marcar um horário pra ele conversar com a psicóloga.

Entrevista 9: “Nadir” (nome fictício) – mãe de quatro crianças matriculadas no SASE. Data: 09/08/06

Ent:Quantos filhos tu tens matriculados aqui no SASE?

N:Quatro filhos

Ent:E idades?

N:13,11,8 e 9

Ent:Há quantos anos eles estudam aqui?

N:A F. e a Fran. vão fazer 5 anos, o Ad. 3 anos e B. vai fazer 2 anos

Ent:Então tu conheces bastante o SASE né?

N:Pô... Se conheço...

Ent:E o que fez eles ingressarem no SASE?

N:Como eu sou sozinha deixava eles sozinhos em casa para poder ir trabalhar, não tinha quem cuidasse deles... Fui procurar a assistente social e pedir ajuda porque era muito perigoso eles ficarem em casa.

Ent:Tu cuidava deles sozinha por quê?

N: Há sete anos atrás meu marido foi preso (assassinato) e eu fiquei sozinha para cuidar deles né e eu que sustentava tudo, comprar roupa, comida, calçado. Aí uma vizinha me disse que tinha o SASE né aí vim ver como era e expliquei pra assistente social como era a minha situação, a forma como eu vivia né. Era uma época em que a vila que eu moro era muito violenta e eu não tinha condições de pagar creche e nem outra pessoa para cuidar deles.

Ent:E desde que eles estão no SASE tu tens percebido mudanças neles?

N:Ah, bastante...Se tornaram pessoas mais educadas.No colégio também são mais responsáveis em levantar de manhã, em vir pro SASE. Me contam as atividades que vão realizar... Pra eles é uma coisa boa... Às vezes nem preciso acordar eles, às vezes eles dormem até arrumados com a roupa pra vir no SASE.

Ent:E como a comunidade percebe o SASE?

N:Olha... Eu tenho quatro vizinhas que tem filhos aqui e todas acham bom porque assim as crianças não ficam na rua, não tão trabalhando na rua e pelo o que a gente comenta quando a gente se encontra é que o SASE é um lugar bom. Aqui as crianças aprendem coisas que a gente jamais teria condições de pagar e aprendem várias atividades boas.

Ent:E pra que serve o SASE?

N:Pra tudo né, pra serem educados em casa porque na rua aprendem coisas que não deve.

Ent:E o que eles aprendem no SASE?

N:Ah, aprendem varias atividades como hip hop, dança gaúcha, pintura, artesanato... Várias coisas boas.

Ent:E tu achas que a comunidade mudou depois que foi criado o SASE?

N:Com certeza! São menos crianças nas ruas, tem outros SASES também, tem várias coleguinhas das minhas gurias que tão em outros SASES também né. Então elas comentam uma com a outra o que tem lá e o que tem aqui.

Ent:Antes do SASE como era?

N:Ah era aquela violência né, crianças na rua e crianças trabalhando, juntando coisas pra vender, muita criança na rua e agora pelo que eu vejo não tem muita criança na rua.

Ent:E o SASE tem alguma participação junto às famílias?

N:Olha, tem as reuniões mensais onde a gente discute o que as crianças fazem aqui, os educadores perguntam se a gente tá satisfeito com o trabalho.

Ent:E tu achas importante essas reuniões?

N:Eu acho que sim porque se a gente tá enfrentando alguma dificuldade com a criança ali a gente tem o espaço pra conversar, eles dão orientação pra gente né. Pra mim deveria ter até mais reuniões.

Ent:Tu achas que o número reuniões é pouco?

N:É porque às vezes a gente tem um problema e não sabe como resolver e nas reuniões a gente se une pra resolver né. Por exemplo, às vezes surge uma briga entre as crianças, não dentro do SASE, mas na rua existe essa briga e aí tu não conhece a mãe de fulano, nunca viu... Com as minhas crianças já aconteceu isso, nem conheço o guri... Estuda lá na escola dos meus filhos mas tava levando pro mal caminho aí meu guri chegou e disse:-mãe tal fulano tá me convidando pra pular o muro e ir embora ou ir pro centro e eu não conhecia a mãe do guri. Como que eu ia conversar com ela né? Aí meu filho disse:- mas mãe ele estuda no SASE comigo... E eu nunca vi essa mãe em reunião e venho a todas as reuniões do SASE né e também não a vi no colégio né...Então, a reunião facilita se encontrar né. Às vezes acontece coisas com os filhos da gente que a gente nem fica sabendo e quando sabe tem só a versão dos filhos né, a versão dos outros e gente não fica sabendo.

Ent:E a relação do SASE com a escola como é?

N:Aí eu já não sei né porque eu não sei se os educadores vão até a escola onde as crianças estudam porque o que eu fazia era pegar um papel de frequência das crianças, não sei se alguém daqui vai na escola.

Ent:E como a escola vê o SASE?

N:Olha, pra mim a escola vê que é um lugar bom e que ajuda nos trabalhos porque as crianças trazem temas né. Aí quando chegam em casa já estão com o tema feito né e direitinho e a noite eles podem brincar um pouquinho na rua até a hora de dormir. Pra mim as professoras já perguntaram se eles tavam no SASE porque eles tão mais adiantados que os outros colegas.

Ent:E a escola acha que é por causa do SASE?

N:Sim, porque se tão em casa não fazem os temas, são bem irresponsáveis e aqui no SASE pelos menos eles tem uma hora pra fazer o tema e depois brincam né e chegam em casa com o tema pronto.

Ent:E tu achas que deveria ter mais SASES?

N:Ah, eu acho. Porque tem muita criança na rua, na minha vila mesmo tem muita criança que não tem condições de ficar em casa porque a mãe trabalha. Às vezes se eu tô trabalhando alguma vizinha me pede pra cuidar do filho dela pequeno né. Tem muita criança ainda em lista de espera no SASE, tem muita criança na rua também.

Ent:E depois que acaba o período de SASE que é até os 14 anos como fica?

N: Bom até os 18 anos tem que ficar com os pais né... Aí tem que arrumar alguma atividade pra eles. Na verdade eu acho que tinha que ampliar a idade de ficar no SASE até os 18 porque aí os meninos iam pro quartel e as meninas iam trabalhar né. Na minha família, sobrinha já aconteceu de ter ficado no SASE e com 14 anos ter que sair aí não tem nada pra fazer, às vezes vai trabalhar com o pai. Fora que tem muita menina na rua que com 14 anos já é mãe né, já jogada na rua. Eu mesma já amparei uma em casa com 14 anos porque o pai botou pra rua né, porque descobriu a gravidez e dei um apoio pra ela. Mas agora ela arrumou um “servicinho” em casa de família e foi trabalhar com 14 anos, a mãe não quis mais sustentar ela né. Se não tem uma pessoa que dê apoio é muito difícil.

Entrevista 10: “Solange” (nome fictício) – mãe de duas crianças matriculadas em SASE.  
Data: 9/08/06

Ent: Tu tens quantos filhos estudando no SASE?

S: Dois. O T. aqui e o L. no SASE N. M.

Ent: Há quanto tempo o T. está aqui neste SASE?

S: Há dois anos

Ent: E ele já fez parte de outro SASE?

S: Já, no SASE N. M., lá ele ficou três anos e meio.

Ent: E por que ele saiu de lá?

S: Porque lá ele tava se tornando uma criança muito agressiva, não queria aceitar os professores, quebrava as mesas e cadeiras, brigava muito com os colegas. Aí o coordenador do SASE o seu M. pediu pra ele sair. Ficou uma semana em casa, mas não deu muito certo, já não quis ir pra escola ficava só na rua. Aí vim aqui nesse SASE procurar vaga e conversei com seu C. Aí ele conversou com seu M. (do SASE N. M.) e se acertaram pro T. ficar aqui aí consegui vaga pra ele à tarde e aí mudei o turno dele na escola M. e B. Aí a professora da escola colaborou em fazer essa experiência de trocar ele de turno.

Ent: E tu percebeste mudanças nele estando nesse SASE?

S: Aqui as turmas são por idades e os professores têm mais paciência com ele aqui

Ent: E o L. continua lá?

S: Sim, mas de um ano pra cá ele tem ficado mais agressivo e na escola também. Brigava muito com o T. aí lá na escola encaminharam pra psicóloga fora pra ver se melhorava o comportamento. Mas a recém começou o tratamento. Ele esperou dois anos na fila e só entrou porque entrei no critério de família carente, toda sexta-feira ele vai e disse que tá gostando.

Ent: Que idade os dois tem?

S: O T. 9 e o L. 10. Na escola falaram que os dois precisam de psicóloga né até eu, porque não sou de conversar muito. Meus filhos mais velhos quando estudavam no Chico Mendes também foram encaminhados, mas ficaram pouco tempo. Diziam que não precisavam se tratar porque não eram loucos, tinham preconceito com psicólogo.

Ent: Qual o motivo de ingresso deles no SASE?

S:Na época eu participava do programa NASF e tavam saindo da creche V. A. e iam começar a ir na escola. Aí no turno inverso não tinha onde deixar eles né, a creche era turno integral.

Ent:E tu tem percebido mudanças neles nesse período que tão no SASE?

S:O L. participa de tudo que é passeio. Estão bem mais calmos. O L. não pode faltar o SASE, adora. O T. às vezes é preguiçoso. Se fica em casa o irmão põe pra capinar. E é bom o L. e o T. estarem em SASES diferentes, pois os dois brigam muito.

Ent:E pra ti como a comunidade percebe o SASE?

S:Eu acho que muito bem, pois as mães têm que trabalhar fora, essas coisas...

Ent:Pra que serve o SASE?

S:Pra ter contato com outras crianças, ter um local para ficar quando não tão na escola.

Ent:Tu achas que a comunidade mudou depois da vinda do SASE?

S:Acho que sim, mas pra quem tem sorte de conseguir vaga né, pois são poucas vagas. Eu acho que deveria ter mais SASES. Eu só consegui pelo acompanhamento do conselho tutelar.

Ent:E quando acaba o período de SASE como fica?

S:Eu gostaria que eles fossem daí para outros programas como agente jovem e trabalho educativo. Mas infelizmente o meu filho mais velho o F. não quer ir, insisto pra ele se inscrever no C. V. (instituição), mas não vai, disse que só quer trabalhar, mas é difícil conseguir.

Ent:E o SASE tem alguma participação junto às famílias?

S:Tem os dias de reuniões com os pais onde a gente pode expor algum problema que esteja acontecendo. Mas infelizmente algumas famílias não comparecem né...

Ent:E a quantidade dessas reuniões é suficiente?

S:Acho que sim, até porque tem as reuniões individuais com a psicóloga né.

Ent:E como é a relação do SASE com a escola, é boa?

S:Acho que sim. No caso do T. quando ele tava agressivo eu expliquei que ele vinha pro SASE. As professoras sempre dizem que aqui é muito bom e que tem vários alunos que estudam aqui da escola M. e B.Eu tô aprendendo com eles aqui, através do T. posso conversar com a psicóloga. Agora tô fazendo curso de informática aqui no Centro Social.

Entrevista 11: “Roberto” - coordenador de instituição com convênio de SASE. Data:30/08/06

Ent:Como se dão as oficinas,metodologia do SASE?

R:Bom, as oficinas são divididas em três educadores de referência do SASE, um que cuida mais da parte artística, um da pedagógica e outro recreação. Essas oficinas tem que estar sempre ligadas ao tema escolhido no mês. Fora isso tem as oficinas de informática e o hip hop, teatro e dança gaúcha.

Ent:E a parte pedagógica como funciona?

R:A parte pedagógica é trabalhada nas oficinas, todo mundo trabalhando a mesma coisa de formas diferentes. Cada turma tem duas vezes por semana uma oficina especificamente pedagógica onde os temas são trabalhados de forma específica com um educador específico.

Ent: E quando não há comprometimento das crianças com as tarefas, brigas etc.? Há algum tipo de controle por parte dos educadores, limites?

R: Em algumas situações, se não interfere na oficina. a criança não vai ser obrigada a participar. Mas tem situações que atrapalha no desenvolvimento da turma toda... Bom, aí a gente procura fazer com que a criança participe. A oficina também tem que ser atrativa o suficiente para que as crianças queiram participar né... A gente procura falar com a criança, explicar... Em último caso a gente também chama a mãe e um responsável pra conversar.

Ent: E como tu percebe o trabalho dos educadores hoje?

R: Não cem por cento porque também tem uma questão, trabalhar com o SASE não é fácil... Chega uma hora em que o educador se esgota. Não é só se envolver com tema, conteúdo, cada um se envolve com problemas diferentes dos alunos, situações que surgem no meio do processo. Não é justo eu dizer que não está satisfatório mas não é ainda como deveria ser. Uma é pela questão de própria postura do educador e eu não posso estar todo o tempo na sala olhando, e outra é pela própria questão das questões de vulnerabilidade das crianças... Quando tu pensas que venceu uma etapa surgem mas coisas, não é fácil.. Não tem como deixar de cobrar do educador e ao mesmo tempo também tem que saber ponderar as situações. Se o educador é comprometido ele pode até fazer errado achando que tá fazendo certo.

Ent: Como tu percebe a relação do SASE com a escola, família e comunidade?

R: Eu percebo que existe desinformação em relação aos três (escola, família, comunidade) do que é o SASE e pra que serve, algumas vezes isso atrapalha bastante. A falta de informação só não atrapalha quando as famílias vem ao SASE querendo vaga de SASE sem saber o que é o programa. Seus critérios então realmente falam o que tem que falar... Se a família sabe quais são os critérios vai acabar direcionando a entrevista de ingresso, e às vezes numa entrevista ou mesmo numa visita só, é difícil avaliar se a família é critério ou não de ingresso. A escola, principalmente, tem muita desinformação de pra que é que serve o SASE

Ent: Que problemas tu identifica entre o SASE e a escola?

R: Muitos professores acham que SASE é reforço escolar...

Ent: Há uma parceria?

R: Há, mas não como deveria... Na verdade para acontecer a parceria as escolas deveriam participar mais das reuniões de rede, da rede de atendimento à criança e ao adolescente. Poucas participam e é nessas reuniões que reúnem todos os serviços de atendimento à criança e ao adolescente da região e aí acontece a troca. Se sabe o que cada um precisa para se fazer um trabalho integrado.

Ent: E há situações em que a criança não vai pra escola e vem pro SASE?

R: Acontece...

Ent: E por que acontece?

R: Porque o SASE tem que ser atrativo e a escola na maioria das vezes não é. Ele não deixa de ser um modo de educar a criança mas não é aquela educação escolar, formal. Na verdade a palavra não é bem "formal" porque o SASE também tem a função de formar o indivíduo e a escola muitas vezes deixa a desejar, os professores são professores e não educadores, os professores tem que passar conteúdo e deu. Não interessa de onde a criança veio ou os problemas que ela tem em casa, se a criança apanha ou não, se tem que trabalhar... O SASE já

não, ele conhece a criança, procura conhecer a família. Na comunidade, com os pais, a gente procura esclarecer o máximo possível pra que serve o SASE, o porquê as crianças estão aqui. Nós sabemos que 98% é por causa da família os problemas.

Ent: Bom e se o problema tá na família, qual a intervenção do SASE com a família?

R: Em alguns casos o SASE pode intervir e em outros não vai resolver o problema da família. Se o problema da família é violência doméstica contra a criança tu tem que conversar com a família, encaminhar para Conselho Tutelar. Se o problema é de miserabilidade, como que o SASE vai resolver o problema da miséria...? Bom, nessa entidade a gente ainda tem cursos profissionalizantes que a gente pode oferecer para as famílias, mas a maioria das entidades não tem, tem o SASE e pronto e é um serviço de proteção... Muitas vezes se fala : o SASE não é um depósito de crianças em que as crianças vem só pra comer... Mas num caso de miserabilidade o que tu vai fazer? O SASE não vai dar conta disso tudo, então é aí que tá muita falha do poder público quando fala em parceria... Não tem como trabalhar o SASE sem trabalhar a família e a parceria fica aonde?

Ent: Bom, aqui vocês ainda tem apoio do atendimento do serviço social, atendimento psicológico, mas isso não é uma regra né?

R: Não, de maneira nenhuma...

Ent: E como ficam os serviços que não tem esse acompanhamento?

R: Bom, aí o SASE resume-se ao que veio, para o que foi criado, aí vai depender de como os coordenadores e educadores vão fazer para lidar com isso. Se vão simplesmente transformar o SASE numa escola diferente ou se só vão atender num turno crianças e pronto, pelo menos estão num espaço de proteção. Porque o SASE não é um reformatório e às vezes os educadores se frustram com isso também... Porque acabam tendo consciência de que não vão resolver todos os problemas. É claro que a gente tenta resolver e se frustra quando não consegue, mas não dá pra dar conta de tudo, tem que seguir adiante.

Ent: E a família, há participação delas em reuniões?

R: Teria que haver mais participação e isso é generalizado. A gente vê em reuniões do fórum do SASE quando se aborda o tema... Se criam estratégias para fazer com que as famílias participem das reuniões e encontros mensais aqui... As justificativas das famílias são várias pra não vir, algumas são compreensíveis e outras nem tanto, algumas falta vontade mesmo. Até porque muitas famílias estão com crianças aqui obrigadas pela bolsa Peti. Para continuarem ganhando a bolsa as crianças tem que freqüentar o serviço de SASE né... E a gente vê que não é muito “interessante” até porque elas são cobradas por isso. De alguma forma se as crianças não vem elas são cobradas do porquê a criança não tá vindo... E isso não interessa muito à família. Com essas famílias é mais difícil de se trabalhar. Quando se percebe que o educador tá percebendo problemas, levando para o Conselho Tutelar, a família começa a se esquivar. Seria muito mais cômodo pra família só mandar a criança pra escola e SASE e não ter que se comprometer. Então, às vezes, a família esconde o problema, preciona a criança para que ela não conte nada aqui.

Ent: E a comunidade no entorno como percebe o SASE, colabora?

R: Na medida do possível sim. A comunidade aqui no entorno continua sendo uma comunidade carente. O SASE não foi criado pra atender a comunidade e sim a região nordeste e o que acontece? Muitas vezes a comunidade não entende isso, acha que o SASE tem que atender as crianças da comunidade a qual pertence. Só que muitas das crianças da comunidade aqui não são critério de SASE. Não que não necessite pois entra em toda aquela

questão da proteção e da prevenção. A maioria dos que vem procurar o SASE e que estão fora dos critérios buscam a prevenção e o SASE não é pra prevenção e sim proteção. E aí vem aquela pergunta: - eu preciso deixar acontecer um problema com a criança pra ela poder entrar no SASE?

Ent: Por quanto tempo elas ficam no SASE?

R: Vai depender de cada caso, de meses a anos. É aquela coisa assim, como é que tu vai resolver a miserabilidade da família? Por exemplo uma criança que entrou com 7 anos no SASE e família é miserável, o SASE vai resolver isso como?

Ent: Qual a principal característica das famílias que acabam ficando aqui mais tempo?

R: Na verdade é a miserabilidade e o que acompanha ela. Por exemplo uma criança de Peti que é trabalho infantil, a família coloca pra trabalhar, mendigar. Lá pelas tantas acaba o período da bolsa e assistente social por mais que se esforçasse não conseguiu com a família vencer o problema. Lá pelas tantas a gente se dá conta de que se as crianças forem para casa vão continuar trabalhando. Então, o maior fator é a miserabilidade. Depois tem a questão do local onde a família mora, que é a violência massiva, do entorno, que também não depende da família. Se tu mora num local de risco, de tráfico de drogas, armas e o pai trabalha e a mãe também, mas renda não é suficiente para cuidar de três filhos e as crianças vão ficar na rua? O fato de a mãe trabalhar ou o pai trabalhar não é critério de ingresso mas isso vai depender do local onde moram. De repente vai entrar com 7, sair com 14 e entrar pro trabalho educativo. Se a criança sai e fica pelas ruas é um prato cheio pros traficantes. Mas se no tempo que ela ficou aqui conseguimos plantar uma semente, já é alguma coisa. Seria sim interessante que o SASE fosse até os 16 anos, pois depois dessa idade o jovem já pode começar a pensar em trabalho, em se profissionalizar.

Ent: É possível, a criança entrar no SASE um tempo e superada a vulnerabilidade, saindo daqui, e o problema retornando mais tarde, o seu retorno?

R: Sim, pode ser feita uma reavaliação de cada caso.

Ent: Como é a relação do SASE com o Conselho Tutelar?

R: Bom, vou falar pelo Conselho Tutelar da nossa região... Agora tá mais calmo... Mas o que é que acontecia...? Os Conselheiros tutelares tem um grande poder nas mãos e muitas vezes é muito maior do que a competência que eles tem, a formação que eles tem ( apenas segundo grau) e eles tem uma responsabilidade muito grande, tem até voz de prisão dependendo da situação e a formação deles não tem nada a ver... Porque o conselheiro é eleito pela comunidade... Eu acho que para ser eleito tinha que já ter uma experiência de trabalho com crianças, no mínimo. Na prática a gente vê, pelos acompanhamentos de Conselho de atuação do Conselho Tutelar. Quando entrei na coordenação, muitos encaminhamentos realizados pelo Conselho para cá não eram critério de SASE. Lá pelas tantas o Conselho Tutelar pegava a situação de uma família na mão, não sabia o que fazer e oferecia a entrada no SASE como se fosse um prêmio e aí vinha a criança com encaminhamento do Conselho e o que se notou? Que haviam situações de procura espontânea da comunidade, que eram mais graves do que as situações de encaminhamento do Conselho. Teoricamente, encaminhamento de Conselho deveria ser irrecusável né. Faziam uma espécie de requerimento de SASE quando na verdade eles tem é que solicitar uma avaliação de situação encaminhada. Por exemplo, há dois anos atrás encaminhei uma relação para o Conselho de critérios de ingresso no SASE, pois haviam conselheiros novos. Os conselheiros novos me ligaram agradecendo pois facilitou o trabalho deles. Já os conselheiros antigos não gostaram porque interpretaram como se estivesse dizendo pra eles o que eles tinham que fazer. Uma vez tive que acionar o

departamento jurídico da Fasc devido a uma situação em que o Conselho tava requerendo vaga e fazendo ameaças... Que eu era obrigado a aceitar tal criança no SASE e o SASE não tinha vaga. Eu não tava questionando com ele se era critério ou não aquela criança entrar... E o que é que acontece , tu acaba transformando o SASE num depósito sem ter qualidade no atendimento, não é simplesmente colocar para dentro.

Ent: Tu acha que o trabalho se dá em parceria?

R: Olha, não dá pra generalizar, mas deveria ser uma relação harmoniosa pois os dois devem trabalhar juntos.

Ent: Quando se faz o desligamento é obrigatório passar pelo Conselho?

R: Não. Se a gente constata que a criança ainda precisa de proteção e o responsável tá tirando a criança do SASE aí a gente encaminha pro conselho, pois a vulnerabilidade não foi ainda superada...

Ent: No convênio do SASE se sugere que deva ter 25 crianças por sala, como isso se dá na prática?

R: Na verdade é por metro quadrado a medida que se faz para alocar o número de crianças, não saberia te dizer esse cálculo agora. Aqui nós atendemos 15 por sala.

Ent: Tu acha que se tivesse mais espaço físico poderia se atender mais crianças?

R: Eu não acho, eu preferiria ter mais uma sala e mais um educador, porque o tipo de trabalho que faz no SASE exige atenção a cada criança. Cada criança é um caso... Eu sei que tem SASES que trabalham 25 crianças por sala e eu não acho isso muito produtivo. De repente o que tá faltando em casa pra criança, que tá faltando na escola, que é atenção, vai faltar também no SASE com muitas crianças por sala. O ideal seriam 8 a 10 crianças para cada educador, para que pudesse dar uma atenção especial a cada criança. Claro que na prática isso é inviável por uma série de questões.

Ent: Às vezes a gente escreve um projeto na teoria para depois experimentar na prática... Na experiência de vocês, já foi cobrado pela Fasc o fato de vocês estarem atendendo menos crianças do que o sugerido?

R: Não, nunca nos foi cobrado até pela questão da metragem da sala, a gente tá dentro do critério. O que é cobrado pela Fasc são as metas de atendimento que neste SASE são 80, porque a gente recebe do convênio com a Fasc para atender 80. Eu até acho que a FASC tinha que fazer uma maior fiscalização. Claro que aí tem o seguinte: se tu trabalha em parceria não teria que ter um órgão fiscalizando... Mas eu acredito que deveria ter alguém olhando quantos tu atende dentro da sala. Essa avaliação é feita uma vez por ano. Mas não existe uma cobrança mais severa. A Fasc colabora, quando a gente tem que recorrer ao jurídico ela apóia, pois respeita a meta de crianças por convênio né.

Ent: Como tu percebe o SASE enquanto política pública, é necessário? Está adequada a sua configuração?

R: Acho que sim... É de extrema importância até porque o poder público não dá conta de fazer. As entidades civis estão cumprindo um papel que deveria ser do poder público né. É um serviço (SASE) extremamente necessário. Deveriam ter mais SASES até pela quantidade de crianças que estão na lista de espera.

Ent: Quantas crianças estão na lista de espera deste SASE hoje?

R:Em torno de 90 crianças dentro dos critérios fora as que estão fora de critério. Isso não contando as que não procuraram e que não estão na lista de espera. Essa demanda reprimida é a que a gente tem registro, a gente sabe que tem muito mais crianças e não se tem registro. Essas que estão na lista de espera são as que tiveram encaminhamento e não temos vagas. Tem muitas crianças que moram nas invasões, não tem endereço, estão expostas a miserabilidade e violência e a mãe não vem procurar. É difícil até pra fazer uma visita. Tem crianças que precisam e os pais não procuraram o SASE né.

Ent: E como tu vê a relação do SASE com os outros SASES?

R: As reuniões com os outros SASES da região são mensais e a relação com os outros coordenadores é boa. A comunicação é tranquila também. Tanto é que em situações de um coordenador precisar de vagas, a família necessita e não tem mais vaga, um SASE entra em contato com outro solicitando vaga ou fazendo transferência.

Ent: Por que acontece situações de trocar uma criança para outro SASE?

R: Às vezes é na matrícula, o horário da escola não combina com o horário do SASE. Às vezes situações de mudança de endereço da família. O problema é que, normalmente, todos os SASES tem uma lista de espera.

Ent: E a relação com o Fórum de SASE como se dá? O que é o fórum do SASE pra ti?

R: O Fórum é a organização da sociedade civil. São as entidades que são conveniadas que se organizam. É um espaço para reivindicar situações que ocorrem com o convênio de SASE, como o SASE não é um projeto de lei né. O Fórum senta com os coordenadores de SASE, representantes e estudam as cláusulas do convênio, vêem se tem alguma adaptação a ser feita e passam essa solicitação de adaptação ou exclusão de uma cláusula ou até acrescentar algo para o governo né, para ter mais verbas. Agora conseguimos aprovar o décimo terceiro. A partir desse ano os SASES passam a receber décimo terceiro, o que ajuda muito para pagar salário de funcionários, reformas e isso é uma conquista do Fórum.

Ent: E tu acha que tem participação das entidades?

R: Não como deveriam participar, mas participam.

Ent: E os educadores participam também?

R: É mais para a coordenação. Mas o Fórum também proporciona para as entidades capacitações, duas vezes por ano há capacitação para os educadores.

Ent: E quem faz as capacitações?

R: É uma organização do Fórum com as entidades que indicam oficinairos e se organizam num espaço determinado.

Ent: E ninguém ganha pra organizar isso?

R: Não, é um trabalho voluntário. Até porque o Fórum não tem fundos. É uma proposta democrática. Que eu saiba o governo oferece o espaço para as reuniões do Fórum... mesmo não podendo participar das reuniões

Ent: E como fica essa questão de a Fasc não poder participar das reuniões, mas disponibilizar o espaço?

R: Se for ver pelo lado democrático, é democracia. Se for ver pelo lado ditatorial poderiam dizer: nós somos governos e estamos dando o dinheiro, se vocês querem se organizar, se organizem. A sociedade civil tá dando conta do que o poder público não tá conseguindo e é

papel do poder público. O que está se fazendo na questão do trabalho educativo, do SASE , por exemplo são coisas que o poder público deveria dar conta. Se está ruim com as entidades, pior sem elas. Se as entidades parassem de atender, quantas crianças ficariam sem atendimento no município?

Ent: Quem criou o SASE?

R: Não sei quem criou o SASE. Eu sei que surgiu no governo do PT.

Ent: Pra ti o que é o SASE?

R: Proteção, serviço de proteção.

Ent: Na tua opinião o que falta hoje pro SASE?

R: Paralelo a ele eu acho que deveria ter um SASE para família, algum órgão que trabalhasse a família.

Ent: Mas o Programa Família e Peti não dão conta disso?

R: Sim o Peti trabalha com a família e uma das cláusulas é que as crianças estejam no SASE, aí tu sabe que essa família tá sendo trabalhada ... Só que na prática é muito difícil acompanhar a família. Seria assim: toda criança que tá no SASE, provavelmente é por causa da família que ela tá ali, então a família teria que ter um acompanhamento mais de perto.

Ent: Quem tu acha que deveria fazer esse trabalho?

R: Assistente social que fizesse a triagem e o acompanhamento. Por exemplo, aqui na entidade a gente tem assistente social mas ela não é designada para isso. Ela é designada para o programa Peti e são 40 famílias, então ela tem que dar conta de 40 famílias. Por exemplo, as crianças que estão aqui por outros motivos que não trabalho infantil (bolsa Peti) a assistente social não tem obrigação de acompanhar. Também é importante o trabalho do psicólogo no auxílio ao entendimento nessas famílias. Eu acho que cada SASE deveria ter uma equipe para trabalhar a família. Hoje se trabalha a consequência e não a causa e isso, muitas vezes, é tapar o sol com a peneira.

Ent: Tu acha que o SASE funciona como política pública?

R: Na verdade, a coordenação de um SASE , onde não tem assistente social nem psicólogo, detectou que a criança precisa de um acompanhamento psicológico... Ela encaminha para um órgão que trabalha com isso... Aí a família precisa conseguir vale-transporte pra tudo isso, pra conseguir atendimento, entrar em fila para o atendimento psicológico. Por isso que a gente entende que às vezes as entidades não trabalham como deveriam, acabam deixando o problema como está. Tem gente que diz: - ah, fica difícil desligar tal criança da entidade. Mas será que é difícil desligar ou é melhor trabalhar com quem a gente já conhece, que já tem vínculo? Do que todo ano fazer a reciclagem e analisar as situações das crianças e adolescentes, se continuam em situação de critério de SASE ou não e pegar um monte de problema novo. E por que acontece isso? Porque tu não consegue dar conta de tudo, o teu salário não condiz . Trabalhar no amor? Claro que tem que trabalhar no amor, mas o amor não enche barriga e a maioria das pessoas que trabalham nas entidades tem famílias para sustentar. Outra situação é que a gente faz visita nas invasões, se expõe a situações e não ganha insalubridade por isso ou difícil acesso. Sabemos que tem órgãos na prefeitura, mesmo na Fasc, nas redes próprias onde os profissionais ganham muito mais e fazem menos do que as entidades fazem a nível de prestação de serviço à comunidade. No final sempre estoura no mais fraco, na criança que tá em casa, que não tá conseguindo vaga porque já estão todas ocupadas no SASE. Muitas vezes quando o SASE é só conveniado depende muito da

comunidade onde ele está instalado, aí tem que contentar a comunidade para poder receber ajuda, e muitas vezes esse agradar a comunidade é feito através do privilegiar a matrícula de crianças da comunidade no SASE, nem que não sejam critério. Aqui a gente tem a opção de não fazer essa troca com a comunidade pois temos mantenedora. Então, podemos manter crianças que realmente sejam critério, mas a gente sabe que tem muitos SASES que vivem através da barganha. Se a entidade não consegue com projetos, de algum lugar tem que tirar dinheiro pra sobreviver. Afora os baixíssimos salários, salário mínimo para um educador de SASE. Como é que tu vai exigir qualificação dessa pessoa no atendimento às crianças e adolescentes? Aqui na entidade, graças à mantenedora a gente pode exigir qualidade dos educadores pois se pode pagar um salário condizente. Mas se é uma política pública deveria ser igualitário pra todos.

Ent: Bom, eu quero te agradecer a entrevista e me colocar a disposição para qualquer dúvida. Obrigada.

Entrevista 12: “Luís” (nome fictício) – Representante da coordenação do Fórum de SASE e coordenador de um programa de SASE. Data:5/09/06

Ent:Qual teu papel aqui na instituição?

L:Meu nome é “Luís”.Assumi na P. C. em 2003. Entrei como coordenador pedagógico do SASE, eu trabalhava praticamente com os educadores. Em 2004 me convidaram para coordenar toda a instituição. Trabalho num setor muito amplo,que tem SASE ,cursos, grupos de geração de renda, telecentro.

Ent:A P. C. é uma ong?

L:Sim, sustentada exclusivamente por convênios assinados com a prefeitura, poder público em geral, alguma parceria com empresas e doações, só. Não há nenhuma mantenedora fixa. Quem colabora mais com a casa já há algum tempo é o Adolescente Aprendiz, que tem mais ou menos duzentos adolescentes, um projeto da Caixa Econômica Federal que acaba ajudando a pagar custos gerais como funcionários. Mas os programas SASE e Trabalho Educativo a gente consegue se sustentar com a verba que vem do poder público. Na instituição também tem educação infantil e 70 pessoas no grupo de idosos. São atendidos por dia mais ou menos entre crianças e adolescentes 650 pessoas e a estrutura é muito pequena, a gente tem um projeto de reformular a casa. Ela foi sendo toda emendada na sua estrutura física para poder atender a toda essa população. Aqui nessa comunidade precisava também ter outra instituição. Só a P. C. não dá conta de tudo, a gente nunca dá conta.No SASE por exemplo, hoje a gente está com 84 alunos sendo que a meta de convênio é 60 e tem 114 na lista de espera e é sempre assim.Aqui as condições de vida são muito complicadas, violência doméstica principalmente. Comida: há casos em que a refeição principal é feita aqui na P.C., famílias totalmente desestruturadas, alto índice de natalidade, adolescentes grávidas de 13, 14 anos. A adolescente ganha respeito por estar grávida. Num casebre pequeno dormindo 7, 8 pessoas juntas. A sugestão do tráfico aqui é um problema sério também. Esse ano perdemos 3 adolescentes do trabalho educativo pro tráfico, cumprindo pena socioeducativa. Então é uma concorrência um pouco desleal porque “isso rende muito”.

Ent:E o que é o Fórum da Criança e do Adolescente?

L: Bom, com o Estatuto da Criança e do Adolescente criado em 1990 algumas coisas foram se reestruturando, assim como é o SUAS hoje. Em 1988 é colocado na Constituição Federal que a criança é prioridade absoluta. Porto Alegre é um pouco referência na política pública.

Quando surgiu a idéia de escola integral já existia em Porto Alegre o SASE que não era escola mas oferecia oficinas. Eu não tenho aqui a data de quando se fez o convênio com a Fasc. Instituições já faziam um trabalho extra-classe e ofereciam oficinas diversas, é claro que não era uma proposta tão organizada como é hoje. Hoje estamos trabalhando em cima de propostas metodológicas mas antes já existiam atividades e a prefeitura incentivou com convênios. O Fórum partiu de organizações da sociedade civil que quiseram se organizar para discutir também a priorização da criança e Adolescente pelo ECA. Nada mais é do que um espaço de debate onde a sociedade civil organizada tenta ver alguns parâmetros e ao mesmo tempo tenta ser uma oposição, mas não aquela oposição que se entenda como sempre querendo combater, mas uma oposição saudável de tentar pensar junto alguns princípios para a dinâmica social da criança e do adolescente em POA. Então assim surge o SASE. Tem um Fórum maior que é o da Criança e Adolescente que é a sociedade civil organizada que gerencia esse fórum, as Ongs. Surgiu em 1997 e tem suas ramificações com o intuito de abarcar todos os trabalhos que são feitos. No início tudo era discutido junto, aí se percebeu que separando por segmentos, como SASE e Trabalho Educativo poderia se tornar um trabalho melhor. As ramificações então são educação infantil, o SASE, o Trabalho Infantil e os PPD'S, só que esses tem uma diferença que aqui (PPD) participa o poder público nas discussões. É a única ramificação que engloba o poder público também, o PPD. O resto é só a sociedade civil. Quisemos deixar uma coisa bem distinta para não perder a identidade.

Ent: E como fica a supervisão dos trabalhos na prática pela rede pública, já que ela supervisiona os serviços conveniados?

L: Bom, eu entrei nesse trabalho em 1998 e já existia SASE em convênio. A idéia básica do convênio é: o poder público apóia o serviço com determinada quantia mas a instituição também tem a contrapartida. Está tudo no projeto, tamanho de salas, essas coisas, que são lei... O valor para cada instituição vai variar conforme as metas. Tudo tem que ter nota fiscal na prestação de contas. Se há erro na prestação de contas tranca toda a instituição. Já teve instituições com problemas sérios em relação a isso. Só que a verba de convênio não contempla todas as necessidades pra se fazer um bom serviço. Hoje, por exemplo, tem psicólogas no programa e isso o convênio não contempla mas é muito necessário, assim como psicopedagogo. Outro detalhe é a questão da meta de 25 educandos por educador, só que se vê na prática que é muita gente. Por exemplo aqui na P. C. nós temos espaço físico mas falta verba para investir no SASE. Já as instituições que possuem mantenedora conseguem equilibrar as necessidades, contratar uma psicóloga. Só que isso é negativo pois o ideal seria que o próprio convênio garantisse isso e não dependesse da mantenedora. Assim como na Zona Norte tem atendimento psicológico aqui na Zona Sul também precisa. Então a coisa não é justa, não é integrado entende. De repente chega um momento em que tu não consegue mais dar conta, que as exigências dos educandos mudam.

Ent: E o que é construído no fórum é levado ao poder público?

L: Claro. O fórum é um espaço de debate onde a sociedade civil a partir dos convênios que se tem discute a política da criança e do adolescente. Mas ali não se discute só poder público e sim todas as atividades concernentes à criança e o adolescente. Nós defendemos a política da criança e do adolescente e tudo que vem pra apoiar e debater nessa discussão é bem vindo. A partir da metade do ano passado para cá deu uma pausa, o poder público não nos recebeu mais para discussão. Nós discutimos cláusula por cláusula do convênio tanto nas instituições como no grande fórum nós trazíamos um pouco do que nós tínhamos lido. Instituições que não entendiam algumas cláusulas foi explicado. Desde repasses defasados até a questão mais pedagógica. Agora se voltou novamente essa discussão e semana que vem dia 19 (outubro) estaremos discutindo novamente com o poder público para ver o que é possível mudar, o que

seria importante modificar. Uma questão é a dos 25 por turma que é muita gente. Então a gente tá querendo ver o que o poder público pode estar aprimorando e desenvolvendo e o que é que as instituições podem melhorar também. Hoje conseguimos dar conta aqui graças aos voluntários que fazem oficinas diversas e diminuí o número de crianças por turma. Mas pela questão do contrato se nós diminuirmos o número de crianças por turma vai ficar muita criança na rua sem atendimento então não dá né...E se o Conselho Tutelar encaminhar um hoje a tarde a gente vai trazer aqui pra dentro. O módulo Partenon encaminha, o SASE Travessia encaminha, o PAIF encaminha. É muito encaminhamento fora a própria comunidade que fica na espera né. Aumentando a meta aqui nós poderemos pro ano que vem contratar uma psicóloga para fazer a supervisão né.E tem entidades que tem menos infraestrutura ainda, então realmente o trabalho fica penoso. O único serviço especializado que temos aqui é de assistente social. Para outros profissionais a gente faz encaminhamento para a rede pública. A gente fez parceria com o Hospital Psiquiátrico São Pedro, com clínicas. Só que o que a experiência mostra é que sair da comunidade para ser atendido em outro lugar não dá certo. Tu pode dar vale-transporte e até disponibilizar um carro, não funciona na prática. Fora aquele tabu de que psicólogo é pra louco né, com os adolescentes a gente teve que fazer todo um trabalho de conscientização. Os adolescentes testam os adultos o tempo todo. Era uma psicóloga que vinha voluntária de uma clínica e fazia um trabalho com eles, foi uma boa experiência. A experiência mostra que o profissional tem que estar no local, participando das atividades. O vínculo é a base de tudo. Esse é eixo central da diferença do SASE pra escola, é o vínculo que o trabalho de SASE proporciona entre o educador e aluno. Se a gente hoje parasse pra perguntar às crianças o que elas preferem, escola ou SASE? A resposta unânime seria: o SASE. Hoje uma escola integral não superaria o trabalho do SASE e a importância que o SASE tem. Teve uma eleição em que o deputado Vieira da Cunha defendeu a idéia de escola integral. Em primeiro lugar, há um paradoxo nisso tudo porque o país não tem estrutura para gerenciar escolas em tempo integral. Não há vagas para todos estudarem, muito menos estudar o dia inteiro né.Mesmo que existissem escolas integrais não teria estrutura para se fazer o trabalho que hoje se faz no SASE junto às famílias. Então, é muito amplo esse trabalho. A instituição dá conta de muitas questões que o convênio não dá conta.Fora a questão de que quando se fala em cortes de gastos públicos onde ele primeiro se dá é na assistência social.

Ent:Até o fato de assumir o fórum, é uma questão voluntária né?

L: Exatamente. No momento eu faço a coordenação do SASE e do Trabalho Educativo. No Fórum eu sou uma das ramificações do Fórum da Criança e do Adolescente mas o Fórum possui uma coordenação oficial. Do Fórum do SASE e Trabalho Educativo eu sou coordenador, mas voluntário. A nossa participação é importante. Na última reunião que tivemos no Fórum conversamos sobre a importância de se fazer uma reunião só com os dirigentes das instituições para explicar melhor a função desses fóruns, porque às vezes os coordenadores reclamam:- puxa meu educador tá saindo de novo da instituição, não trabalha mais... Não dão a importância devida né.Issó é um problema, o engajamento político das instituições é pouco e das pessoas que trabalham dentro menos ainda.O pessoal não se dá conta de que é através dessas discussões que se ampliam convênios.Hoje temos em torno de 106 instituições de SASE, e trabalho educativo umas 64. Temos uma lista de todas as instituições, mas várias nunca apareceram nas reuniões do Fórum. A gente nem consegue conhecer, mas ao mesmo tempo está representando elas nas lutas.Eu só tive esse espaço pra participar do Fórum porque a instituição P. C. percebeu como algo importante, é uma consciência adquirida. A reunião do Fórum é na rua Voluntários nº 1513 e ocorre mensalmente. O Fórum do SASE é bimestral. Então, na verdade, tem uma reunião por mês de SASE da coordenação, somos mais ou menos três pessoas. No início do ano oito pessoas

deram o nome e acabou em três no final, três instituições contando comigo e nos meses que tem os Fóruns são duas reuniões, aí com as instituições e educadores. Esse ano fizemos o primeiro seminário de educadores de SASE e foi muito bom. O Fórum tem como objetivo tornar o SASE e Trabalho Educativo projetos de lei. Se o SASE e outros programas de atendimento parassem um de trabalhar, todas essas crianças iriam para as sinaleiras, aí talvez o poder público e a mídia dariam mais importância né. Nós fizemos entrevistas com crianças da comunidade e muitas delas disseram que seu ideal de vida era ser traficante, pois o traficante dá proteção, tem poder, dá ajuda, alimento. Garantir direitos básicos é essencial.

Ent: Mas falando um pouco mais sobre o SASE, como tu vê a prática?

L: Bem, eu vejo que o SASE ajuda no reforço escolar, mas não pode assumir o papel da escola. Aqui nós trabalhamos com oficinas que trabalham a parte lúdica como música, números, jogos para trabalhar dificuldades escolares. Percebemos a falta de professores nas escolas. Há uma legião de adolescentes analfabetos e a única alternativa são as práticas socioeducativas: música, artesanato, teatro. Fazemos também torneios esportivos com a Lomba do Pinheiro e Partenon. Se a criança é prioridade no ECA e na Constituição Federal porque não se investe mais? É dever federal.

**ANEXO 3 – LETRA DAS MÚSICAS: “RAP DAS CRIANÇAS DO SASE” e “ RAP: O CAMINHO É O SASE”**

**Rap das Crianças do SASE**

Eu sou uma criança  
que vou lá pro “Centro Social”  
pra fazer atividade  
conhecer outras crianças  
e fazer a amizade  
Construir a paz  
Com o educador  
Na rua ou no SASE  
Não importa  
Aonde for  
Somos todos cidadãos  
Cantando numa voz  
Uma única canção  
Agradeço ao Senhor  
Ter me dado este dom  
Continuando nesta rima  
Seguindo a auto-estima  
Produzir na oficina  
Um trabalho objetivo  
Não faço inimigos  
E respeito a amizade  
Na oficina de teatro e também no hip-hop  
Na dança gaúcha a tradição já dá um toque  
Tem oficina de montão  
E trabalho pedagógico  
Criança em plena evolução  
Refrão  
Crianças incluídas no SASE (2x)  
Tirando as excluídas das ruas da cidade

Autores: alunos e educador da oficina de Hip-Hop do SASE

**Rap: o caminho é o SASE**

Faço a minha rima  
 Deixo pra julgar  
 Mando a mensagem  
 Pra você acreditar  
 Faço parte da vila  
 Passo de louco  
 Pra louco  
 Sou mais um louco  
 Mais só um pouco  
 Nascido e criado  
 Aqui deste lado  
 Sou mais um negro  
 Com o destino  
 Totalmente traçado  
 Não tô errado  
 Faço o certo  
 Não venha me julgar  
 Mensagem errada  
 Não quero escutar  
 Pedra, cocaína  
 Baseado deixa de lado  
 Um maluco veio me condenar  
 Disse que pra cantar rap  
 Tenho que me chapar  
 Não é o meu lado  
 Ficar embaçado.  
 Troco errado  
 Eu deixo de lado  
 Troco errado, meu  
 Fica embaçado  
 Deixo de lado  
 Quem canta chapado  
 Se tornar drogado  
 A escola e o SASE, meu  
 Estão ao seu lado  
 Chegou a minha hora  
 Agora eu vou falar  
 Neguinho da vila  
 Sangue tipo (A)  
 Mandando a mensagem certa  
 Não deixo me abater  
 Faço o meu som contaminar  
 Batendo na sua cabeça  
 Fazendo estremecer  
 Sempre falando a verdade  
 Nunca deixando para traz

A rima mando o som certo  
Pra você nunca jamais se esquecer  
Não adianta a cocaína  
É só correria e tiroteio  
Aí criança sai do meio  
Vai pra escola  
Participar do recreio  
Brincadeira, vôlei, futebol  
Manhã ou tarde  
Não ficar nas ruas da vida  
Aprendendo as viagens  
Que às vezes não tem fim  
Existe sim um bom caminho  
Pois este rap eu não canto sozinho

Autor: J. (12 anos) aluno de SASE – música produzida na oficina de Hip – Hop.